



Programa de Pós-Graduação em
LINGUÍSTICA

**ALTERNÂNCIA PRONOMINAL E CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL NA
LÍNGUA BISSAU-GUINEENSE**

São Carlos - SP
2024



JANIFER NUNES DA FONSECA

Alternância pronominal e concordância nominal e verbal na língua Bissau-guineense

Dissertação de mestrado em Linguística
apresentada à Universidade Federal de
São Carlos, como parte dos requisitos
para a obtenção do título de mestre em
linguística.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio
Rubio

Coorientador: Prof. Dr. Oto Araújo Vale

São Carlos-SP

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Nunes da Fonseca, Janifer

Alternância pronominal e concordância nominal e verbal na língua bissau-guineense / Janifer Nunes da Fonseca -- 2024.

102f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Cássio Florêncio Rubio

Banca Examinadora: Profa. Dra. Gislene Lima Carvalho (UNILAB), Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes Rodrigues (UNILAB)

Bibliografia

1. alternância pronominal; concordância verbal; língua bissau-guineense; concordância nominal. . I. Nunes da Fonseca, Janifer. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Janifer Nunes da Fonseca, realizada em 25/07/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio (UFSCar)

Profa. Dra. Léia Cruz de Menezes Rodrigues (UNILAB)

Profa. Dra. Gislene Lima Carvalho (UNILAB)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, que sempre me apoiaram incondicionalmente em todos os momentos, mesmo estando longe de mim, a minha amada e querida mãe-avó Maria Geralda Soares Cassamá; aos meus irmãos, que sempre foram a minha âncora e força para vencer qualquer dificuldade, Victor Manuel Nunes da Fonseca, Ivanilda Flaviana Nunes da Fonseca, Jaqueline da Assunção Nunes da Fonseca; aos meus pais (Cadi Djassi e Erasmo Carlos Nunes da Fonseca) e minha família.

AGRADECIMENTO

Antes de tudo, quero expressar minha gratidão à minha querida e amada avó, Maria Geralda Soares Cassamá, por todo o carinho, educação, ensinamentos e apoio. Tudo o que conquistei até agora devo a ela, e todo esse mérito é seu. Agradeço por todo o esforço dedicado a mim. Aprendi muito com sua orientação, o que tem sido e será um guia constante em minha jornada acadêmica. Você não me deu a vida, mas é mais do que uma mãe para mim, sempre me apoiando em meus estudos desde a infância até hoje. As palavras não são suficientes para descrever toda sua generosidade.

Agradeço a Deus e aos meus ancestrais pela vida, saúde e a força de chegar até aqui e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo deste percurso acadêmico.

Aos meus pais, Erasmo Carlos Nunes da Fonseca e Cadi Djassi, agradeço por terem me dado a vida, carinho e lutar por mim, para que nada pudesse me faltar, principalmente no que concerne à alimentação e a educação.

Aos meus amados e queridos irmãos, Victor Manuel Nunes da Fonseca, Ivanilda Flaviana Nunes da Fonseca e Jaqueline da Assunção Nunes da Fonseca, agradeço por fazerem parte da minha vida e por serem meus escudos, minhas âncora e por me incentivarem nos momentos difíceis e compreenderem a minha ausência (há muitos anos) enquanto me dedicava em dos meus grandes sonhos.

A minha prima-amiga Morida Djedjú e minha amiga-irmã Jacemine Valéria Sambú, agradeço por fazerem parte da minha vida e por serem meus grandes e melhores amigas desde a infância, agradeço a vocês pelo encorajamento e suas contribuições na minha vida acadêmica. Ainda agradeço, pelo apoio que têm me dado neste percurso, foram tantos dias de lutas, choros e desespero, mas temos um ao outro para nos confortar, lembrando que temos um objetivo para cumprir. Os vossos apoios foram de muita importância e não tenho palavras para descrevê-las, mas agradeço vocês de fundo do meu coração pela ajuda, amizade e por fizeram parte da minha vida.

Quero expressar minha gratidão ao meu orientador, professor Dr. Cássio Florêncio Rubio. É difícil encontrar as palavras certas para descrever quão admirável é, e quão crucial foi e ainda é para o meu progresso acadêmico. Admiro profundamente sua competência, profissionalismo e personalidade. O senhor é um modelo a seguir para mim. Agradeço por fazer parte da minha jornada acadêmica e por me apoiar e motivar desde o início e até hoje. De igual maneira, agradeço ao meu coorientador, professor Dr. Oto Araújo Vale, que muito contribuiu ao longo dessa jornada, com todo o seu conhecimento e experiência.

Agradeço à Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, minha eterna casa, pela oportunidade que me deu de realizar o sonho que tinha em mim de ser uma mestra em linguística. Obrigado pelo ensinamento e tudo que tem proporcionado por mim durante estes dois anos. Obrigada a toda comunidade acadêmica e aos técnicos administrativos. Agradeço também ao Brasil e ao seu governo pela ajuda oferecida a mim e aos meus irmãos guineenses de estudar aqui nessa linda terra, obrigado por fazer-me realizar o sonho de o conhecer.

Agradeço, de forma geral, a toda minha família (avós/ôs, tios/as, primos/as, sobrinhos/as) e em particular a minha querida e amada prima Joice Baldé (Mine) pela bela amizade, amor e carinho que tem me dado desde a nossa infância, até hoje. Agradeço meu bom Deus e ancestrais por ter colocado você na minha vida, prima (Joice). E também agradeço às pessoas que sempre estão perto de mim para me ajudar nas minhas lutas e dificuldades.

Quero expressar minha gratidão ao meu companheiro Besna Armando Daniel, pela parceria, afeto e compreensão ao longo da realização deste trabalho. Sou profundamente grato por tudo. Agradeço de coração a Deus e aos meus Antecessores por terem colocado você no meu caminho e na minha vida, em momentos em que estava precisando de amparo, ajuda e amor.

"Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Eu tenho um sonho hoje."

Martin Luther King Jr

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o emprego da alternância pronominal em função do sujeito, da concordância nominal no sintagma nominal sujeito e do paradigma de concordância verbal na língua bissau-guineense (também chamada de kriol, guineense ou crioulo guineense). A partir desse objetivo geral, formulamos quatro objetivos específicos: compreender a função e a estrutura dos pronomes pessoais em função de sujeito na língua guineense; analisar, do ponto de vista qualitativo e exploratório, os processos de variação relacionados à alternância pronominal na língua bissau-guineense; descrever a estrutura e função do verbo dentro das sentenças; explicar as formas do paradigma verbal nas três pessoas do discurso no singular e plural na língua bissau-guineense. Como base teórica, do ponto de vista descritivo, temos Perini (2003); Couto e Embaló (2010); Intumbo (2007), Scantamburlo (1999, 2021); Tavares (2021) e Castilho (2010), dentre outros, e, do ponto de vista metodológico da Sociolinguística, temos Labov (2008) e Mollica (2003). A abordagem é qualitativa/quantitativa, com a aplicação de 30 ocorrências em formulários estruturados, que buscaram informações dos aspectos relacionados à temática proposta nos objetivos, com 63 estudantes guineenses, residentes no Brasil e na Guiné-Bissau. Os resultados apontam que: i) há processos de variação em todas as pessoas do discurso na língua bissau-guineense, no que se refere ao emprego dos pronomes; ii) as alternâncias pronominais se dão entre o emprego das formas clíticas e não-clíticas; iii) a não possibilidade de apagamento das duas formas pronominais está relacionada ao fato de, na língua bissau-guineense, não haver marcas de concordância nos verbos, como ocorre em outras línguas e/ou variedades (como o português padrão), sendo empregado este em estrutura invariável, cabendo ao SN-sujeito a marca de número e de pessoa; iv) o paradigma de conjugação verbal da bissau-guineense assemelha-se ao de outras línguas e ou variedades, como o inglês padrão e a variedade do português popular, no que diz respeito à ausência de marcas de concordância nas formas verbais. Concluímos que: há variação no uso de pronomes - sujeito e a ausência de marcas de concordância verbal como acontece em português, destacando a variação no uso de pronomes e a ausência de marcas de concordância verbal, aspectos que evidenciam a influência do princípio da economia linguística na estrutura da língua. A análise revela que o plural é marcado de forma não redundante, limitando-se ao núcleo do sintagma nominal, semelhante ao que ocorre no inglês. Há ausência de uma norma-padrão e a não utilização de artigos.

Palavras-chaves: alternância pronominal; concordância verbal; língua bissau-guineense; concordância nominal.

ABSTRACT

This paper aims to describe the use of pronominal alternation according to the subject, nominal agreement in the subject noun phrase, and the verbal agreement paradigm in the Bissau-Guinean language (also called Kriol, Guinean, or Guinean Creole). Based on this general objective, we formulated four specific objectives: to understand the function and structure of personal pronouns as subjects in the Guinean language; to qualitatively and exploratorily analyze the variation processes related to pronominal alternation in the Bissau-Guinean language; to describe the structure and function of verbs within sentences; and to explain the forms of the verbal paradigm in the three persons of discourse, both singular and plural, in the Bissau-Guinean language. The theoretical framework, from a descriptive perspective, includes Perini (2003); Couto and Embaló (2010); Intumbo (2007), Scantamburlo (1999, 2021); Tavares (2021), and Castilho (2010), among others. From a methodological perspective in Sociolinguistics, we reference Labov (2008) and Mollica (2003). The approach is qualitative/quantitative, with 30 occurrences analyzed through structured questionnaires that sought information related to the objectives, involving 63 Guinean students living in Brazil and Guinea-Bissau. The results indicate that: i) there are variation processes in all persons of discourse in the Bissau-Guinean language regarding the use of pronouns; ii) pronominal alternations occur between the use of clitic and non-clitic forms; iii) the impossibility of omitting the two pronominal forms is related to the fact that, in the Bissau-Guinean language, there are no agreement markers in verbs, as in other languages and/or varieties (such as standard Portuguese), with verbs being used in an invariable structure, and it is up to the subject noun phrase to mark number and person; iv) the Bissau-Guinean verb conjugation paradigm resembles that of other languages and/or varieties, such as standard English and popular Portuguese, in terms of the absence of agreement markers in verbal forms. We conclude that: there is variation in the use of subject pronouns and the absence of verbal agreement markers, as occurs in Portuguese, highlighting the variation in pronoun use and the absence of verbal agreement markers, aspects that evidence the influence of the principle of linguistic economy in the structure of the language. The analysis reveals that the plural is marked non-redundantly, limited to the core of the noun phrase, similar to what occurs in English. There is an absence of a standard norm and the non-use of articles.

Keywords: pronoun alternation; verbal agreement; Bissau-Guinean language; nominal agreement.

Rezumu na lingu bissau-guineense

Es tarbadju tene suma obidjetivu di diskribi aspectus di alternansia pronominal, di konkordansia nominal di sintagma nominal-sudjetu i di paradigma di konkordânsia verbal na lingu bissau-guineense (ku ta tchomadu tambi di kryol, kryol di Guiné-Bissau, guineense ô crioulo guineense). Na basi di es obidjetivu garandi, tarbadju tene quatre obidjetivus pikinus: ntundi mindjor funson ku strutura di pronomis pessoais na funson di sudjetu na lingu bissau-guineense; analiza di pontu di vista qualitativa/quantitativa e descritiva /exploratória, prosesus di variason ku na relasionadus ku quadru pronominal na lingu bissau-guineense; diskribi strutura ku funson di verbu dentru di okorensias; splica formas di paradigma verbal di diskursu na singular ku plural na lingu bissau-guineense. Studu fundamentadu, na pontu di vista diskritivu, na tarbadju di es piskisadores Perini (2003); Couto e Embaló (2010); Intumbo (2007), Scantamburlo (1999, 2021); Tavares (2021) e Castilho (2010), i ku utrus djintis, i na pontu di vista di metudu di sociolinguística, no tene Labov (2008) e Mollica (2003). Di pontu di vista metodologiku, a abordagem i qualitativa/quantitativa, ku aplikason di formularios ben struturadus, ki buska informasons di aspectus relasionadus ku tematika propostadu na objetivus, i konta ku partipason di 63 estudantis guineenses, ku mora na Brasil i na Guiné-Bissau. Pa kabanta es tarbadju no sai ki es resultadus: i) lingu bissau-guineense tene variason na tudu djintis di discursu, na kil ku ta rifiri forma ku no ta pui pronomis; ii) alternânsias pronominais ta da entri manera ke ta mprega es dus formas clíticas e não-clíticas; iii) i ka tene pusibilidadi di paga es dus forma pronominal, pabia lingu bissau-guineense ka tene marca di konkordansia na verbus suma ki ta akontisi na utrus lingu o varidadis, i asin suma na portuguis padron, i na lingu bissau-guineense es strutura ka ta varia, son SN-sudjetu ku ta marka numeru i djintis; iv) paradigma di kondjugason di verbus na lingu bissau-guineense i ta parsi ku utrus lingu ô variedadis, suma inglis padron i ku variedadi di purtuguis pupular, na kil ku ta fala di auzensia di marcas di konkordansia na formas di verbus. Nô conclui cuma: i tene variason na kil cu ta rifiri pronomis-sujeitus i ka tene tan marcas di konkordansia verbal suma ki ta akontisi na lingu purtuguis, distakandu variason na uzu di pronomis i auzensia di marcas di konkordansia verbal, aspectus ki ta evidensia influensia di prinsipiu di economia linguistica na strutura des lingu. Analizi conta cuma, plural ta marcadu di forma ki ka redundanti, i ta limita nucliu di sintagma nominal, i ta parsi cu di inglis. I ka tene tan norma-padron i ka tene tan artigu.

Palabras-chavis: alternansia pronominal; konkordânsia verbal; konkordansia nominal; lingu bissau-guineense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Gráfico 1: Percentual de falantes do português na Guiné-Bissau pg. 30
- Gráfico 2: Percentual de falantes da bissau-guineense em Guiné-Bissau pg. 34
- Quadro 1 - Quadro pronominal estudos do português brasileiro pg. 65-66
- Quadro 2- Quadro pronominal da língua bissau-guineense pg. 68
- Quadro 3 – Comparativo do português popular x inglês x língua Bissau – guineense: conjugação do verbo “bai” ir pg. 71
- Quadro 4- Comparativo do português popular x inglês x Bissau-guineense: conjugação do verbo “ama” na língua Bissau- guineense pg.73
- Quadro 5. Quadro dos/as participantes nesta pesquisa 77
- Gráfico 3. Variação entre as duas formas pronominais: forma clítica Ami N e não-clítica N na Bissau-guineense pg. 87
- Gráfico 4. Variação entre a 2 pessoa do singular 2PS: a forma clítica “Abo bu” e a forma não-clítica “bu e u” pg. 88
- Gráfico 5. Variação entre duas formas pronominais da terceira pessoa do singular 3PS. A forma clítica “el i” e a forma não-clítica “i” pg. 89
- Gráfico 6. Variação entre duas formas pronominais da primeira pessoa do plural 1PP. A forma clítica “anos nô” e a forma não-clítica “nô” pg. 90
- Gráfico 7. Variação entre duas formas pronominais da segunda pessoa do plural 2PP. A forma clítica “abos bo ” e a forma não-clítica “bo” pg. 91
- Gráfico 8. Variação entre duas formas pronominais da terceira pessoa do plural 3PP. A forma clítica “elis e” e a forma não-clítica “e” pg. 92

LISTA DE SIGLAS

- 1PS - Primeira pessoa do singular
- 2PS - Segunda pessoa do singular
- 3PS - Terceira pessoa do singular
- 1PP - Primeira pessoa do plural
- 2PP - Segunda pessoa do plural
- 3PP - Terceira pessoa do plural
- AP - Alternância pronominal
- Atr - Atributos
- CFA - (Comunidade Francesa da África)
- CV - Concordância Verbal
- CN- Concordância nominal
- CP- Complemento de Predicativo
- UEMOA- União Monetária do Oeste Africano
- V- Verbos
- PAIGC- Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde
- SN- Sintagma nominal
- SV – Sintagma Verbal
- SV- Sociolinguística Variacionista
- SAdj- Sintagmas Adjetivais
- SPrep- Sintagma Preposicional
- GN - Gramática Normativa
- GE- Gênero
- NU – número
- SVO- Sujeito-Verbo-Objeto
- Pv- Predicativos
- PB- Português Brasileiro

PE- Português Europeu

MP- Marcador de presente

MF- marcador de futuro

MPP- Marcador de pretérito perfeito

MPI- marcador de pretérito imperfeito

LISTA DOS GRÁFICOS

- Gráfico 1- Percentual de falantes do português na Guiné-Bissau pg 30
- Gráfico 2- Percentual de falantes do guineense em Guiné-Bissau pg 34
- Gráfico 3 - Variação entre as duas formas pronominais de 1PS na língua bissau-guineense: Abo N e N pg. 87
- Gráfico 4 - Variação entre a 2 pessoa do singular 2PS: na língua bissau-guineense: *Abo bu, bu e u* pg. 88
- Gráfico 5 - Variação entre formas pronominais da terceira pessoa do singular 3PS na língua bissau-guineense: *el i e i* pg. 89
- Gráfico 6 - Variação entre formas pronominais da primeira pessoa do plural- 1PP na língua bissau-guineense: *Anos nô e a nô* pg. 90
- Gráfico 7 - Variação entre formas pronominais da segunda pessoa do plural na língua bissau-guineense: *abos bo e bo* pg. 91
- Gráfico 8 - Variação entre formas pronominais da terceira pessoa do plural na língua bissau-guineense: *elis e e e* pg. 92

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO GUINEENSE	22
2.1 O povo guineense e suas línguas	22
2.2 Origem e formação da língua bissau-guineense	28
2.3 A língua portuguesa na Guiné-Bissau.....	31
2.4 Línguas étnicas na Guiné-Bissau	35
2.5 A língua bissau-guineense na contemporaneidade	36
2.6 Pressupostos teóricos da sociolinguística Variacionista	40
3. ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO SINTAGMA NOMINAL E VERBAL..	47
3.1 O sintagma	48
3.1.1 O sintagma verbal e sua estrutura	49
3.1.2 O sintagma nominal e sua estrutura	49
3.2 A concordância	50
3.2. 1 A concordância nominal	51
3.2. 2 A concordância verbal	55
3.3 Aspectos da concordância nominal e verbal na língua bissau-guineense....	57
3.4 O quadro pronominal de algumas línguas naturais e o princípio da economia linguística	62
3.5 Quadro comparativo: português popular, inglês padrão e bissau-guineense	64
4 METODOLOGIA	73
5 ANÁLISES E RESULTADOS	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

A língua bissau-guineense¹ (guineense) é muito importante para o povo guineense, considerando que é a língua mais falada no país. Além disso, é considerada a língua de unidade nacional, porque o mosaico étnico guineense é ricamente diversificado, ou seja, a Guiné-Bissau é um país composto por várias etnias, e cada uma delas possui sua forma particular de se expressar, tanto linguisticamente, como culturalmente.

Nesse contexto multilíngue, o bissau-guineense é dominado por aproximadamente 90,4% dos falantes (INE, 2009). Mesmo não sendo a língua oficial do país, é a língua do cotidiano e do dia a dia, utilizada nas instituições públicas, discursos oficiais e nas sessões parlamentares da Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau (Couto; Embaló, 2010). Em outras palavras, a língua bissau-guineense é considerada hoje língua de unificação do plurilinguismo existente no país, facilitando a relação entre os povos que vivem naquele território.

Embora esse idioma seja majoritário na Guiné-Bissau e, como já apontado, tenha relevante papel naquela sociedade, ainda não está presente no ensino e há poucos trabalhos que se dedicaram a descrevê-la, o que, por consequência, impede que se tenha, até o momento, subsídios para a elaboração de materiais didáticos. Para além disso, a língua ainda é predominantemente oral e não possui uma escrita padronizada, predominando textos nesta modalidade, baseados na oralidade, ocasionando considerável variação de grafia.

Com o objetivo deste trabalho é descrever o emprego da alternância pronominal em função do sujeito, da concordância nominal no sintagma nominal sujeito (SN-sujeito) e do paradigma de concordância verbal na língua bissau-guineense (também chamada de kriol, guineense ou crioulo guineense), foram formuladas as seguintes questões de pesquisa. Estas questões servirão como guias para a investigação e análise dos fenômenos linguísticos observados. As questões de pesquisa são as seguintes: Como a alternância pronominal se manifesta na língua bissau-guineense em diferentes contextos de discurso? Quais são os padrões de concordância nominal e verbal observados na língua bissau-guineense, e como eles diferem das normas do português padrão? De que maneira a ausência

¹ A língua bissau-guineense é também chamada, no país, de língua guineense, de Kriol ou crioulo da Guiné-Bissau. A opção pela nomenclatura mais recorrente de “língua bissau-guineense” justifica-se, em primeiro lugar, por não concordarmos com o rótulo de “crioulo” (para mais detalhes sobre essa discussão, consultar Djaló (2023), que defende que as línguas nomeadas de crioulas, do ponto de vista linguístico, em nada diferem das línguas não crioulas), para nomear as línguas das ex-colônias e, em segundo lugar, porque a forma “língua guineense” pode ser generalizante em alguns contextos, a considerar que há outros territórios nomeados de “Guiné”, como a Guiné Equatorial e a Guiné Conacri.

de marcas de concordância verbal influencia a estrutura sintática das sentenças na língua bissau-guineense? Como o princípio da economia linguística afeta a alternância pronominal e a marcação de plural na língua bissau-guineense? Quais são as implicações sociolinguísticas da variação pronominal e da concordância na língua para a identidade e a comunicação dos falantes? As respostas a estas questões não apenas contribuirão para uma compreensão mais aprofundada das características da língua bissau-guineense, mas também permitirão traçar conexões com teorias linguísticas mais amplas.

Dentre os trabalhos que se dedicaram a descrever a língua bissau-guineense, destacamos alguns, como Intumbo (2007), Costa (2014), Matche (2017), Danfá (2021), Cá (2021) e Djaló (2023), os quais mencionaremos preliminarmente na sequência, considerando sua contribuição em questões relacionadas à origem e caracterização da língua. O objetivo é que este debate possa, já neste tópico introdutório, inserir o leitor no contexto sociolinguístico da Guiné-Bissau. Destaca-se, entretanto, que retomaremos esses autores ao longo de nossa discussão teórica, na medida em que seus debates também contribuem para a temática de nosso estudo e para a caracterização da língua bissau-guineense.

Em resposta ao debate sobre a alegada “base portuguesa” na formação da língua bissau-guineense, Intumbo (2007) apresentou estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português, estabelecendo a comparação entre estas três línguas existentes no solo guineense e concluindo que tanto o português quanto as línguas africanas têm desempenhado um papel fundamental na formação da morfossintaxe da língua bissau-guineense. A questão atual, inclusive, consiste em entender em que medida o português e as línguas africanas, como o balanta, contribuíram para essa formação e como continuarão a influenciar o idioma. A análise das estruturas evidencia que as semelhanças morfossintáticas entre o crioulo guineense e as línguas africanas de um lado, e entre o crioulo guineense e o português do outro, não são coincidências simples. Elas mostram a estrutura de uma língua que não se enquadra nem como português, nem como algum dos idiomas africanos falados na Guiné-Bissau. Intumbo (2007) alude à formação de uma nova língua que combina estruturas e léxicos de idiomas africanos e de uma língua românica. O crioulo guineense seria então uma língua africana, mas também uma língua neolatina, chamada de *kryol* pelos falantes - um símbolo de sua cultura e civilização.

Costa (2014) abordou a descrição fonológica da língua bissau-guineense e aponta que esta fruto de contato entre mais de vinte línguas, que até então coabitam entre si, correspondendo a uma língua rica em diferentes aspectos. Para a autora, as línguas “crioulas” constituem um ambiente propício para compreender os fenômenos de mudança (e a oposição) em sua relação com os processos de aprendizado e difusão linguística, assim como com as condições sociolinguísticas pertinentes. As

formas como as línguas “crioulas” se desenvolvem fazem com que se tornem línguas únicas e idiossincráticas. Costa (2014) menciona haver uma variante específica do crioulo da Guiné-Bissau, mais aportuguesa, com suas particularidades e características distintas. Foneticamente, a língua bissau-guineense apresenta vinte e oito fones consonantais e dezesseis vocábulos, considerando tanto os sons orais quanto os nasais. Em relação à fonologia, resultados mostraram dezoito consoantes e sete vogais fonológicas. Uma outra característica interessante que pode ser observada no inventário segmental das vogais na língua alvo é a presença ou não de dois graus na abertura das vogais médias. Em suma, identificaram-se doze processos fonológicos diferentes: a transformação do /s/ em palatalização; a harmonização das vogais; a assimilação no ponto de articulação da consoante nasal em coda; a nasalização; a velarização do /l/ em velar; o enfraquecimento da oclusiva dental vozeada; a redução ou eliminação de silábico; a prótese; a despalatalização; a desnasalização; e a monotongação (coalescência).

Matche (2017), em descrição preliminar da concordância nominal e verbal de terceira pessoa do guineense, estabeleceu um estudo comparativo com duas variedades de português brasileiro: uma popular e outra culta. Em sua análise, concluiu que há diferenças consideráveis entre a sintaxe do português padrão, com marcação de plural em todos os elementos do sintagma nominal e verbal, e o bissau-guineense, que só apresenta as marcas de plural no elemento central do sintagma nominal. Contudo, o autor observou que as regras do português brasileiro não padrão possuem semelhanças com as regras da língua bissau-guineense, pois ambas apresentam não redundância, isto é, não há marcas de plural em todos os elementos do sintagma nominal sujeito.

Em relação ao sujeito nulo e o sistema pronominal da língua bissau-guineense e do caboverdiano (crioulo kabuverdianu), Danfá (2021) demonstrou que as duas línguas-alvo possuem como substrato línguas níger-congolesas, que por sua vez são designadas de crioulos da alta Guiné. O autor analisou a posição dos clíticos na sentença e a presença do sujeito, por meio de testes em contextos diversos com verbos inacusativos, inergativos e de alçamento, bem como a estrutura do sujeito e as funções dos sujeitos clíticos. Além disso, analisou o uso do "i" no kriol (bissau-guineense) e do "e" no kabuverdianu nas sentenças com cópula. A conclusão a que chegou é as línguas possuem caracterizações bastante ímpares, com a bissau-guineense exigindo a maior presença do sujeito, ao contrário do kabuverdianu, que tem diversos contextos com sujeito nulo. Danfá (2021) ainda constatou que as duas línguas possuem semelhanças e diferenças no que se refere aos clíticos e não-clíticos (pronomes fortes e fracos). No que diz respeito ao "i" e ao "e", percebeu que esses elementos estão passando por um processo de gramaticalização ou mudança linguística, com a perda de traço de pessoa, permitindo que atuem como cópula em suas respectivas línguas.

Do ponto de vista sócio-histórico, Cá (2021), em estudo intitulado “Aspectos linguísticos do guineense: reflexões acerca de uma língua” salienta que a língua é um fator essencial da identidade e cultura de um povo, sendo um registro histórico importante. Na visão do autor, a língua bissau-guineense (guineense) exemplifica muito bem essa característica, surgindo do contato entre português e idiomas étnicos da África Ocidental, desempenhando a função de língua unidade nacional entre os diferentes grupos étnicos que constituem a sociedade da Guiné-Bissau. Cá (2021) aponta, com base em diferentes aspectos linguísticos, que o idioma bissau-guineense se situa em uma posição intermediária entre o português e as línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau, absorvendo de maneira equilibrada a influência desses idiomas e adaptando-os às suas próprias regras. Os aspectos fonético-fonológicos, como as mudanças nas palavras, revelam a significativa transformação que as palavras passaram ao migrar do português para a bissau-guineense, fruto de um processo de transmissão linguística não linear enfrentado pelos falantes nos primeiros estágios da formação do idioma. A transmissão linguística não linear ocorre quando uma língua é passada de uma geração para outra de maneira imprevisível, sem seguir uma trajetória uniforme. Esse processo é comum em comunidades bilíngues, crioulas ou em situações de intenso contato linguístico, onde as línguas sofrem influências externas, levando a inovações ou reestruturações que diferem da transmissão direta tradicional. Isso pode resultar na criação de novas variedades linguísticas, mudanças na gramática e vocabulário, ou até mesmo no surgimento de novas línguas, como os crioulos. Em relação aos aspectos morfosintáticos, é possível perceber a presença da influência de línguas das quais o bissau-guineense se originou (a língua do dominador e do dominado), porém, os dados e discussões indicam uma influência maior das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau nesse aspecto. E por fim, afirmou que o português é a base da língua, uma vez que, além da evidente predominância de suas palavras, ela também apresenta uma marcante influência da gramática portuguesa, o que vai de encontro ao antigo argumento, muitas vezes difundido por alguns estudiosos, de que o léxico é derivado do português enquanto sua estrutura gramatical provinha das línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau.

Djaló (2023), em estudo centrado na comprovação da plenitude e funcionalidade da língua guineense, por meio de um estudo sociolinguístico sob a perspectiva dos usuários, comprovou que a língua bissau-guineense (também conhecida como “guineense, crioulo guineense”) é plena, completa, complexa e funcional para a comunidade da Guiné-Bissau, isto é, contempla todas as necessidades de comunicação dos seus falantes. Diante disso, mostra que embora exista uma relação entre esses sistemas linguísticos, de acordo com a sua origem, não existe um entendimento mútuo entre as línguas que o constituem, sendo estas atualmente formas independentes de comunicação, permeadas por diversas influências linguísticas, sociais e históricas.

Esses apontamentos evidenciam a diversidade da realidade linguística da Guiné-Bissau e, principalmente, o relevante papel da língua bissau-guineense no território, o que motiva a escolha da temática do presente estudo, ou seja, essa investigação justifica-se por abarcar uma realidade vivenciada pela maioria dos guineenses, incluindo-se a própria pesquisadora, que, após vivenciar o contexto social, cultural e linguístico guineense, busca, por meio de estudo acadêmico e científico, conhecer a língua que marca a identidade do povo da Guiné-Bissau e, para além disso, proporcionar mais subsídios para que o idioma possa se constituir também de uma modalidade escrita e uma norma-padrão, essenciais no processo de ensino e na elevação de status linguístico de uma língua.

Para melhor compreender as proposições deste trabalho, procuramos trazer um pouco da história da língua alvo, ou seja, breve contextualização do sistema linguístico guineense, juntamente com suporte teórico para contextualizar o leitor sobre a realidade linguística da Guiné-Bissau. De posse desse aparato, o presente trabalho visa descrever o emprego da alternância pronominal em função do sujeito, da concordância nominal no sintagma nominal-sujeito e do paradigma de concordância verbal na língua bissau-guineense (também chamada de kriol, guineense ou crioulo guineense).

Escolhemos o tema com objetos diferentes neste mesmo estudo porque um fenômeno possivelmente interfere no outro, ou seja, o fato de não haver concordância verbal na língua bissau-guineense pode levar a não possibilidade de apagamento do sintagma sujeito, haja vista este ser o único elemento que marca a pessoa do discurso. Assim, todas as informações relacionadas ao número e à pessoa estariam presentes no pronome pessoal ou no elemento que figura no SN-sujeito. Dessa forma, há correlação entre o emprego das formas pronominais e a concordância verbal na língua e pode haver a interferência de um fenômeno em outro, impactando o sistema e suas possíveis variações e mudanças. E por outro lado, percebemos que a concordância nominal é marcada somente por núcleo de sintagma nominal sujeito.

A contextualização linguística do país abarcada em nosso trabalho permite ainda entender melhor a formação e a importância da língua bissau-guineense, ou seja, a sua função antes e depois da colonização, assim como o seu papel na comunidade guineense. Embora estejamos longe de abarcar toda a gramática da língua, o que não seria possível num trabalho desta dimensão, a descrição de aspectos relacionados à concordância verbal e nominal e à alternância pronominal contribuirá para trabalhos futuros, que possam versar sobre outros aspectos e que possam compor uma gramática de usos da língua Bissau-guineense.

Do ponto de vista estrutural, este trabalho se organiza da seguinte forma: na parte introdutória, apresenta-se informações sobre o objeto da pesquisa, os objetivos, as motivações e a justificativa que

levaram ao desenvolvimento deste trabalho. No segundo capítulo, apresenta-se a fundamentação teórica, com vista aos materiais produzidos pelos estudiosos sobre o contexto linguístico guineense; sobre concordância verbal e concordância nominal; e sobre alternância pronominal na língua bissau-guineense. No terceiro tópico, foca-se a metodologia usada na pesquisa para o desenvolvimento da investigação. O quarto tópico trata da análise dos dados, com base nas ocorrências extraídas dos questionários aplicados. Já no último tópico, apresentam-se as considerações finais do trabalho, resumindo as ideias tratadas no decorrer da discussão.

2 CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO GUINEENSE

Como já mencionado, na sequência, apresentamos um breve histórico da formação sócio-histórica do território guineense, que, em nossa concepção, permitirá a compressão da atual situação sociolinguística daquele espaço, o que, por consequência, auxilia no entendimento do papel hoje desempenhado pela língua bissau-guineense naquele país.

2.1 O povo guineense e suas línguas

A Guiné-Bissau é país multilíngue e multicultural, composto por oito regiões administrativas: Biombo, Cacheu, Oio, Bafatá, Gabú, Tombali, Quinara e Bolama Bijagós. Cada região administrativa desempenha uma tarefa administrativa, dependendo do governo central. A moeda da Guiné-Bissau é o franco CFA (Comunidade Francesa da África), que circula nos oito países da União Monetária do Oeste Africano (UEMOA) e a Guiné-Bissau é um país laico, que por sua vez tem três religiões principais: o cristianismo, a matriz africana (animista) e o islamismo. (Nhaga, 2011).

Segue mapa da Guiné-Bissau:



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/742179213585429290/>

De acordo com Nhaga (2011), antes da invasão dos portugueses, no século XV, a Guiné-Bissau fazia parte do Reino do Mali. O navegador Diogo Cão fez o primeiro contato na costa da Guiné-Bissau, pelo que se fixou durante algum tempo no litoral para mobilizar a população nativa, com o objetivo de estabelecer ligações com o interior da região.

Com a invasão dos portugueses na costa da Guiné-Bissau, no século XV, iniciou-se o comércio dos escravizados, por volta do ano 1510 e 1570, e ergueu-se o forte de Cacheu. Com essas navegações (na visão, dos povos africanos, invasões) e contato pelas costas africanas, deu-se uma miscigenação biológica, cultural e linguística com diferentes povos (Intumbo, 2007). Como alega Bull (1989 apud Intumbo, 2007), as primeiras organizações administrativas na Guiné foram as praças (cidades, no entender dos africanos) de Cacheu e de Bissau, e os presídios de Farim, de Ziguinchor, de Geba e de Lugar do Rio Nuno.

Para controlar o comércio dos escravizados e tendo em conta as necessidades de segurança contra perseguição dos franceses, ingleses e holandeses, os portugueses foram obrigados a permanecer nas terras ditas suas. Desse modo, recorrem aos ²*lançados* e *grumetes* e, além desses, o *escalão*, entre esses ocupantes, e as tangomãs, esposas africanas dos lançados. Esses três grupos teriam exercido um papel importante na gênese da bissau-guineense. (Intumbo, 2007).

Os lançados devem ter falado um português simplificado quer com os grumetes, quer com as suas esposas. Esse português simplificado teria sido reproduzido e modificado pelos grumetes e pelas tangomãs, resultando daí um português ainda mais simplificado, o pidgin português que poderá ter servido de input linguístico para os seus filhos, a primeira geração dos falantes do crioulo. Para que pudesse haver uma comunicação efetiva entre os lançados, os grumetes, as tangomãs e os filhos da terra e ainda com africanos que viviam nas periferias das praças, a língua usada tinha de ser comum e compreendida por todos: os pais precisavam comunicar com os filhos, esposas e colaboradores, e os africanos queriam vender e comprar produtos. O pidgin português, nativizado com os filhos da terra, serviu melhor esse fim. (Intumbo, 2007, p 8-9).

Já no século XVI, foi fundada a primeira cidade denominada Cacheu, que se localizava na

² **Lançados** – De acordo com Bull, o termo "lançados" se origina do fato de serem "... aventureiros, desejosos de enriquecer, que, por diversas razões, não podiam exercer legalmente o comércio, ignoraram as instruções régias e se lançaram nos negócios em meio aos autóctones" (Bull, 1989:69). Apud Scantamburlo (2013). **Grumetes** – Os grumetes eram africanos que atuavam como auxiliares dos lançados. **Tangomãs** – As esposas africanas dos lançados eram chamadas de tangomãs, pois, além de serem esposas, também exerciam a função de intérpretes. O termo "tangomã" provavelmente tem origem na palavra árabe "tarjuma", que significa "traduzir"; "targuman" eram os intérpretes que atuavam nas Embaixadas Europeias no Oriente entre os séculos XIII e XV. (Scantamburlo, 2013).

zona norte da Guiné-Bissau, e a parte administrativa era no arquipélago de Cabo Verde. Com o passar do tempo, Farim e Zinginchor tornaram-se povoações. Os portugueses instalaram-se na foz dos rios Cassamansa, Chacheu e Buba.

O território guineense sempre apresentou diferentes grupos étnicos e, antes da invasão portuguesa, esses grupos competiam pela propriedade da terra, tendo cada uma sua forma de vida diferente dos restantes. Ou seja, a Guiné-Bissau, antes da invasão portuguesa, era uma região rica em diversidade étnica e cultural. Os povos balanta, mandinga, fula e bijagós, entre outros, organizavam-se em reinos e chefaturas, preservando suas tradições e sistemas sociais únicos. Cada grupo mantinha uma estrutura matrilinear, onde a propriedade e a herança passavam pela linha feminina, refletindo uma organização social descentralizada (Costa, 1994; Lima, 2007). A economia local baseava-se na agricultura, pesca e comércio, com a troca de produtos como arroz, milho e amendoim, além do comércio de ouro, sal e tecidos com outras regiões da África Ocidental (Ribeiro, 1996; Tam'si, 1998).

As interações entre diferentes grupos étnicos e o comércio com mercadores muçulmanos contribuíram para a riqueza cultural da Guiné-Bissau, onde práticas animistas coexistiam com influências islâmicas que começaram a se estabelecer a partir do século XI (Costa, 1994; Lima, 2007). A história pré-colonial da Guiné-Bissau é, portanto, marcada por uma tapeçaria complexa de culturas e tradições, que resistiram a pressões externas e moldaram a identidade nacional que persistiu ao longo do tempo (Ribeiro, 1996; Tam'si, 1998).

Sendo assim, no final do século XVI, o comércio de escravizados cresceu fortemente, o que levou ao declínio dos reinos e permitiu a tomada do poder aos portugueses e espanhóis, que exploraram a rivalidade étnica e introduziram uma nova forma de produção muito lucrativa. (Nhaga, 2011).

Nhaga (2011) aponta ainda que, no século XVII, espalharam-se contatos regulares entre o reino de Kaabú, que na altura pertencia aos Mandingas e aos invasores portugueses da época. O reino do Gabú era administrado pelo império do Mali (mandingas) e, na altura, esse território era disputado pelos muçulmanos (almamis), ditos os nômades, que saíam do norte da África. Com o tempo, os invasores portugueses começaram a comercializar em Ziguinchor, Cacheu, Geba e Farim. O reino do Gabú (Kaabú) foi tomado pelos Almamis de Fouta, que, por sua vez, estabeleceram o domínio dos fulas na região.

No final do século XVIII, os portugueses situam-se também na antiga capital da Guiné-Bissau, em Boloma. Naquela altura, surgiu uma disputa entre ingleses e os portugueses sobre quem seria o dono do novo mundo, contudo os portugueses venceram a batalha. (Didinho, 2003, apud Nhaga, 2011).

E, no início do século XX, os portugueses mobilizaram os povos nativos sob seu domínio para um conflito conhecido como a Guerra de Pacificação, que visava consolidar o controle no interior da Guiné. Este foi um conflito sangrento, durante o qual os portugueses, determinados a manter seu domínio na região, enfrentaram forte resistência. O resultado foi uma longa e brutal luta pela libertação, que se tornaria uma das mais prolongadas da África. O domínio português sobre a Guiné perdurou por 528 anos, marcando profundamente a história do país e contribuindo para a complexidade do processo de descolonização.

A capital Bissau tornou-se um centro de migrantes para jovens rurais que procuravam melhores condições de vida e hoje a maior parte da migração ocorre entre os 18 e os 30 anos, buscando a boa qualidade de educação, de saúde e de emprego oferecidos na capital.

Mesmo sendo um país pequeno, a Guiné-Bissau, atualmente, é um país multiétnico e multicultural, como a grande maioria dos países do continente africano, composto por populações de diversas origens (Cá, 2021). O mosaico étnico da Guiné-Bissau é muito diversificado e mudou muito ao longo dos séculos. A migração, as guerras de conquista e a colonização desempenharam um papel importante na nova distribuição da população e no entrecruzamento de etnias. (Augel, 2007).

Em consequência da multietnia, o país é também multilíngue, pois há uma pluralidade linguística para além da língua portuguesa, oficial naquele território, com línguas nativas que a maioria da população possui, normalmente, como primeira língua. Entre essas está o que se denomina de línguas étnicas e a língua considerada de incorporação, ou seja, de união, o Bissau-guineense ou guineense. Além dessas línguas, destacam-se também as línguas estrangeiras, como inglês e francês, que muitas vezes são apreendidas para fins financeiros e comerciais (Rubio; Cá, 2019).

O sistema linguístico na Guiné-Bissau apoia-se num modelo que Petter (2015) intitulou de Trifocal numa situação triglóssica, no qual as três línguas são faladas na mesma comunidade, cada uma desempenhando um papel diferenciado e complementar uma das outras. Nesse modelo, a língua portuguesa tem o estatuto de língua oficial, utilizada em documentos oficiais, nas relações diplomáticas internacionais, do ensino primário ao superior. Em segundo lugar, destaca-se a língua bissau-guineense, uma língua nacional, a língua mais falada no país, empregada no dia-a-dia, para estabelecer laços interétnicos, sendo considerada também a língua da união através da qual todos são incluídos no ambiente de comunicação. E, em terceiro lugar, têm-se as línguas étnicas, que são usadas na comunicação entre pessoas da mesma origem étnica e são utilizadas em situações linguísticas mais específicas e determinadas, junto de famílias ou aldeias.

A comunicação entre diferentes grupos de falantes se dá através da relação entre as línguas e isso acontece de acordo com a situação em que o falante se encontra, adaptando-se conforme a

comunidade de fala em que se insere. Um indivíduo guineense vive numa comunidade de fala diferente, desde o seu nascimento, cresce falando a sua língua materna (ou primeira língua), que pode ser uma língua étnica ou a língua bissau-guineense, e, ao frequentar a escola, tem, necessariamente, contato com a língua portuguesa e com outras línguas étnicas. (Djau, 2015).

No seio familiar, a situação comunicativa ocorre de maneira diferente do que se evidencia nos ambientes mais formais, tendo em conta que um grupo de falantes que pertence à mesma comunidade de fala, ou seja, ao mesmo grupo étnico, emprega entre si uma língua étnica e, no contato interétnico, a língua bissau-guineense. Dessa forma, as línguas étnicas e a língua bissau-guineense fazem parte da identidade cultural, sendo passadas de geração para geração. A inserção da língua portuguesa se dá somente no ambiente escolar, no momento da alfabetização, já que esta é a única língua oficial do país até os dias atuais. (Djau, 2015; Cá; Rubio, 2019; Rubio; Cá, 2019).

E quanto à escrita e normalização da língua bissau-guineense, as dificuldades observadas no primeiro projeto de ensino bilíngue (como INDE (Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação), integrou o Projeto dos CEEF (Centros Experimentais de Educação e Formação) estão relacionadas à ausência de duas ferramentas didáticas adequadas, a gramática e o dicionário, que por sua vez orientem os professores na tarefa de usar ao idioma como língua de instrução. (Scantamburlo, 2013). Mas atualmente, existe dicionário e gramática embora seja ainda preliminar, mas é um passo muito grande. Essas duas ferramentas, a gramática e o dicionário preliminar são fundamentais para a promoção e o ensino da língua bissau-guineense, contribuindo para sua valorização e preservação cultural. Eles também ajudam a facilitar o aprendizado e a compreensão da língua por falantes nativos e não nativos.

No âmbito do Projeto PAEBB (Projeto de Apoio ao Ensino Bilíngue dos Bijagós), que visa dar continuidade ao ensino bilíngue nas Ilhas Bijagós, foi decidido, antes do início das atividades, preparar e editar uma Gramática e um Dicionário bilíngue. Esses materiais têm se mostrado um suporte valioso para os professores, ajudando-os a se familiarizar com bissau-guineense e a contribuir para a sua normalização. As línguas são criadas pelos seres humanos, e cada nova palavra é inicialmente pronunciada por uma pessoa ou um grupo pequeno. No entanto, para que essa palavra se estabeleça, ela precisa ser aceita pelos demais falantes, ajustada às regras linguísticas já existentes ou capaz de desencadear um processo de modificação. Uma nova palavra só é adotada quando tem uma ligação clara com o objeto ou significado que representa e também quando está em conformidade com o sistema linguístico já estabelecido. Quando surgem novos vocábulos, seja por necessidade ou criatividade, eles se adaptam às regras do sistema linguístico nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexicológico. Ainda observou e apresentou algumas mudanças fonológicas que bissau-

guineense tem sofrido nos últimos anos, especialmente devido aos numerosos empréstimos diretos do português. Sendo assim, destacou o papel da Gramática e do Dicionário na identificação, a nível lexicológico, de algumas regras estruturais que têm sido fundamentais para a escolha da forma mais adequada de uma palavra. (Scantamburlo, 2013).

Nos últimos oitenta anos, estudos têm demonstrado que, apesar das variações e particularidades, o léxico de uma língua apresenta uma estrutura própria, semelhante aos sistemas morfológico e sintático (Merzagora, 1982, apud Scantamburlo, 2013). Os lexemas, embora sejam "unidades autônomas de significação," mantêm uma coerência interna, e fenômenos como a criatividade lexical, neologia por derivação e composição, indicam a existência dessa estruturação. Atualmente, bissau-guineense é uma língua compreendida e falada por uma população multilíngue, formada por diversas etnias, cada uma com seu idioma. Nesse contexto, o português, sendo a única língua oficial, continua a emprestar vocábulos ao crioulo, especialmente em áreas científicas e técnicas.

Segundo Bollée (1991, apud Scantamburlo, 2013), a situação atual dos crioulos é comparável à das línguas românicas na Idade Média e durante o Renascimento. Assim como aconteceu com essas línguas, o vocabulário científico e técnico dos crioulos é limitado e precisará ser ampliado caso o crioulo queira se emancipar dos domínios tradicionais e atender a todas as necessidades de comunicação da vida moderna. Diante da complexidade dos fenômenos de bissau-guineense moderno, os professores do PAEBB, que utilizam tanto o Crioulo quanto o Português como Línguas de Ensino, precisam de ferramentas adequadas para verificar a forma correta de uma variante e analisar as mudanças linguísticas. Com o Dicionário e a Gramática de bissau-guineense, os professores podem refletir sobre regras importantes, como a "harmonia vocálica", onde a escolha de uma vogal é influenciada por outra no mesmo morfema, e a "epêntese", que envolve a inserção de uma vogal entre duas consoantes.

No início não foi fácil habituar os professores a pôr por escrito textos em bissau-guineense e a fazer análises gramaticais sobre esses textos: alguns professores, especialmente os vindos das escolas superiores "Tchico Té" ou "17 de fevereiro" de Bissau diziam que eles agora, já professores com diploma, eram obrigados a fazer ainda exercícios como quando tinham o estatuto de alunos. No entanto, o esforço de escrever textos em bissau-guineense tem se mostrado o método mais eficaz para aprimorar o estilo dos professores e expandir seus conhecimentos extralinguísticos. Gradualmente, eles foram direcionados a descobrir regras específicas da língua bissau-guineense, como a "Regra da Harmonia Vocálica" e a "Regra da Epêntese", além de refletir sobre a melhor escolha entre diferentes variantes de uma mesma palavra. Bissau-guineense escrito facilita a compreensão do "Universo das

palavras", onde os termos se combinam com outros para transmitir significados já estabelecidos ou sugerir novos significados que o grupo e o tempo aprovam e memorizam, e que são utilizados com diferentes frequências. Isso ajuda os professores a tomar consciência dos desafios e processos da própria língua. (Scantamburlo, 2013).

Sendo conhecida a caracterização social e linguística atual da Guiné-Bissau, e, em especial, o contexto de inserção da língua bissau-guineense, a língua atualmente mais empregada no país, passamos a tratar, na sequência, de aspectos relacionados à gênese e ao desenvolvimento do idioma no território.

2.2 Origem e formação da língua bissau-guineense

Segundo Intumbo (2007), há quatro hipóteses que explicam a origem da língua bissau-guineense: a primeira aponta que a língua bissau-guineense se formou em Cabo Verde, depois foi levado para Guiné-Bissau. Silva (1957, apud Intumbo, 2007, p.6) defende que o crioulo falado na Guiné-Bissau não é resultado do contato direto com os povos originários e os portugueses, mas, ao contrário do crioulo caboverdiano de Sotavento, foi levado pelos colonizadores para arquipélagos de Cabo Verde e, com o passar do tempo, evoluiu, modificando pouco a pouco, até tomar as suas próprias características sob influência da língua nativa.

A segunda hipótese nega a teoria do caboverdiano e defende que a língua bissau-guineense “crioulo guineense” não teria se formado na Guiné-Bissau. Pinto Bull (1989, apud Intumbo, 2007), em relação à primeira hipótese, aponta que não se tem registro desse processo de vinda dos caboverdianos em massa para Guiné-Bissau, sendo assim, não se poderia apontar um transplante do crioulo de base portuguesa caboverdiano do arquipélago para continente. Intumbo (2007) afirma que os primeiros contatos entre os portugueses e africanos foi na costa da Guiné, muito embora há fatores históricos que infelizmente não foram registrados e conseqüentemente não se poderia ter registro do que aconteceu a respeito disso, tratando-se apenas de conjecturas.

Embaló (2008) defende a segunda hipótese, a qual aponta que a língua se originou a partir do contato entre os colonizadores e os povos nativos durante o processo de colonização (quatro séculos), para facilitar a comunicação entre dois povos (portugueses e guineenses nativos), tendo em conta a diversidade linguística de uma região. Por essa hipótese, a língua bissau-guineense se formou entre o final do século XVI e início do século XVII.

A terceira hipótese, defendida por Naro (1978, apud Intumbo, 2007, p.7), aponta que um pidgin de base portuguesa da costa ocidental africana teria se originado propositalmente na Europa,

antes de ter sido levado e expandido em África, onde, por sua vez, se tornou uma língua de reconhecimento. E, na altura, em Portugal, existia uma escola de língua portuguesa patrocinada pelo infante D. Henrique, que designava treinar intérpretes para suas expedições (Chataigner, 1963, apud Intumbo, 2007).³

A quarta hipótese, defendida por Rougé (1986, apud Intumbo, 2007), desconsidera a discussão à volta da questão da origem dos dois crioulos de base portuguesa, com variantes faladas em Guiné-Bissau e em Cabo Verde, afirmando que ambos os crioulos têm em comum um ⁴proto-crioulo (Intumbo, 2007).

Ao analisarmos quaisquer dessas quatro hipóteses, que dão pistas sobre a origem e formação da língua bissau-guineense, e considerarmos a formação de outras línguas, como as europeias modernas, pode-se perceber que essas línguas passaram pelo mesmo processo de gênese e formação, ou seja, para origem de uma nova língua, duas ou mais línguas entram em contato e, como fruto desse contato, há a possibilidade de, a partir da comunicação emergencial, surgir uma nova forma de comunicação, a qual apresenta traços das outras línguas, com características próprias, mas que, necessariamente, por atender de forma plena às necessidades de seus usuários, é completa, plena e funcional. Djaló (2023), em estudo recente, comprovou, inclusive, que a língua bissau-guineense, além de ser a mais empregada em todo o país, é também a língua de conforto da maioria da população, atendendo a todas as necessidades diárias comunicacionais.

Como já foi mencionado, não é demais lembrar que o contexto linguístico da Guiné-Bissau, antes da invasão portuguesa, já era de um país habitado e extremamente rico do ponto de vista linguístico e cultural, ou seja, historicamente, já se constituía como multilíngue e multiétnico. Em outras palavras, a história da Guiné-Bissau antes da colonização é marcada por uma rica tapeçaria de culturas e sociedades, com interações comerciais e culturais significativas. Essas experiências moldaram a identidade da Guiné-Bissau e continuaram a influenciar sua cultura e sociedade após a chegada dos colonizadores europeus no século XV. Portanto, a história pré-colonial é essencial para entender a dinâmica social, política e cultural do país até os dias de hoje.

A questão que propomos é, para além das teses já apresentadas e considerando a comunicação interétnica: haveria possibilidade de a língua bissau-guineense ter se formado entre as línguas locais existentes, ou seja, teria havido um processo de “pidginização” e “crioulização” entre essas línguas?

³ O pidgin seria uma forma de comunicação emergencial, surgida no contato de povos que possuem línguas diferentes, apresentando, normalmente, características dessas línguas, mas diferenciando-se de ambas (Calvet, 2002, apud Rodrigues, 2019)

⁴ O termo "**proto-crioulo**" refere-se a uma forma hipotética ou reconstruída de um crioulo que seria o ancestral comum de várias línguas crioulas. Esses crioulos geralmente se desenvolvem a partir de um contato entre diferentes línguas, como línguas africanas, europeias e indígenas, em contextos de colonização e migração.

Como salienta Intumbo (2007), durante o período colonial, até o século XX, era proibido o uso da língua bissau-guineense em instituições oficiais como nas escolas, igrejas ou função pública. No entanto, os negócios e as relações entre pessoas eram conduzidos nessa língua, sendo assim, a língua bissau-guineense é marginalizada, embora fosse notória sua função na sociedade guineense. A luta pela independência representou também uma ruptura dessas “normas” de comunicação em sociedade.

Embora no interior da guerrilha, a língua portuguesa servisse como uma ferramenta para comunicação entre os guineenses e os estrangeiros, a comunicação entre os povos locais se dava na língua bissau-guineense e em outras línguas africanas, conforme as localidades dos falantes. Especificamente durante a Guerra da Independência, a comunicação entre guineenses de diferentes grupos étnicos e entre os guerrilheiros caboverdianos, que faziam parte do mesmo projeto político, ocorria predominantemente em bissau-guineense. (Intumbo, 2007).

A partir, principalmente, da metade do século XX, o uso da língua bissau-guineense floresceu cada vez mais, gerando, inclusive, medidas repressivas por parte das autoridades locais. Nessa ótica, pela primeira vez desde 1920, essa língua foi estigmatizada publicamente. Como explica Costa (2014), em 1940, o ensino primário dos povos guineenses foi oficialmente confiado às missões católicas. Sendo assim, o ensino deveria ser feito em português e as línguas locais, dentre elas a língua bissau-guineense, expressamente foram proibidas naquele contexto. Em 1946, foi criado um projeto de lei que estabelecia critérios para diferenciação dos “povos nativos” dos portugueses entre os africanos. Juntamente com as condições econômicas, a mais importante ainda era a capacidade de falar, de ler e escrever português, além de “comportar-se bem”, ou seja, não praticar “os costumes das pessoas comuns de sua raça”. (Costa, 2014).

A situação continuou até a guerra de independência do país, quando os guerrilheiros usavam a língua bissau-guineense junto com as línguas africanas para se comunicar. Vale a pena notar que, nesse contexto, o uso da língua bissau-guineense se difundiu cada vez mais, pois permitia uma comunicação mais eficaz entre soldados e grupos de diferentes origens étnicas, bem como os guerrilheiros de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Assim, como já mencionado, durante a Guerra da Independência (1961-1974), o chamado “crioulo guineense” ganhou força novamente, desempenhando um papel central na unificação linguística do país e tornando-se um símbolo da identidade nacional. (Costa, 2014).

Após a independência, houve grande fluxo migratório de pessoas para cidades em procura de melhores condições de vida, levando consigo os conhecimentos culturais e linguísticos. Houve também processo de deslocamento em direção ao interior, com as pessoas de cidades se deslocando

para locais afastados, dentre as quais, professores, oficiais de saúde, segurança, dirigentes, etc., carregando consigo os conhecimentos linguísticos e culturais. Nesse processo, a língua bissau-guineense exerce o papel da língua franca e da unidade nacional, proporcionando meio de comunicação entre os cidadãos de diferentes etnias. À medida que se espalha, vai sofrendo influências e interferências de todas as línguas africanas faladas por cada grupo dos falantes existentes no solo guineense. Nos dias atuais, essas distinções são bastante perceptíveis, principalmente na fala de pessoas que tem como primeira língua uma das línguas étnicas. (Intumbo, 2007).

A língua bissau-guineense expandiu-se de forma bastante significativa entre os anos 1970 e 1980. Antes do movimento de emancipação, as línguas dominantes eram as línguas étnicas. Após a urbanização e a Guerra da Independência, o processo de formação da língua bissau-guineense tornou-se mais intenso e efetivo. Como alegam Couto e Embaló (2010) a principal responsabilidade pelo início da difusão da língua na Guiné-Bissau é dos independentistas. Os autores defendem ainda que o idioma se desenvolveu através da sua expansão para o meio rural, deslocando-se para tabancas (pequenas aldeias ou aglomerados de casas tradicionalmente africanas) para núcleos urbanos, sobretudo em Bissau.

2.3 A língua portuguesa na Guiné-Bissau

Como já apontado, a Guiné-Bissau foi fonte de fornecimento de escravizados e de diversas mercadorias para os exploradores portugueses até o final do século XVIII, mas a ocupação e colonização foram sempre muito precárias, devido também a resistência dos nativos. Após a Conferência de Berlim que deu início à ocupação efetiva por parte das potências europeias. Portanto, a língua portuguesa nunca foi efetivamente implementada nessa região da África, embora tenha se misturado com as línguas nativas e tenha contribuído de alguma forma na origem da bissau-guineense.

No contexto multilíngue vivenciado no território, as pessoas que falavam só suas línguas nativas não podiam se comunicar fora de seu grupo étnico. O português, principalmente a partir de meados do século XX, se tornou “a língua do inimigo”, apesar de a posição de Amílcar Cabral⁵, líder revolucionário, recomendar a sua utilização. Originou-se então um contexto linguístico complexo, com a língua bissau-guineense se tornando silenciosamente a língua da união nacional e a língua portuguesa a língua oficial. (Couto; Embaló, 2010).

⁵ Amílcar Cabral é amplamente reconhecido como um dos principais líderes revolucionários da África, que desempenhou um papel crucial na independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, influenciando movimentos de libertação em todo o continente (Chabal, 1983).

Como alega Fafina (2011), a língua portuguesa foi levada para a Guiné-Bissau não com intuito de ensino, mas de realização do comércio dos escravizados e exploração dos recursos naturais. Dessa forma, o país vivenciou uma realidade muito diferente dos outros países colonizados pelos portugueses. Por esse motivo, a língua portuguesa não se fortaleceu como em outros países que a falam, os quais, por vezes, tiveram total ou parcialmente acantoadas e silenciadas suas línguas autóctones. O Brasil, por exemplo, experimentou restrições às línguas locais, como a que ocorreu em 1758, quando Marquês de Pombal criou um decreto de obrigatoriedade de ensino da língua portuguesa em todo o território e a proibição de uso das línguas nativas. Um processo bastante semelhante ocorreu também em Angola, já no século XX (1921), com a proibição do ensino de línguas africanas nas escolas. Como fruto dessas e de outras políticas linguísticas contra as línguas minoritárias e em favor da língua do colonizador, Angola e Brasil apresentam hoje configurações bastante diferentes da de Guiné-Bissau, com predomínio expressivo da população possuindo a língua portuguesa como primeira língua.

Após a independência da Guiné-Bissau, o português foi mantido como língua oficial, refletindo a herança colonial e a intenção de unificar o país linguisticamente. No entanto, apesar dessa escolha, a língua portuguesa não alcançou um desenvolvimento significativo no uso cotidiano, especialmente no setor público. A situação foi agravada pela diminuição acentuada no número de professores e cooperantes portugueses, que desempenhavam um papel crucial na disseminação e ensino do português. Essa falta de profissionais qualificados resultou em uma redução do uso da língua nas instituições públicas e educacionais, contribuindo para a sua perda de espaço em favor das línguas locais e da língua bissau-guineense, que se consolidaram como as línguas de maior circulação entre a população (Scantamburlo, 2013).

Atualmente, na Guiné-Bissau, o português continua a não ser uma língua vernacular, ou seja, não é amplamente adquirida como primeira língua no ambiente familiar, em outras palavras, apesar de ser a língua oficial da Guiné-Bissau, o português ainda não se estabeleceu como uma língua vernacular, sendo aprendido principalmente como uma segunda língua, com bissau-guineense “crioulo guineense” desempenhando um papel mais central na vida cotidiana da população (Rubio e Cá, 2019; Cá e Rubio, 2019; Rubio, 2021; Djaló, 2023).

Esses estudos destacam que, embora o português seja a língua oficial do país e utilizada em contextos formais, como na educação, na administração pública e na comunicação oficial, ele ainda não conseguiu se enraizar profundamente na vida cotidiana da maioria da população guineense. Em vez disso, o bissau-guineense, que é uma língua amplamente falada e compreendida pela maioria da população, permanece como a principal língua de comunicação nas interações diárias e no ambiente

familiar.

Ainda vale alegar que, o bissau-guineense é a língua materna para a maioria dos guineenses e desempenha um papel central na identidade cultural do país. A prevalência dessa língua nas interações familiares e sociais significa que o português é falado, principalmente em ambientes formais, como as escolas. Ainda vale reforçar que, essa ideia, afirmando que o ensino do português enfrenta desafios significativos devido à falta de recursos educacionais e ao limitado acesso à educação formal em algumas regiões do país.

Ainda se observa que, a estrutura sociolinguística da Guiné-Bissau, caracterizada por uma diversidade linguística considerável, contribui para a posição do português como uma língua que, embora oficial, não é amplamente utilizada como língua materna. Essa diversidade inclui várias línguas locais que competem com o português em termos de uso e relevância social. Ampliou essa análise, sugerindo que o processo de vernacularização do português na Guiné-Bissau enfrenta barreiras complexas, incluindo a resistência cultural e a falta de políticas linguísticas eficazes que promovam o uso do português desde a infância (no seio familiar). O sucesso da língua portuguesa como uma língua vernacular na Guiné-Bissau dependerá de uma mudança significativa nas práticas educacionais e nas políticas linguísticas do país.

O português é a língua oficial e tem o estatuto de língua de ensino, já que todo ensino se dá nessa língua, mas a língua bissau-guineense sempre foi empregado como ferramenta de auxílio. A maioria dos livros didáticos é importada de Portugal, desconsiderando-se o fato de a língua ser ensinada como segunda língua e não como língua materna (Cá e Rubio, 2019).

Os discursos oficiais são sempre publicados em português, mesmo que proferidos em bissau-guineense. A constituição do país está escrita em português. Os jornais são publicados em língua portuguesa, os nomes de bairros, ruas, a nomenclatura de aparelhos administrativos, ofícios, as circulares, as leis, nomes de alguns estabelecimentos comerciais são em português, incluindo o Hino nacional do país, escrito por Amílcar Cabral, ou seja, não há como negar que toda a história do país é escrita na língua portuguesa. No período colonial, inclusive, era proibido o acesso à escola de crianças que não tivessem nomes próprios em português. (Couto e Embaló, 2010).

Os meios de comunicação social são predominantemente em português, e ocasionalmente na língua bissau-guineense, que não aparece na imprensa, porque é uma língua que ainda não possui uma escrita regulamentada, e, apesar de em 1987, o Ministério de Educação apresentar uma proposta de uniformizar a ortografia, ainda não houve sua efetivação.

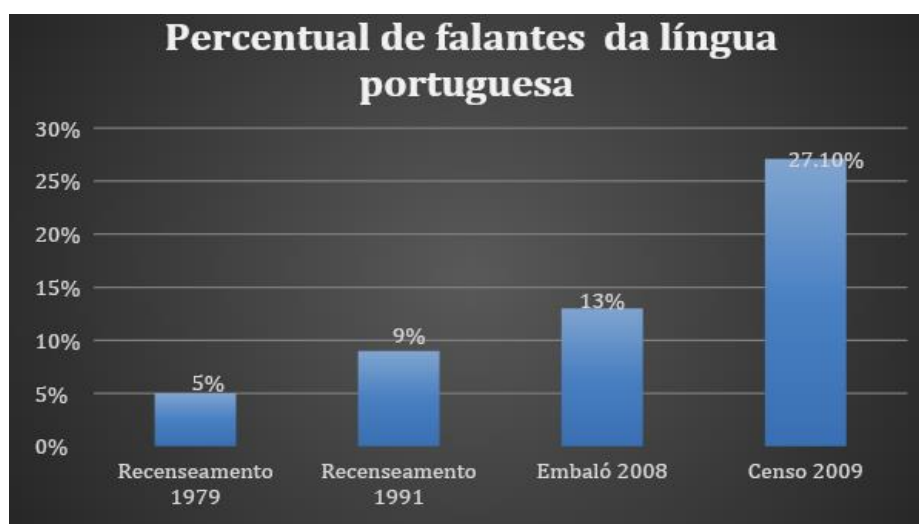
A maioria dos programas da TV aberta da Guiné-Bissau ocorre na língua portuguesa, principalmente as novelas, músicas, videoclipes (Brasil) e ainda há pouquíssimos programas em

bissau-guineense (como noticiários e debates). A língua mais utilizada no parlamento é a língua bissau-guineense, haja vista nem todos os deputados apresentarem domínio do português.

Como salienta Scantamburlo (1999), a experiência sociolinguística dos últimos anos mostrou que o português e a língua bissau-guineense são, na verdade, duas línguas com posições e funções diferentes e complementares na sociedade guineense: o português é a língua internacional e oficial, a língua bissau-guineense é a língua veicular, materna e a língua da maioria da população. Cada um deve ser desenvolvido de acordo com suas funções específicas, sem forçar o outro a realizar tarefas atípicas através de políticas linguísticas de eficácia questionável.

Ainda se verifica pouco uso da língua portuguesa, mas se considerarmos o transcorrer do tempo desde o período pós-independência até a atualidade, nota-se um aumento muito elevado quanto ao uso da língua portuguesa (conforme o gráfico que segue). É importante ressaltar que a língua portuguesa é mais frequentemente falada por pré-adolescentes, adolescentes e jovens do que por adultos. Isso ocorre principalmente porque essa faixa etária é a que mais está presente nas escolas, onde a língua portuguesa é geralmente a língua de instrução. (baseado no conhecimento empírico).

Gráfico 1: Percentual de falantes do português na Guiné-Bissau



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, com base em diferentes estudos⁶

De posse das informações relacionadas à presença da língua portuguesa em Guiné-Bissau, passamos a tratar de outro relevante componente linguístico presente no país, as línguas étnicas.

⁶ Scantamburlo (1999), Recenseamento (1979); Scantamburlo (1999), Recenseamento (1991); Embaló (2008); Censo - INE (2009).

2.4 Línguas étnicas na Guiné-Bissau

Como mencionado anteriormente, a Guiné-Bissau é um dos países africanos com grande diversidade étnica, o que também se reflete em sua ampla variedade linguística, já que cada grupo étnico tem sua própria língua. Além disso, cada um desses grupos possui uma estrutura social distinta, rituais para adorar seus deuses, práticas funerárias específicas e diferentes maneiras de realizar casamentos (Nhaga, 2011).

Dessa forma, mesmo sendo um pequeno território, a Guiné-Bissau possui uma grande riqueza linguística e multicultural, com convívio de vários grupos étnicos muito heterogêneos, com cultura e língua, na sua maioria, muito diferentes. Pode-se afirmar que não há definição exata do número de línguas existentes na Guiné-Bissau. Diferentes números são revelados em pesquisas, em sua maioria, observacionais. Para Embaló (2008), são mais de duas dezenas; segundo o Censo da Guiné-Bissau (2009), são 14 línguas; para Grimes (1988), são 20 línguas; para Scantamburlo (1999), são 27 línguas étnicas, pertencentes a duas das sete subfamílias da família Níger-Congo; para Augel (2007), são dezenas de grupos e subgrupos heterogêneos e; para Nhaga (2011), são mais de 30 línguas/grupos.

O Censo de 2009, aponta que a população se divide da seguinte forma, considerando-se sua etnia: Fula (28,5%); Balantas (22,5%); Mandingas (14,7%); Pepel (9,1%), Mandjaco (8,3%); Biafada (3,5%); Mancanha (3,1%); Budjugus (2,1%); Felupe (1,7%); Mansonca (1,4%); Balanta mane (1,0%); Nalu (0,9%); Saracole (0,5%) e Susso (0,4%). E há, ainda, os que não pertencem a nenhuma etnia, os quais correspondem a 2,2%.⁷

As relações entre as etnias são atualmente pacíficas e criam um laço positivo unindo os vários grupos num sistema social englobante, que por sua vez é controlado pelo sistema estatal denominado pelo grupo crioulo da capital, mesmo sendo um lugar diverso, com diferentes culturas, principalmente no que diz respeito às atividades religiosas e domésticas. Ainda vale ressaltar que, mesmo havendo diferentes grupos étnicos e culturas distintas, as diferenças culturais permanecem em harmonia. Dentre esses grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau, alguns apresentam entre si certas características culturais como, por exemplo, as etnias muçulmanas: os fulas, os mandingas, os biafadas e os nalus; da outra parte, etnias denominadas de matriz africana: animistas: entre os Pepel, Mancanhi e Mandjaco e até certo ponto os Balanta; há, ainda, os budjugus (bijagós), que habitam várias ilhas do arquipélago, como Bubaque, Canhabaque, Bolama etc.

⁷ Fonte: <https://guinea-bissau.unfpa.org/pt>

Intumbo (2007) reitera que a maioria dos guineenses nasce em comunidades ou famílias onde a primeira língua é a língua étnica (africana), adquirida através da integração entre familiares. Essa língua constitui-se em um elo entre os indivíduos falantes pertencentes à mesma comunidade de fala (étnica) e é usada no dia a dia, ou seja, no cotidiano das tabancas (aldeias), junto da família, entre os vizinhos, amigos, nas cerimônias tradicionais, funerais, casamentos, festivais tradicionais e na religião.

Embora as línguas étnicas não sejam empregadas com frequência nas relações sociais entre diferentes etnias, tem um papel bastante importante na preservação da cultura e dependem de políticas linguísticas não governamentais para preservação, sendo transmitidas de geração a geração. Na sequência, apresentamos mais detalhes sobre o contexto de inserção da língua bissau-guineense neste ambiente multilíngue.

2.5 A língua bissau-guineense na contemporaneidade

Como já apontado, a língua bissau-guineense é a língua que une o povo guineense, ou melhor dizendo, é a língua mediadora, que faz com que as populações de diferentes etnias se entendem, por esse motivo, essa língua não pertence a nenhuma etnia, mas sim ao povo guineense. Como já mencionado, os guineenses empregam a língua portuguesa apenas para poderem se comunicar com outros povos, principalmente fora do território, uma vez que não precisam falar português para se comunicarem entre si, pois, dentro do seu próprio país, além da língua bissau-guineense existem as já aludidas línguas étnicas por eles empregadas. (Fafina, 2011).

Entretanto, ainda que a língua bissau-guineense seja a língua mais empregada no país e apresenta funções definidas e importantes no território, enfrenta, desde a década de 20 do século passado, um processo de estigmatização, passando, inclusive, por período de proibição pelas autoridades coloniais. O mesmo processo aconteceu com as línguas étnicas empregadas nas comunidades. Os portugueses viam a língua bissau-guineense como uma língua não civilizada e os guineenses que falavam o português eram ditos civilizados (Djaló, 2023). Essa situação predominou nas zonas ocupadas pelos portugueses até a independência, em 1974. Foi criado um grupo de mobilização da população guineense para lutar pela liberdade do povo da Guiné-Bissau, denominado Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e isso fez com que a língua bissau-guineense se expandisse por todo território e recebesse o estatuto da língua da unidade nacional. (Embaló, 2008).

Após a independência, a língua bissau-guineense difundiu-se por todo território, ocupando as

próprias administrações e conquistando até os locais e instituições dominados pelo português, como a Rádio Nacional. Como já mencionado, houve a tentativa de incorporá-la como a língua de ensino, mas não houve consenso, por conta de alguns motivos, dentre eles a falta de materiais didáticos, a alegada não proficiência na língua por todos os guineenses e a ausência da modalidade escrita.

Outro aspecto que dificulta a promoção do idioma nacional como língua de ensino é o facto de ele permanecer uma língua sem escrita regulamentada, apesar da existência de uma proposta para unificação da sua ortografia feita pelo Ministério da educação guineense em 1987. Nesta proposta a ortografia é fonética e com base no alfabeto latino, mas recorrendo a empréstimos do alfabeto internacional para expressar sons do crioulo que não existem na língua portuguesa. A inexistência de uma regulamentação faz com que cada um escreva o crioulo à sua maneira, o mesmo vocábulo aparecendo com diferentes grafias. Este facto é também apontado como um freio ao desenvolvimento da literatura em crioulo guineense. (Embaló, 2008, p. 103-104).

A Embaló (2008) destaca um desafio significativo na promoção da bissau-guineense como língua de ensino: a falta de uma escrita regulamentada. A proposta de unificação ortográfica apresentada pelo Ministério da Educação da Guiné-Bissau em 1987, embora baseada no alfabeto latino e adaptada para incluir sons específicos do crioulo, não foi amplamente implementada. Isso resulta em uma variedade de grafias para a mesma palavra, o que gera confusão e dificulta a comunicação escrita. Essa ausência de padronização não só prejudica a alfabetização e o ensino da língua, mas também limita o desenvolvimento da literatura em crioulo, uma vez que a literatura depende de uma forma escrita consistente para se estabelecer e prosperar. Portanto, a falta de uma ortografia uniforme é um obstáculo que não apenas afeta a educação, mas também a identidade cultural e a expressão artística na Guiné-Bissau. Essa situação ressalta a importância de se investir em políticas linguísticas que promovam a regulamentação e a valorização do crioulo, facilitando sua utilização em contextos formais e educacionais.

Se considerarmos que a língua portuguesa também não é a primeira língua da maioria dos guineenses e nem todos a falavam após a independência e, ainda assim, passou a ser língua de ensino, não se justifica, ao menos por esse prisma, a escolha como língua oficial de ensino. Como a língua bissau-guineense, que não era a primeira língua de parcela da população, entretanto, havia maior domínio do que do português e, certamente, isso poderia facilitar no processo de ensino-aprendizagem entre o professor e o aluno.

Se é verdade que a língua de alfabetização tem um peso determinante no sucesso ou insucesso escolares, não é menos verdade que o insucesso escolar constatado atualmente na Guiné-Bissau, a todos os níveis, não é alheio ao baixo nível de formação dos professores. Com efeito, se compararmos com o que se passava na época colonial, veremos que crianças dos

meios rurais que não tinham sequer o kriol como língua materna, conseguiam fazer os seus estudos com sucesso nas missões católicas ou mesmo nas escolas oficiais, tendo muitas delas beneficiado de bolsas de estudo para formações superiores no estrangeiro. (Embaló, 2008, p.103).

Embaló (2008) destaca que, embora a língua de alfabetização influencie o desempenho escolar, o insucesso educacional na Guiné-Bissau também está fortemente relacionado à baixa formação dos professores. Compara a situação atual com a época colonial, onde estudantes rurais, mesmo sem o Kriol como língua materna, conseguiam sucesso acadêmico graças à qualidade da educação oferecida pelas missões católicas ou nas escolas oficiais, tendo muitas delas beneficiado de bolsas de estudo para formações superiores no estrangeiro. Isso sugere que, além da questão linguística, a qualificação dos professores é crucial para melhorar o sistema educacional do país.

E mesmo sendo uma língua oral e com uma escrita ainda em processo de construção, ou seja, sem ortografia oficial consolidada, não há motivo pelo qual a língua bissau-guineense não possa ser ensinada ou mesmo não se possa iniciar a produção de materiais didáticos. O incentivo à produção de uma gramática e um dicionário, inclusive, constituem-se em políticas linguísticas efetivas para a promoção e difusão de um idioma.⁸

Passados quase 50 anos da independência do país, a língua bissau-guineense é a língua nacional e através dela diferentes grupos étnicos existentes no solo guineense se comunicam. Ela também é chamada de língua da unidade nacional, por conta do seu papel durante a luta pela independência e atualmente. Algumas pessoas a têm como a primeira língua, outras como segunda língua, dependendo do indivíduo e da etnia da família (Cá; Rubio, 2019; Rubio; Cá, 2019). Embora não seja a língua oficial do país, a língua bissau-guineense é a língua do quotidiano e do dia a dia, e é também utilizada, junto da língua portuguesa, nas instituições públicas, rádios, discursos oficiais e na assembleia nacional.

Ainda que não possua o estatuto de língua do ensino, a língua bissau-guineense continua convivendo com o português no momento de ensino-aprendizagem nas escolas, oferecendo-se como recurso aos professores para melhorar a compreensão dos alunos (Embaló, 2008). E, segundo os dados do último Censo realizado no país, em 2009, a língua bissau-guineense é empregada por 90,4% dos falantes. Além disso, a maioria da população guineense tem as línguas pertencentes à família das línguas do Níger-congo como a primeira língua e, através dessas línguas, se transmite conhecimentos de ancestralidade, tradições e a identidade comunitária. (Embaló, 2008).

⁸ Nesse contexto, importante rememorar a produção das primeiras gramáticas da língua portuguesa, ainda no século XVI (1536 e 1540, respectivamente), período das grandes navegações, o que proporcionou maneira “eficaz” de ensino do idioma aos habitantes locais das então colônias e maior padronização da modalidade escrita.

Cabe enfatizar que a língua bissau-guineense é uma língua autônoma, tanto do ponto de vista gramatical, quanto do ponto de vista lexical, constituindo-se em uma forma de comunicação “completa, complexa, plena e funcional para seus usuários”, sendo primeira língua de parcela expressiva da população, diferenciando-se de outras línguas dentro e fora do país e atendendo a todas as necessidades comunicacionais (Djaló, 2023, p. 69).

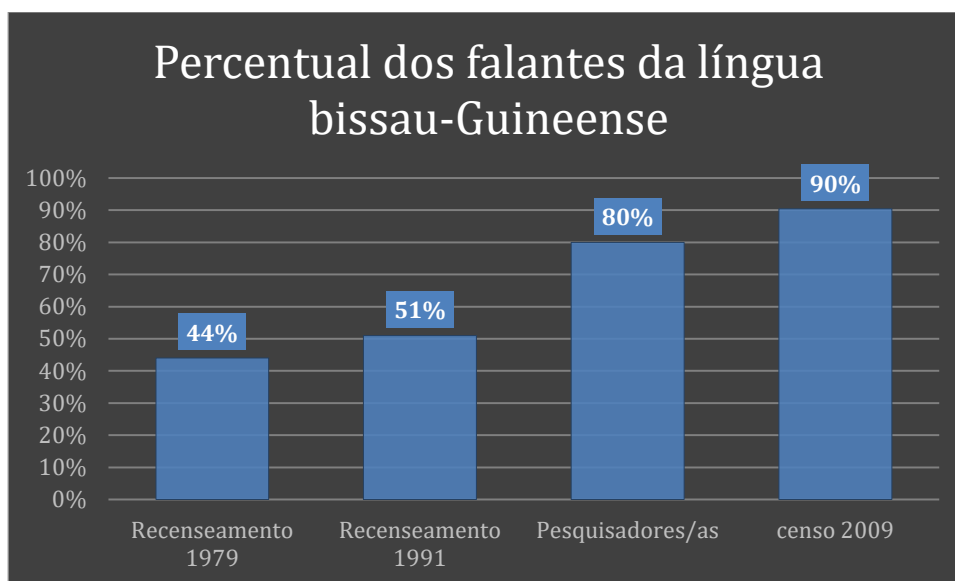
Atualmente, o bissau-guineense ainda é uma língua oral e com uma escrita em processo de estruturação, ou seja, até o momento, não há uma ortografia oficial, o que aponta a necessidade da implementação de políticas linguísticas que promovam a descrição da língua e que subsidiem a produção de gramáticas e dicionários, que apresentem uma norma-padrão, que possa ser ensinada nas escolas, em um processo semelhante ao que se verificou, gradativamente, por exemplo, com as línguas europeias, em séculos anteriores.

Independente da oficialização, a língua bissau-guineense está cada vez mais presente na cultura, ocupando cada vez mais espaços, principalmente na literatura, músicas, televisão, assembleia, cantigas de ⁹mandjuandadi e cantos de guerreiros contra o jugo colonial.

Em suma, mesmo que não haja a oficialização da língua, como foi referido, a sua presença está cada vez mais evidente na cultura e ocupa cada vez mais lugares no solo guineense. É a língua mais empregada no território e se constitui cada vez mais na língua da união entre os povos, tornando-se a primeira língua de muitos dos guineenses. O gráfico 2, que segue, apresenta o aumento gradativo do percentual de falantes da língua bissau-guineense em Guiné-Bissau, contrariando, de certa forma, as expectativas, haja vista a língua não se constituir em oficial.

Gráfico 2: Percentual de falantes da língua Bissau-guineense na Guiné-Bissau

⁹ **Mandjuandadi** é um sistema de relações sociais entre pessoas da mesma faixa etária em Bissau, que também dá nome a organizações culturais, predominantemente formadas por mulheres. Essas organizações se reúnem para fazer música e dança, expressando suas opiniões e lutando pela emancipação feminina. A participação das mulheres em diferentes áreas da sociedade proporciona um espaço de afirmação e liberdade em um contexto marcado pelo patriarcado (Ferreira, 2007; Santos, 2011).



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base em diversas fontes (autores).¹⁰

Para passar informações sobre o mosaico linguístico presente na Guiné-Bissau, passamos a tratar de aspectos relacionados à corrente que subsidia nosso trabalho, do ponto de vista teórico e também metodológico, a Sociolinguística Variacionista.

2.6 Alguns pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista

O ser humano, por natureza, é um ser social, dessa forma, necessita da língua para se comunicar. A língua é o meio pelo qual o indivíduo expressa as suas ideias, as da sua geração, as da comunidade a qual pertence. Dessa forma, as mudanças sociais levam também a mudanças linguísticas e a língua, por consequência, carrega consigo valores sociais, ou seja, a língua atua como lentes pelas quais construímos socialmente realidades; permite-nos agir sobre outrem. A estrutura social pode influenciar a estrutura da língua, ou seja, seu comportamento. (Borin, 2010).

A sociolinguística, nesse contexto, é um dos ramos da linguística que estuda a(s) língua(s) utilizada(s) nas comunidades de fala, focada na sua concentração para um tipo de estudo que está ligado a questões linguísticas e sociais. Essa perspectiva de estudo linguístico, desse modo, se dá em um espaço interdisciplinar, na fronteira entre a linguagem e sociedade, considerando, principalmente, usos específicos da linguagem, especialmente a heterogeneidade (Mollica, 2003). Em outras palavras, a Sociolinguística é um campo da linguística que estuda a língua em seu uso real, considerando a

¹⁰ Scantamburlo (1999), Recenseamento (1979); Scantamburlo (1999); Recenseamento (1991); Couto; Embaló (2010); Censo -INE (Guiné-Bissau) (2009) (dados do Censo em: <https://www.stat-guinebissau.com/>).

relação entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Com isso, a língua é uma entidade social que não pode ser investigada como um sistema independente da circunstância, da cultura e da história dos falantes que a usam como meio de comunicação. (Borin, 2010).

Essa visão sobre o fenômeno linguístico iniciou sua expansão em 1963, quando William Labov e outros pesquisadores criaram um modelo de pesquisa que considera que a língua está em constante relação com a sociedade, influenciando-a e por ela sendo influenciada. Nesse sentido, surge essa nova vertente de pesquisa linguística, chamando a atenção para as características variáveis da língua, que se consubstanciam sob a influência de diversos fatores linguísticos e sociais. Os sociolinguistas passam a privilegiar a linguagem inserida em um contexto social que requer um falante/ouvinte real para ocorrer. A heterogeneidade linguística é considerada uma característica individual determinada pela comunidade de fala da qual faz parte. A função da sociolinguística, nesse âmbito, é investigar a covariação sistemática de variedades linguísticas e sociais e também mostrar uma relação causal em uma direção ou outra (Fisher, 1958, apud Rubio, 2012).

A língua, pelo olhar da sociolinguística, é tratada como um continuum heterogêneo, constantemente sob a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem uma ou outra variedade linguística. Por exemplo, na alternância de formas encontrada na concordância verbal (CV) ou na alternância pronominal (AP), fatores extralinguísticos e linguísticos podem facilitar ou dificultar a pluralização explícita dos verbos ou o emprego de uma das formas pronominais, respectivamente. (Rubio, 2012).

A variação, sob o viés da sociolinguística Laboviana, não deve ser vista como mero acaso, mas sim como uma propriedade das línguas naturais. A variação significa o uso alternativo de diferentes formas para transmitir o mesmo conteúdo de informação. O número desses usos, por sua vez, constitui uma variável linguística. Todas essas formas alternativas que expressam o mesmo valor de verdade no mesmo contexto são chamadas de variantes linguísticas. Por exemplo, em português brasileiro, há duas variantes no fenômeno de CV, ausência de marcas de plural em verbos vs. a presença de marcas plural em verbos, o que constitui uma variável linguística. Como podemos ver nos exemplos, o primeiro com ausência de marcas em verbo: *Os menino vai para a escola.*" (Uso do verbo "vai" no singular em vez de "vão"). E outro exemplo: a presença de marcas plural em verbos: *Os meninos vão para a escola.*" (Verbo "vão" concorda com o sujeito "meninos", que está no plural).

As variantes do fenômeno variável de AP de primeira pessoa do plural, em português, incluem variantes com formas pronominais *nós* e *a gente*. (Rubio, 2012).

Existe uma relação de "competição" entre variantes na comunidade de fala. A cada variante

são atribuídos valores sociais diferentes e, assim, os falantes de uma comunidade de fala tendem a empregar essas variantes ou não, mesmo que inconscientemente, às vezes considerando as consequências sociais do uso de cada uma.

Uma variante é classificada como de prestígio quando é relacionada a um falante ou um grupo social de status considerado superior. Essa consideração pode levar à reprodução dessa variante, até mesmo por outros grupos sociais, com finalidade de evitar o preconceito linguístico.

A variante usada por falantes desprestigiados socialmente na comunidade é considerada estigmatizada, isto é, pertence à classe econômica ou culturais menos prestigiadas. Assim, o estigma ocorre pela oposição da variante estigmatizada à forma prestigiada na comunidade. O processo de definição das formas prestigiadas e estigmatizadas não tem relação direta com padrões linguísticos normativos, mas sim de uso e irá se estabelecer com base na avaliação social concedida pelo usuário da língua. (Rubio, 2012).

Segundo Labov (1972), a variação linguística não deve ser vista como um simples acidente, mas sim como uma característica intrínseca das línguas naturais. Essa variação envolve o uso alternativo de diferentes formas para transmitir a mesma informação, formando o que se chama de variável linguística. Cada uma dessas formas alternativas, que expressam o mesmo significado em um contexto similar, é chamada de variante linguística. Por exemplo, no fenômeno da concordância verbal (CV), a ausência e a presença de marcas de plural nos verbos constituem duas variantes de uma mesma variável linguística. No caso da alternância pronominal (AP), as variantes seriam o uso do pronome "nós" ou "a gente" e as formas verbais associadas a cada um. (Rubio, 2012).

Dentro de uma comunidade de fala, essas variantes estão em competição e recebem diferentes valores sociais, influenciando a escolha inconsciente dos falantes. Uma variante pode ganhar prestígio se estiver associada a grupos sociais de status elevado, o que leva à sua reprodução por outros grupos, que buscam evitar o preconceito linguístico. Por outro lado, variantes usadas por grupos socialmente desprestigiados são vistas como estigmatizadas, o que pode ser devido a fatores econômicos, culturais, educacionais, étnicos ou regionais. O estigma surge da oposição entre a variante estigmatizada e a forma prestigiada na comunidade. Esse julgamento é baseado em avaliações sociais do usuário da língua, e qualquer desvio dos padrões de prestígio é suscetível a preconceito linguístico, uma manifestação de preconceito social ainda subestimada. (Rubio, 2012).

Aos moldes da relação entre variante de prestígio e variante estigmatizada, existe uma oposição entre a variante inovadora e a variante conservadora. A forma mais antiga no processo de variação e mudança, normalmente é utilizada por falantes mais idosos, é denominada de conservadora, enquanto a forma mais moderna, que se verifica mais na nova geração, é denominada

de inovadora. (Rubio, 2012).

A variante padrão frequentemente é considerada como a variante de prestígio no meio da comunidade de fala, por ser a variante estabelecida pelos manuais e gramáticas normativas. De outra perspectiva, existem dois tipos de formas de variantes, a variante padrão e variantes não padrão, designadas como variantes populares, que formam especificamente a fala das classes que não apresentam prestígio social dentro da comunidade de fala.

A associação da variante de prestígio à variante padrão nem sempre é verificada, já que, em diferentes contextos, pode ocorrer a implementação na comunidade de fala de formas inovadoras que não concernem ao padrão, porém, são prestigiadas na comunidade de fala devido ao nível de consciência da comunidade a respeito de uma avaliação positiva ou negativa da forma alternante. (Rubio, 2012).

Considerando-se esse complexo processo entre língua e sociedade, um dos objetivos da Sociolinguística é compreender/entender os principais fatores que influenciam a variação linguística e a importância que cada variável apresenta. A variação, por isso, não ocorre ao acaso, mas como um fenômeno cultural formado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos de diferentes tipos. (Borin, 2010).

A heterogeneidade se manifesta, nas línguas naturais, em diferentes níveis, de forma sistemática no léxico, na sintaxe, na morfossintaxe, no sistema fonético-fonológico e no domínio pragmático–discursivo. Os campos de investigação que interessam à Sociolinguística são contato entre as línguas, surgimento e extinção linguística, multilinguismo e variação e mudança linguística. (Mollica, 2003).

A variação linguística, como previamente mencionado, forma um fenômeno natural e pressupõe a existência dos aspectos linguísticos oferecendo várias alternativas denominadas de variantes, ou seja, a variação linguística ocorre pela heterogeneidade no sistema de uma língua. E toda a variação linguística não acontece por acaso, acontece para atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. As variantes são diferentes formas alternativas que representam um fenômeno variável, denominado de dependente, por estar sujeito a outras variáveis, chamadas de independentes.

Uma variável independente compõe-se de um conjunto de fatores que podem condicionar a variação, ou seja, as variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa da língua, influenciando os usos, aumentando ou diminuindo o afluxo de eventos. Vale ressaltar que a palavra variável quer dizer o fenômeno em variação. Os grupos de fatores equivalem aos paradigmas reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva e negativamente a utilização de formas

variantes. (Mollica, 2003).

A Sociolinguística, neste contexto, preocupa-se em investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, detectar as variáveis que têm a capacidade positiva ou negativa sobre emergência dos usos linguísticos alternativos e diagnosticar comportamento regular e sistemático. Dessa forma, constata-se que a variação e a mudança são contextualizadas, formando o conjunto de paradigmas um complexo de origens e vários níveis. Vale reforçar que as circunstâncias que competem para o uso de forma variantes são numerosas, atuam ao mesmo tempo e surgem dentro ou fora dos sistemas linguísticos. Desde um esquema geral, uma classificação da natureza dos fatos influentes numa variação de uma língua caracteriza-se: no conjunto de variáveis internas – fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Eles referem-se a características da língua em diferentes aspectos, levando-se em conta o nível dos significantes e do significado, assim como os diferentes subsistemas de uma língua. E, no conjunto de variáveis externas à língua, unem-se os fatores inerentes ao falante (como etnia e sexo), os sociais (a escolarização, nível de renda e classe social) e os contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva). O primeiro grupo diz respeito aos traços dos próprios falantes, ao passo que as restantes características circunstâncias que ora abarcam falante, outra vez o evento da fala. (Mollica, 2003).

Como aponta Camacho (2013), para a linguística, qualquer língua ou variedade, com efeito, é um sistema extremamente organizado, pois é muito possível transmitir, de forma lógica e coerente, qualquer conteúdo sobre a realidade social.

Os procedimentos da linguística descritiva partem do entendimento da língua como um todo, formado por normas sociais. No passado, era natural manter esses padrões inalterados, compartilhados por todos na comunidade de fala. Estudos mais aprofundados sobre o contexto social de uso da língua, entretanto, apresentam diversos elementos da estrutura linguística que envolvem variação sistemática, que por sua vez se reflete tanto em mudanças temporais quanto em processos sociais extralinguísticos. (Labov, 2008).

As mudanças linguísticas requerem uma fase intermediária, onde a antiga forma convive com a nova forma, tanto no nível da comunidade linguística quanto na fala dos indivíduos. A princípio ocorre uma inovação, ou seja, uma diferença entre o sistema linguístico utilizado por um grupo social e outros de algum setor social. Quando uma inovação se espalha de determinados contextos linguísticos ou de um grupo social para outro, esse processo é designado de propagação (Labov, 1994, Coelho, 2006). Assim, pode-se dizer que a mudança se estabelece a partir do momento em que a forma inovadora se manifesta amplamente e atinge todos os grupos sociais da comunidade e não está mais sujeita a restrições linguísticas. A frequência de uso de variantes inovadoras na comunidade de

fala evolui gradualmente ao longo de décadas ou séculos (Labov, 1994; Coelho, 2006). Isso pode ser observado na evolução da frequência de uso de uma variante em diferentes gerações, em tempo aparente ou em tempo real de curta duração, bem como em textos escritos em diferentes períodos históricos (estudo em tempo real de longa duração). Exemplos de um padrão de mudança gradual foram observados em dois níveis principais de análise linguística: fonologia e sintaxe. Um exemplo de mudança fonológica na literatura sociolinguística inglesa é o surgimento do /a/ curto que ocorreu em várias comunidades inglesas ao longo de várias décadas (Labov, 2008). Sintaticamente, a transição de uma ordem OV para uma VO no inglês medieval levou centenas de anos (Kroch, 1994 apud Coelho, 2006). Em cada estágio de mudança, houve variabilidade dentro do mesmo texto quando a mesma pessoa usou as variantes OV e VO. (Coelho, 2006).

Para Sociolinguística Variacionista, o estudo das gramáticas das comunidades de fala serve para afirmar que as línguas são governadas por variações linguísticas e extralinguísticas sistemáticas. Portanto, o interesse da SV é a heterogeneidade linguística. Para essa corrente, a língua tem uma dinâmica específica que possui as formas distintas, porém semanticamente equivalentes. Ao contrário da visão normativa, essas formas não são vistas como desvios. A língua permite que elas sejam construídas e devem ser respeitadas. Cabe ao indivíduo utilizar a forma mais adequada para cada situação. Sendo assim, esse contexto se verifica conforme o local onde a língua vai ser usada e o grau de formalidade. (Santos, 2013).

Partindo desse pressuposto, percebe-se que a visão da SV tenta oferecer uma explicação aceitável para a ocorrência dos denominados ‘desvios’ da gramática normativa, e, portanto, não deixa espaço para preconceitos linguísticos. A Sociolinguística se preocupa com o uso da língua no dia a dia, mas não deixa de lado outras línguas, nem provoca estigmatização. A principal crítica da SV aos estudos normativos reside, portanto, no fato de que descartam dos seus estudos a característica de que a língua é inerentemente heterogênea. (Santos, 2013).

Dentre estes estudos, apontam -se pesquisas relacionadas à concordância sujeito-verbo (CV) no português brasileiro. Sendo assim, a CV chama atenção devido à quantidade de regras, definidas pela gramática normativa (GN), que por sua vez não são seguidas efetivamente na língua falada. Desse modo, a variação de CV na língua portuguesa possui grande registro pelos estudos variacionistas, que vêm afirmando que a regra de CV é uma regra variável e essa variabilidade depende da influência de variáveis linguísticas e extralinguísticas. (Rubio, 2012, Santos, 2013).

Conforme Moura (2007, apud Santos, 2013, p. 104), diferentes aspectos vão interferir na concordância verbal no português brasileiro, e, para a autora, a concordância verbal pode ser considerada regra variável, mesmo quando se trata da norma culta da língua.

Gramáticos, como Bechara (2004, p. 204), aludem a determinada flexibilidade na CV: “é preciso estar atento à liberdade de concordância que a língua portuguesa muitas vezes oferece.” No entanto, não se deve confundir a possibilidade mencionada pelo gramático em contextos específicos aos processos de variação recorrentes no português brasileiro falado, já que o mesmo Bechara (2004) chama atenção no que diz respeito a essa liberdade, que deve ser protegida apenas para “não prejudicar a clareza da mensagem e harmonia do estilo”. Moura (2007) enfatiza que a variação na concordância entre o sujeito e verbo deve ser discutida de forma apropriada nas escolas, seguindo os pressupostos sociolinguísticos. (Santos, 2013).

Como já foi mencionado, os estudos sociolinguísticos variacionistas expõem um português falado no Brasil que varia consoante fatores internos e externos da língua. Os principais fatores linguísticos vistos como influentes para variável CV são a posição do sujeito, no que concerne ao verbo, elementos constituintes na relação entre sujeito e verbo, paralelismo formal e saliência fônica entre a forma singular e plural, dentre outros (Rubio, 2012). E quanto aos fatores externos ao sistema linguístico, merece ênfase, no que vêm sendo apresentado pelas pesquisas nessa área como fatores que influenciam ou não a variação entre ausência e presença de CV: a faixa etária, a escolaridade e a localidade. (Santos, 2013).

Considerando-se especificamente esse fenômeno, cabe abarcar o princípio da economia linguística, que tem sido tradicionalmente utilizado para explicar fenômenos associados à não repetição de marcas formais com a mesma informação em diferentes pontos da mesma estrutura linguística. Diferentes estudos demonstram que este princípio no seu uso real nem sempre se aplica, manifestando-se, por vezes, de forma marginal e assistemática. Essa discussão será retomada mais adiante, com base em estudos do português brasileiro e da bissau-guineense.

No português brasileiro, é comum ouvir expressões como "Vou no mercado" em vez de "Vou ao mercado". Essa simplificação reflete o princípio da economia linguística, que se manifesta na omissão da preposição "a". Embora ambos os usos sejam gramaticalmente corretos, a versão simplificada é preferida. Da mesma forma, na bissau-guineense, expressões como “vinti ces” (vinte e seis) são frequentemente simplificadas para "vin ces", demonstrando a supressão da parte "vin". Essa simplificação é uma manifestação prática da economia linguística, embora não ocorra de maneira sistemática em todos os contextos.

Outro exemplo desse princípio é a omissão de pronomes. No português brasileiro popular, é possível dizer "Disse que vai sair", omitindo o pronome "ele" da frase "Ele disse que vai sair". Essa omissão não compromete a compreensão, mesmo que a forma mais formal inclua o pronome. Em contrapartida, a língua bissau-guineense não permite o sujeito nulo. Nesse contexto, utilizam-se dois

pronomes em sequência ou apenas um, adotando uma forma mais econômica. Por exemplo, a frase "Disse que vai sair" é agramatical si fizemos tradução em bissau-guineense, enquanto "Ele disse que vai sair" é gramatical. E em certos dialetos populares do português brasileiro, observamos variações no uso de plurais. Um exemplo é o uso de "Os menino" em vez de "Os meninos". Esse fenômeno pode ser explicado pela economia linguística, que resulta na não repetição da marca de plural, embora essa não seja uma regra estrita.

E no que tange à concordância nominal, considere a frase "A Jacemine Sambú está preocupada". O adjetivo "preocupada" concorda em gênero e número com o substantivo "Dona Sambú", que é feminino e singular. Dessa forma, a concordância é mantida em feminino e singular. Quanto à concordância verbal, temos o exemplo "A Jaqueline e Tininha estudavam juntas", onde o verbo está em harmonia com o sujeito, respeitando o número e a pessoa.

Na língua bissau-guineense, um exemplo de concordância verbal é "E na bim padidu na hospital" (Elas nascerão no hospital). Neste caso, a forma verbal "padidu" permanece inalterada, tanto no singular quanto no plural, o que contrasta com a norma culta do português, que diferencia a flexão verbal entre singular e plural, como em "nascerá" e "nascerão".

Por fim, na concordância nominal da língua bissau-guineense, consideremos a frase "Nó dus amigu perferidu sta duenti!" (Os nossos dois amigos preferidos estão doentes!). Embora a frase não contenha um artigo, a lógica de concordância é evidente, já que o numeral "dus" (dois) indica pluralidade. Isso significa que, mesmo que outros elementos não expressem plural, o numeral já estabelece essa relação. Diferentemente do português, onde todos os elementos devem concordar com determinantes (artigos, pronomes, numerais) em gênero e número, na língua bissau-guineense, um único elemento é suficiente para indicar pluralidade.

3 ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO SINTAGMA NOMINAL E VERBAL

Considerando todo o contexto social da língua bissau-guineense e a necessidade de registro e descrição de suas características, como base em pressupostos sociolinguísticos, retomamos a proposta desse trabalho, qual seja, de proporcionar estudo descritivo sobre a alternância pronominal e a concordância verbal e nominal no idioma, o que, modestamente, contribui também para a produção de materiais capazes de proporcionar subsídios para ensino e difusão da língua. Com o intuito de fundamentar este trabalho, passamos, na sequência, a tratar das estruturas que serão consideradas na análise, o sintagma nominal, o sintagma verbal e o paradigma pronominal.

3.1 O sintagma

O termo sintagma deriva-se da terminologia militar grega, significando um esquadrão, em outras palavras, um número determinado de soldados, que por sua vez eram divididos regularmente e cada um recebia tarefas específicas. Sendo assim, os linguistas fizeram uma adaptação do termo para indicar o modo como o substantivo, o verbo, o adjetivo, o advérbio e a preposição comumente se relacionam com outras classes de palavras. O sintagma é a quarta unidade gramatical descritivista. É uma junção de palavras organizadas em torno de cinco elementos: verbo, substantivo, adjetivo, advérbio e preposição. (Castilho,2010).

Ao longo da história, como qualquer termo técnico, o sintagma recebeu diferentes significados. A princípio, o termo significava combinação de qualquer cadeia da fala, como uma realização do eixo sintagmático. Os exemplos dados por Saussure (*reler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; Se fizer bom tempo, sairemos*) apontam que, para ele, o sintagma poderia ser tanto uma estrutura morfológica, assim como em *reler*, como uma estrutura sintática de nível sintagmático, como em *contra todos* e *a vida humana*, ou de nível sentencial, como *Deus é bom* e *Se fizer bom tempo, sairemos*. O Estruturalismo especializou a expressão, limitando-a a uma nomeação dos grupos de palavras que constituem uma unidade sintática hierárquica maior que uma palavra, porque é o resultado de uma combinação de palavras, e menor que a sentença da qual faz parte. (Castilho,2010).

O sintagma, nesse âmbito, é um conjunto de elementos que constitui uma unidade relevante na oração/frase, que por sua vez mantêm relações de dependência e ordem entre si. Assim, são formados em torno de um elemento fundamental, chamado de núcleo, que por sua vez pode formar um sintagma. O sintagma é composto por diferentes tipos de elementos que formam o seu núcleo: sintagma nominal (SN), possuindo um nome como núcleo; o sintagma verbal (SV), possuindo um verbo (V) como núcleo. Além desses dois, existem também o sintagma adjetival (SAdj), o sintagma preposicional (SPrep) e o sintagma adverbial (SAdv). E na estrutura de uma oração, SN e SV aparecem como componentes obrigatórios em sua forma básica. (Souza-e-Silva; Koch, 2011).

Os sintagmas possuem uma capacidade linguística de estruturar expressões com uma margem esquerda, um núcleo e uma margem a direita. Ainda essas propriedades também podem ser vistas nas sílabas, nas palavras e nas sentenças. (Castilho,2010).

Perini (2006) aponta que o sintagma pode ser entendido como uma unidade de forma e sentido, isto é, uma unidade com coesão formal e semântica. É formal quando acontece em posições sintáticas específicas e definidas, geralmente com uma função específica. É semântica porque fornece uma ideia do que faz sentido, ainda mantêm uma relação de dependência e ordem entre si. Eles estão

estruturados em torno de um constituinte básico chamado núcleo, que por sua vez pode formar um sintagma.

3.1.1 O sintagma verbal e sua estrutura

O sintagma verbal (SV) consiste em um núcleo verbal e complementos selecionados pelo verbo, portanto, podendo ser estruturado de maneira diferente, a depender da predicação, melhor dizendo, a estrutura do SV está intimamente relacionada ao número de argumentos selecionados pelo verbo. (Araújo, [s.d.]).

Mateus (2003) alega que o SV é formado por um verbo principal e por complementos escolhidos conforme a categoria e o tema do verbo. O verbo principal pode estar sozinho ou ser acompanhado por um ou mais verbos auxiliares.

O núcleo do SV pode ainda ser composto por um verbo ou uma locução verbal, que por sua vez é conhecida como um dos elementos essenciais da constituição da oração, podendo possuir diferentes configurações e está sempre acompanhado de outros sintagmas que desempenham a mesma função, ou seja, um predicado. (Cruz, 2014).

Os elementos que aparecem junto dos verbos plenos dentro do sintagma verbal são denominados de "argumentos do verbo", que podem ocorrer como forma de um sintagma nominal, um adjetivo, um advérbio ou uma preposição, exercendo as funções de predicativo (ou predicação secundária), do objeto (complemento) direto, indireto e oblíquo (adverbial e nominal). O verbo seleciona seus argumentos que são, por isso, constituintes obrigatórios, e sem os quais a oração não tem sentido completo. O argumento é importante para a organização sintática e semântica da oração (Svobodová, 2014). Esses argumentos do verbo são classificados em: argumentos externos, que dizem respeito ao sujeito, e os argumentos internos, que representam os complementos. Nem todos os sintagmas verbais possuem um complemento, principalmente quando se referem a um verbo intransitivo ou absolutos (Svobodová, 2014).

3.1.2 O sintagma nominal e sua estrutura

O sintagma nominal (SN) é uma construção sintática cujo núcleo é um substantivo ou um pronome. O primeiro é essencialmente a classe designadora e o segundo a classe dêitica/fórica/de substituição. O sintagma nominal possui uma estrutura na qual o núcleo é um substantivo, alguns pronomes, tendo o artigo e especificador ou o artigo e os pronomes, por complementadores os sintagmas adjetivais e preposicionais. (Castilho, 2010).

Dessa forma, em português, O SN pode ser formado pela coordenação de diferentes componentes e implementa-se uma espécie de hierarquia, segundo a qual rege quem tiver o "menor número". Desse modo, um SN constituído por elementos de primeira e terceira pessoa é classificado como um elemento de primeira pessoa. E além da característica de pessoa, os SNs ainda possuem marcadores de gênero e número e esses traços são importantes na concordância. O item *a blusa* (feminino) e *guarda-chuva* (masculino) são marcados no léxico como feminino e masculino. Assim, outras palavras na língua não são propriamente marcadas no léxico como feminino ou masculino, mas variam conforme o gênero, mostrando sistematicamente formas femininas e masculinas. Em muitos casos, as duas formas são fonologicamente idênticas, mas devem ainda ser consideradas distintas. Do outro lado, na língua portuguesa, as palavras variam em número, podendo ocorrer no singular e plural, e algumas palavras possuem só uma forma singular ou plural. (Perini, 2005).

A concordância de número no sintagma nominal na língua portuguesa padrão possui uma regra a qual aponta que todos os nomes enométricos e a maior parte dos determinantes, qualificadores e modificadores são marcados no plural, complementando o morfema (s) nas formas do singular. Esta concordância dos elementos com o núcleo do sintagma nominal é obrigatória nessa categoria da língua padrão. Ao contrário, na língua bissau-guineense, os determinantes e modificadores são invariáveis e por sua vez não possuem essa marcação de número. (Sana & Bueno, 2012).

Em variedades orais do português, a concordância nominal de número pode se dar de formas diferentes junto da categoria do sintagma nominal (SN). A concordância aceita como padrão e que ganhou grande prestígio social exige a adição de um morfema de número a todos os itens flexíveis do SN, entretanto, os estudos sociolinguísticos têm revelado, desde a década de 1980, haver grande variação na concordância nominal, com apagamento de marcas de plural nos elementos que circundam o núcleo do SN plural (Vieira & Brandão, 2014).

No caso da concordância verbal, também pode haver diferentes formas de marcação do plural, e, no caso da concordância padrão, prescrita pelas gramáticas normativas, há a exigência de que a forma verbal contenha os marcadores de plural presentes no sujeito SN. (Vieira & Brandão, 2014). Na sequência, abordaremos com mais ênfase os pontos mencionados acima, sobre a diferença entre o padrão e o uso efetivo da língua no que concerne à concordância.

3.2 A concordância

Concordância é a adequação de palavras determinantes à categoria: gênero, número e pessoa da palavra estabelecida em uma frase. Na visão da gramática normativa, deve-se seguir o modelo da

escrita historicamente constituído, que, em língua portuguesa, aponta que deve haver “harmonia” em toda a categoria do SN-sujeito e deste com seu respectivo verbo, assim, a concordância pode ser nominal e verbal. (Bechara, 2009, p. 189).

Quando for concordância nominal, entende-se pela adequação em gênero e número a meio de adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, numeral ou a particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas). E, quando for a concordância verbal, confere-se em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração. (Bechara, 2009).

Conforme apontam Cunha e Cintra (1985, apud Tavares, 2021), a concordância verbal, de acordo com a gramática tradicional, é a correlação entre o verbo e o sujeito, que faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, ou seja, na variabilidade do verbo para designar-se ao número e à pessoa do sujeito. O verbo em uma língua é visto como uma classe importante, pois mostra um processo e, gramaticalmente falando, é marcado quanto ao tempo e apresenta uma concordância. A flexão do verbo precisa adequar-se ao número e à pessoa do sujeito, por isso, quando o verbo muda, o sujeito, que faz parte integrante da frase, tem que concordar com ele, o que funciona como elemento de continuidade (Cunha e Cintra, 1985, apud Tavares, 2021).

Para Bechara (2009), a concordância é um princípio linguístico benéfico em várias línguas, e determinante e determinação correspondem a um tipo e regras gramaticais. Para as gramáticas tradicionais do português brasileiro, a concordância entre o sujeito e o verbo e dentre outras classes de palavras são regras fundamentais, entretanto, estudos baseados no uso, por outro lado, apontam variação na concordância nominal e verbal e demonstram diferentes fenômenos que ocasionam a variação na concordância. Investigações sociolinguísticas revelam que essas regras são variáveis e ora se emprega a concordância conforme a prescrição e ora não, dependendo de fatores linguísticos e extralinguísticos.

3.2.1 A concordância nominal

A concordância nominal estabelece uma ligação morfológica entre elementos especificamente denominados nomes. E se distingue em dois tipos: concordância entre termos do SN e a concordância de um termo oracional com o sujeito ou o objeto direto. Em ambos os acontecimentos, o fenômeno está relacionado com as características de gênero e número de alguns constituintes, que devem harmonizar-se com os traços equivalentes a um elemento considerado central. Assim, os compostos que devem concordar nominalmente são os constituintes de um elemento léxico que diferem em gênero ou em número. A esses elementos darem os traços [+Ge, +Nu] (gênero e número); refere-se

como se pode verificar, de uma classe de palavras estabelecida por um critério morfológico que por sua vez varia em gênero e número e também por um critério sintático que leva em conta o mecanismo da concordância nominal. A variação de gênero deve ser diferenciada como, palavras que possuem formas femininas, ou seja, onde a palavra é marcada como feminina e há casos em que a palavra não varia em gênero, neste caso aparece uma palavra nova. (Perini, 2005).

Na concordância nominal padrão em língua portuguesa, quando há uma só palavra determinada, ela vai para o gênero e número da palavra determinante, e, ainda, quando, há mais de uma palavra determinada, sendo assim, se as palavras determinadas forem de mesmo gênero, a palavra determinante passa automaticamente para o plural e, ao mesmo tempo, para o gênero comum, ou poderá concordar, sobretudo se for antes dela, em gênero e número com a mais próxima. E, ainda, se as palavras mencionadas forem de gênero diferente, a palavra determinante passa para o plural masculino ou concorda com a palavra mais próxima em gênero e número (Perini, 2005). E, em casos em que há só uma palavra determinada e mais de uma determinante, a palavra indicada está no plural ou no singular, neste último caso a repetição do artigo é opcional. Isso geralmente acontece com adjetivos de nacionalidade: “As literaturas brasileira e portuguesa ou a literatura brasileira e portuguesa”. Vale acrescentar que, quando for concordância de palavra para sentido, palavra definidora pode não concordar mais com a forma da palavra definida em termos de gênero e número, portanto apenas o seu significado é considerado. (Bechara, 2009, p. 302).

Estudos sociolinguísticos, todavia, evidenciam que a regra de concordância nominal dentre unidades flexionáveis do sintagma nominal é referida como uma regra variável, ou melhor dizendo, é uma regra que às vezes se aplica e as vezes não, em decorrência de atuação que pode ser positiva ou negativa num determinado grupo de fatores.

Miranda (2016) alega que a língua portuguesa falada no Brasil mostra características linguísticas interessantes em diferentes regiões do Brasil, que contrariam as distinções regionais comumente abordadas em materiais didáticos de ensino de língua. Essa diversidade é visível e provada na literatura linguística brasileira. Estudos sociolinguísticos e dialetológicos constataam que mesmo dentro de uma região, no que se refere à língua, existe diversidade incluindo marcas sintáticas, morfossintáticas, fonéticas e lexicais.¹¹

A partir dos aspectos morfossintáticos apontados em estudos sociolinguísticos feitos sobre o português brasileiro, é possível reconhecer as próprias marcas na fala em diferentes regiões do Brasil.

¹¹ Em relação a essa diversidade, destacamos o estudo de Rubio (2012), que revelou haver diferentes configurações para o fenômeno variável de Concordância verbal de terceira pessoa do plural, em variedades presentes em diferentes locais do Brasil e, para além disso, a depender das características sociais de indivíduos que residem em uma mesma região.

A regra de concordância nominal entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal no português brasileiro é considerada como uma regra variável; isto é, às vezes se empregam marcas de plural em todos os elementos do sintagma e às vezes não, em decorrência de atuação (positiva ou negativa) de um grupo específico de fatores. Entre esses grupos de fatores, três fatores podem ser considerados linguisticamente significativos (Miranda, p. 355, 2016):

1) A posição linear que o elemento ocupa no SN (ex: primeira posição – as pernas todas marcadas; segunda posição – todas as casas);

2) A classe gramatical do elemento (ex.: substantivo – problemas assim maiores; quantificador – todos os anos); e

3) A natureza das marcas precedentes (ex: numerais – passou QUINZE dias, passou QUINZE dias, ele foi lá no bar; presença de marca formal na primeira posição – porque eles traziam BOIS mais bravo.)

Vale ressaltar que, em português, a concordância nominal de número tem diversos padrões por meio dos quais se pode expressar a categoria de número no âmbito do sintagma nominal (SN). A concordância, que é aceita como padrão e ganhou grande prestígio social, exige a adição de um morfema de número a todos os itens flexíveis do SN. (Vieira & Brandão, 2014).

Como já foi mencionado, pela abordagem da Sociolinguística Variacionista, a língua é concebida como um sistema heterogêneo, cuja variação é uma característica inerente. Com base nesta visão, centrada no uso efetivo da língua, a concordância nominal assume várias formas: marcação de plural em todos os elementos, marcação de alguns elementos e marcação de plural somente no primeiro elemento do sintagma nominal (SN). A utilização de uma ou de outra variante é determinada por um grupo de fatores linguísticos e extralinguísticos e o estudo da concordância nominal no PB considera combinações das variáveis sociais como idade, escolaridade, classe social e gênero para identificar se o fenômeno variável se dá em processo de mudança em progresso ou em variação estável. (Marques, Oliveira e Paula, 2019).

Conforme aponta Scherre (1988), o comportamento variável da concordância nominal no português brasileiro caracteriza-se como motivado por dois aspectos principais: o princípio do processamento com paralelismo, que permite o uso de formas semelhantes; e o princípio da economia, que concerne a possibilidade de variação, ao mostrar a tendência para a omissão de formas redundantes. Levando em consideração esse último princípio, entende-se que ao marcar somente o primeiro elemento do SN, excluem-se as formas redundantes e mantém-se o sentido de pluralidade no SN. Os primeiros estudos sociolinguísticos que analisaram a concordância nominal confirmaram essa exclusão e mostraram uma forte correlação entre o uso da marca formal de plural e o fator

linguístico posição linear.

Guy (1981, apud Lopes, 2015) argumenta que o elemento mais marcado vem na primeira posição, como o artigo; em seguida os substantivos; a seguir, os menos marcados, que são da terceira posição, os adjetivos. Scherre (1988), ao encontro da fala de Guy (1981, apud Lopes, 2015), explica que o determinador, para mais ou menos a concordância, é o lugar em que os elementos flexíveis ocupam no que concerne ao elemento nuclear. Os elementos à esquerda do núcleo (independentemente da classe) recebem mais marca de plural do que os elementos à direita do núcleo, que por sua vez são (os menos marcados) (Lopes, 2015).

Tarallo (1986) aponta que a variação na marcação de plural no SN em português brasileiro ocorre da seguinte forma: A variante (1) é a presença do segmento tônico /s/, a variante (2) é a ausência deste segmento, ou seja, a forma “zero”. Como aponta o autor, no português, o plural é marcado redundantemente em todos os elementos do SN: incluindo determinantes, nome-núcleo e modificadores-adjetivos. Portanto, a variação na marcação do plural no SN pode ter as seguintes características:

1. aS meninaS bonitaS
2. aS meninaS bonitaØ
3. aS meninaØ bonitaØ

Na sentença (1), a marca do plural em todo SN, conforme a norma-padrão do português. Em (2) o falante mantém a variante [s] na posição de determinante e nome-núcleo, mas lança a variante [ϕ] para a posição adjetivo modificador, ou seja, não a marca. E, em (3), os falantes utilizam a variante não padronizada [ϕ] nas duas últimas posições do SN, mantendo a marca de plural apenas na posição inicial. (Tarallo, 1986).

Conforme a nossa análise de dados, percebe-se que a língua bissau-guineense não apresenta redundância como o português padrão, em que o plural é marcado redundantemente em todo SN. Na língua bissau-guineense, somente ocorrerá a marca do plural no nome-núcleo, como exemplo, nos vocábulos *mininu* e *badjudas*, nas sentenças abaixo:

- 4.a E *mininus* bonitu
Estes/as meninos/as são bonitos/as)

- 4.b *Badjudas* bai djuga bola na campu aonti dinoiti.

(As meninas foram jogar bola no campo a noite)

A marcação de plural, tanto no sintagma verbal como no sintagma nominal, ocorre de forma diferente da do português padrão, conforme veremos nos próximos tópicos. No português, a concordância nominal dentro do SN é especialmente apontada e vista como um processo que “harmoniza” a flexão de alguns componentes do SN nas propriedades do núcleo (Bechara, 2004). Cabe, neste ponto, questionar se, para línguas que não apresentam CN, teríamos um processo “desarmônico” entre os elementos do SN. Ainda vale ressaltar que existe uma diferença relevante entre concordância verbal e concordância nominal, já que esta última deve criar um sistema de filtros específico para esse fim. (Perini, 2005).

A concordância nominal dentro de uma oração também pode ser descrita por um filtro. Esse filtro se aplica a componentes no nível oracional, ou seja, itens imediatos de uma oração que sejam marcados gênero, número [Ge, Nu], que executam as funções marcados por [CN] – isto é, complementos de predicado (CP), atributos (Atr) ou predicativos (Pv). Há alguns termos da oração que podem ser preenchidos por elementos que possuem propriedades [+Ge, +Nu], ou seja, que podem variar em gênero e número; nestes casos também pode haver concordância com o sujeito e objeto direto. (Perini, 2005).

3.2.2 A concordância verbal

A concordância verbal, na visão prescritiva da língua portuguesa, é um sistema de harmonização entre os termos, o sujeito e o núcleo do predicado nas orações. Então, numa oração, essa análise tradicional obriga-nos a criar uma regra especial que coloca o verbo na terceira pessoa do singular sempre que não tenha sujeito (aparente ou oculto). E, por outro lado, a concordância nominal demonstra uma relação morfológica entre elementos especificamente designados de nomes. Ainda, a concordância nominal possui algumas semelhanças com a concordância verbal e assim também possuem diferenças (Perini, 2005).

A questão da concordância verbal diz respeito ao verbo em relação ao sujeito: o primeiro deve concordar numericamente (singular ou plural) e em pessoa (1^a, 2^a, 3^a), com o segundo. Olhando para as definições dadas para o fenômeno de concordância, parece bastante simples. (Tavares; 2021, p. 20).

Então, a concordância verbal refere-se à relação entre o sujeito e o verbo de uma frase que precisariam estar em “sintonia”. Na visão normativa, se o sujeito da frase estiver no plural, o verbo

também deverá estar. E no caso da concordância nominal, os pronomes, numerais, artigos e adjetivos têm que concordar com o substantivo.

A concordância é a conformidade morfológica entre uma classe (neste caso o verbo) e seu escopo (neste caso, o sujeito). **Essa conformidade implica, portanto, na redundância de formas, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito haverá marcação de plural no verbo.** (Castilho, p. 411, 2010, destaque nosso).

Sendo assim, a concordância padrão, ou seja, na norma-padrão, é redundante, e, ao contrário, no português popular, elimina-se essa redundância, marcando apenas uma vez, como ocorre na língua bissau-guineense (em que não há redundância), conforme já registrado por alguns autores. Matche (2017) menciona que bissau-guineense somente marca o número a partir de um único elemento no sintagma nominal sujeito, acrescentando o morfema (s), ou seja, nessa língua, o sujeito e o verbo não precisam, ambos, estarem no plural.

Além da visão gramatical, o português popular abre um campo amplo para discussões muito fértil, pois oferece diferentes mecanismos no que se refere à concordância. O português popular falado no Brasil, dado um sujeito formalmente plural, com presença explícita de pelo menos uma marca formal de plural, apresenta o verbo que pode ser marcado com uma marca formal explícita ou com uma forma zero. (Scherre; Naro, 1993).

Apesar da influência da gramática normativa (GN), que atua fortemente para emprego da chamada norma culta, que é o emprego da língua pelas camadas que usufruem de prestígio (Dubois et al, 2006, apud Santos, 2013, p. 102), há o emprego das variedades populares, pelas camadas que não usufruem desse prestígio, com normas e regras diferentes e próprias.¹²

Sendo assim, embora a GN busque determinar a norma-padrão da língua, isto é, definir um sistema de instrução que determina a forma “correta” dessa língua, a forma dita “incorreta”, é utilizada, apesar de ser considerada como uma má formação e ser socialmente estigmatizada pela sociedade.

Do ponto de vista morfológico, é incontestável que, na língua portuguesa, a oposição singular e plural faz-se acrescentando o morfema -s à forma singular, tendo em alguns casos alomorfas, contudo, na perspectiva da morfossintaxe do português, podem-se observar algumas estratégias comuns de uso popular. Silva (2005) apontou quatro formas possíveis quanto à oposição do

¹² Ressalta-se, neste ponto, a diferença entre a norma-padrão, prescrita em manuais e gramáticas, vista como um modelo de língua a ser seguido, e a norma culta, a variedade de língua empregada efetivamente por falantes de classes sociais consideradas prestigiadas, sob o ponto de vista social e econômico.

singular/plural: a primeira forma denominou de mórfrica, que se baseia na adição do morfema -s à forma singular, quer apareça em todos os componentes do sujeito quer ocorra apenas em um deles. A segunda forma diz respeito à possibilidade de pluralização através de um numeral adjunto ao sujeito. A terceira forma, que designou de lexical, refere-se ao fato de verificar que alguns coletivos tendem a usar formas plurais de verbos no português popular, criando concordâncias do tipo ““*O povo são o responsável*”. A quarta forma trata do uso de quantificadores para apontar a pluralidade. (Silva, 2005, p. 162).

Passamos a tratar, na sequência, de algumas das características já registradas sobre o emprego de pronome, a CN e a CV na língua bissau-guineense, embora esta ainda esteja por ser descrita em sua integridade, diferentemente do português, já amplamente investigado em suas inúmeras variedades. Ressalte-se que grande parte dos estudos sobre a língua são de natureza qualitativa e, alguns, inclusive, valem-se de ocorrências produzidas pelos próprios autores e não coletadas de usuários reais da língua. Em nossa opinião, isso não invalida os registros, mas destaca a relevância da realização de trabalhos que se proponham a considerar amostras de fala empregadas efetivamente pelos falantes, como as que consideramos em nosso trabalho.

3.3 Aspectos da concordância nominal e verbal na língua bissau-guineense

A concordância nominal na língua bissau-guineense ocorre por uma possível adequação de certos elementos como pronomes e numerais ao número e pessoa a que se quer referir na sentença, pois a estrutura sintática da língua não aceita o artigo. É importante salientar que a maior parte dos pronomes é neutra, como, por exemplo, o pronome possessivo: *nha* (meu/minha), que permanece inalterado em todos os contextos em que é usado, isto é, não se flexiona em gênero e número (Matche, 2017), como podemos constatar por meio das sentenças que seguem, que apresentam elementos de gênero masculino e feminino, singular e plural, sendo referidos por meio da forma pronominal única *nha*.

5. *Nha papé tene dus mindjeris.*

Meu pai ter dois mulheres

(O meu pai tem duas mulheres).

6. *Nha mamé tene dus fidjus*

Minha mãe ter dois filhos.

(A minha mãe tem dois filhos/ ou duas filhas)

7. *Nha* papés tene un kasa na Bissau.

Meu pais ter um casa na Bissau.

(Os meus pais têm uma casa em Bissau)

8. Casa (kasa) (cau) di (de) *nha* pape (i) fica (sta) trás di (de) igreja católica

Casa de meu pai ficar atrás de igreja católica

(A casa do meu pai fica atrás da igreja católica).

A partir desses exemplos, nota-se que a língua bissau-guineense difere muito da língua portuguesa culta e padrão, principalmente no que se refere à regra de concordância, já que, nesta última, todos os elementos concordam com o núcleo (artigo, pronome, numeral) quando este está no singular ou plural, ou quando aponta o gênero masculino ou feminino, havendo a mencionada “harmonia” entre os elementos componentes do sintagma, como enfatizam os gramáticos.

Na língua bissau-guineense, só um elemento indica se a sentença está no plural e, normalmente, esse elemento é um determinante, mas, na sua ausência, o determinado recebe essa função. (Matche, 2017). O plural pode ser derivado do contexto ou marcado morfológicamente pela adição, por meio de sufixação do morfema do plural (-s) a um nome, principalmente a seres humanos. De outro modo, a língua marca o plural pelo mesmo processo morfológico utilizado na língua portuguesa.

Sendo assim, nas variedades basiletais, só núcleo nominal [+humano], que não são precedidos por um quantificador, obtêm marcação morfológica do plural. Independentemente dessas diferenças, as variedades da língua bissau-guineense compartilham o fato de que os determinantes e modificadores são invariáveis e, portanto, não recebem marcas numéricas (Intumbo, 2007). Vejamos o exemplo que segue:

9. *Nha* tris ermon sta duenti.

Meu três irmão estar doente.

(Os meus três irmãos estão doentes)

Na sentença acima, o quantificador *tris* é o único elemento que aponta que a sentença está no plural, permanecendo todos os outros elementos com forma semelhante à do singular.

A língua bissau-guineense não aponta o gênero através da flexão, sendo assim o gênero é marcado através do sexo natural do indivíduo, sempre colocado após o nome, com adição das palavras *matchu* e *femia* (Intumbo,2007), como vemos nos exemplos:

10. Nha fidju *matchu* bunitu.

Meu filho macho bonito.

(O meu filho é bonito)

Nha fidju *femia* bunitu.

Minha filha fêmea bonita

(A minha filha é bonita)

11. Ermon *matchu*

Irmão macho

(Irmão)

Ermon *femia*

Irmão fêmea

(Irmã)

Os determinantes, na língua bissau-guineense, não se flexionam em número, o nome que determinam pode opcionalmente ser marcado com o morfema do plural {-s}, (Intumbo, 2007).

12. E mininus

(Os meninos/as meninas)

13. ki(l) badjuda- s

(As meninas ou aquelas meninas)

A concordância verbal da língua bissau-guineense funciona de forma diferente de algumas

outras línguas, principalmente da língua portuguesa, a qual, alega-se ter se constituído como base desta língua.¹³ Na língua, o verbo não flexiona no plural com o sujeito, permanecendo com estrutura invariável comum a todas as pessoas e ao singular e plural. (Matche, 2017).

Scantamburlo (1999), no seu dicionário da língua bissau-guineense “guineense”, salienta que a maioria dos verbos é oriunda do léxico do português (forma do infinitivo impessoal) com a eliminação (apócope) do -r final. O sistema verbal dessa língua é bastante “sui generis”. Para entender melhor a sua dinâmica, vale levar em consideração as diferenças entre: verbos de estado, como verbos predicativos [i/sedu +adj./adv/nome] (ser), sedu, senti (sentir), sta (estar), misti (gostar), tene (possuir) e os verbos de ação (este último define um processo mais ou menos preciso, com começo e fim): - os tempos anterior, simultâneo e posterior; - os aspectos perfectivos / imperfectivos e habitual / contínuo; e - os modos possíveis / impossível. Ainda salienta que, a grande parte dos verbos provenientes das línguas africanas apresenta a vogal temática [-u]. A única exceção é o verbo [ko'ko] (defecar), que possui a vogal temática [-o] e acento na sílaba final. Há, ainda, os verbos que terminam com consoante no final, ou seja, parece haver alguns exemplos de palavras terminadas em consoante: ten (há), bin (vem). (Scantamburlo, 1999).

Os verbos não carregam em sua estrutura marcas de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, tanto nos tempos simples, como nos complexos, sendo assim essas flexões não existem na bissau-guineense, dispondo a língua de morfemas livres que desempenham essas funções e circundam os verbos, como revela Intumbo (2007).

se o verbo é precedido da partícula *na* indica o aspecto progressivo ou referência um futuro iminente. A partícula *ta* também é pré-verbal e pode indicar um futuro menos iminente ou prospectivo, ou o aspecto habitual. A partícula *ba* é pós-verbal e é aplicada ao tempo anterior, podendo também indicar uma condição ou uma hipótese. A combinação *ba dja* é pós-verbal e aplica-se para marcar o tempo mais anterior, para indicar que uma determinada ação decorreu e que se situa num ponto anterior na linha temporal do discurso, a uma outra ação também passada. (Intumbo, 2007.p. 56).

Dessa forma, como vemos, as categorias de tempo, modo e aspecto podem ser marcadas por meio de morfemas livres que ocorrem com o verbo, formas como *na*, *ta*, *ba* e, às vezes, o *dja* que combina com *ba* para marcar o tempo mais anterior. Esses morfemas podem ocorrer antes ou depois do verbo. Ainda vale ressaltar que, os morfemas pré-verbais de tempo, modo e aspecto como (*na* e

¹³ Estudos mais recentes, como o de Djaló (2023), tem contestado essa alegação, apontando que a base da língua bissau-guineense pode ser encontrada nas línguas étnicas locais africanas.

ta) não aceitam material interveniente, ou seja, não aceitam material lexical entre eles e o verbo que acompanham. (Maria, 2013).

Assim, como foi mencionado, os verbos marcados por morfemas de tempo, modo e aspecto, necessitam de diferentes tipos de informação contextual. Contudo, a marcação ou sua ausência, principalmente no primeiro caso, indica subclasse do verbo, ou seja, seu caráter estático ou não estático. O verbo estativo não aponta ação, mas indica o estado ou propriedades. Como no caso do verbo *sedu* ‘ser’, *sta* ‘estar’, *tene* ‘ter’, entre outros (Intumbo, 2007). E os verbos não estativos, sem marcadores, apontam ações pontuais (Peck 1988, apud Intumbo, 2007, p. 58), e mesmo que não sejam marcados por morfemas, são interpretados como de expressão do passado.

O emprego ou ausência de morfemas, principalmente de pretérito (tempo anterior), costuma estar associada à subclasse do verbo, ou seja, uma natureza estativa ou não estativa. (Intumbo, 2007).

Ex: Verbos com marcadores:

14. Ntene *ba* un livru.

Eu ter PP (pretérito perfeito) *um livro*

(Eu tinha um livro)

15. I Kontenti *ba*

Ele/a contente PI (pretérito imperfeito)

(Ele/ela estava contente)

16. U sibi *ba* dja cuma i ta conta mintida.

Você/tu saber PI (pretérito imperfeito) *que ele PI contar mentira.*

(Você/tu sabia que ela/ele estava mentindo)

Verbos sem marcadores

17. Ntene kaneta

Eu ter caneta

(Tenho uma caneta)

18. Ami ncumpra libru

Eu comprar livro

(Eu comprei um livro)

19. I ri tok ahos.

Ele/ ela rir muito hoje

(Ele/a riu muito hoje)

Como vimos, a configuração da concordância nominal e verbal na língua bissau-guineense é diferente da evidenciada em português, haja vista se constituir como categórica a marcação de plural em um elemento apenas do SN e, ainda, a não marcação de plural na forma verbal, ficando esta última em estrutura invariável, que atende às três pessoas do discurso, no singular e no plural.

Por considerarmos como intimamente relacionados os fenômenos de concordância e também de emprego das formas pronominal, abarcamos, na sequência, aspectos sobre o a estrutura pronominal em português e na língua bissau-guineense.

3.4 O quadro pronominal de algumas línguas naturais e o princípio da economia linguística

Especificamente em relação às formas pronominais, que farão parte do escopo de investigação deste trabalho, trata-se de uma classe de palavras categoremáticas que combinam em número delimitado e que se referem a um significado léxico pela situação, ou seja, considerando-se o contexto. Normalmente, essa referência se relaciona a um objeto substantivo, visto que se emprega somente como pessoa localizada do discurso. (Bechara, 2009).

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados por indicarem dêixis (“o apontar para”), ou seja, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad óculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será anafórica se “apontar para um elemento já enunciado ou concebido, ou catafórica, se o elemento ainda não foi enunciado ou não está presente no discurso”. (Bechara, 2009. p. 138).

Os pronomes podem aparecer como absolutos, atuando como o núcleo de um sintagma nominal, como substantivos, ou como adjuntos do núcleo, como adjetivos, artigos ou de numerais. Os pronomes são classificados em: pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando o artigo definido), indefinidos (abarcando o artigo indefinido), interrogativos e relativos. (Bechara, 2009).

Os pronomes pessoais apontam duas pessoas do discurso e a não pessoa (não eu, não tu), considerada, pela tradição, a 3.^a pessoa. Dessa forma, temos: a 1.^a pessoa: eu (singular), nós (plural), a 2.^a pessoa: tu (singular), vós (plural) e a 3.^a pessoa: ele, ela (singular), eles, elas (plural). (Bechara,

2009).¹⁴

Cá (2021) salienta que a estrutura pronominal da língua bissau-guineense provém das línguas de que é originário, o português e as línguas étnicas africanas da Guiné-Bissau. Os pronomes pessoais são flexionados em número e os outros pronomes, dependendo do contexto em que são adicionados, podem ou não ser flexionados. Dessa forma, diferentemente do que acontece na língua portuguesa padrão, em que os pronomes morfologicamente flexionam-se quanto ao gênero e número, respectivamente, como em *ele* → *ela*, *teu* → *tua*, *nosso* → *nossa*, *algum* → *alguma*, *aquele* → *aquela* etc., como em *ele* → *eles*, *nosso* → *nossos*, *aquele* → *aqueles*, a flexão, em bissau-guineense, somente ocorre, nos pronomes pessoais, entre plural e singular (flexão de número), sendo empregada uma forma única tanto para masculino quanto para feminino. (Margotti e Margotti, 2011). Ainda podemos acrescentar que, na língua bissau-guineense, essa mesma regra não se aplica para pronomes de outra natureza, como, por exemplo, os possessivos, que são invariáveis, como em *nha* → *minha/meu*, *minhas*, *meus*, conforme já apontamos.

Bagno (2011, p. 122), em sua gramática pedagógica do português brasileiro, aponta que a economia linguística é uma expressão que alude a um conjunto de processos que tratam de mecanismos de mudança, que, por sua vez, buscam reagir positivamente a dois impulsos: “a) poupar a memória, o processamento mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de maneira a torná-la mais eficaz como utensílio de interação sociocomunicativa.”

Medeiros (2013) salienta que, ao levar em consideração a proposta de Bagno, entende-se que a economia linguística é um fenômeno que possui a premissa de eliminar certos termos, com propósito de facilitar e reduzir o ato da fala e também criar novas configurações linguísticas, com a finalidade de aumentar afetividade da comunicação.

Para Medeiros (2013), o fenômeno da economia linguística é verificado, principalmente, nos níveis fonético, fonológico e morfossintático.

no português, com a evolução da língua, o aparecimento do “índice pessoal-sujeito” antes do verbo passou a ser necessário visando o aumento da clareza da construção. Tal fato se deu devido a algumas mudanças na língua, como, por exemplo, a substituição do termo “tu” pelo termo “você”, a inserção do pronome “a gente”, e sua frequente utilização em detrimento do pronome “nós”, e o total desaparecimento da forma “vós”. (Medeiros, 2013, p. 17).

¹⁴ Os gramáticos normativos, como Bechara, apresentam apenas formas pronominais da língua portuguesa padrão, embora, no uso, outras formas também sejam empregadas, como *a gente* (1ª pessoa do discurso no plural), *você* (2ª pessoa do discurso no singular) e *vocês* (2ª pessoa do discurso no plural) (Rubio, 2012).

De acordo com Bagno (2011), a economia linguística serve principalmente como mecanismo de cognição para a eliminação de redundâncias, isto é, determinada categoria sintática que já vem expressa num elemento do sintagma, não necessita mais ser expressa nos demais. Portanto, o fenômeno da economia linguística, no campo da morfossintaxe está relacionado à interrupção de determinado segmento em todos os componentes de uma sentença, resultando em um processo de simplificação. (Medeiros, 2013). Por exemplo, se o sujeito de um verbo for apontado por uma flexão do verbo, o “índice pessoal do sujeito” pode ser eliminado ou dispensado.

Nesse sentido, por exemplo, para o verbo “amar”, no português brasileiro atual, a forma flexional “ama” consegue corresponder a mais de uma pessoa do discurso: “Você ama”; “Ele/a ama”; “a gente ama”; e, em certas variedades estigmatizadas do português “nós ama”; “Vocês ama”; “Eles/as ama”. Portanto, para compreender plenamente o sentido da sentença, é fundamental explicar “quem” ama, visto que para “você”, “ele/a”, “a gente” e em “vocês”, “eles/elas”, o verbo é flexionado da mesma maneira. (Medeiros, 2013).

Para Bagno (2011), o fenômeno da economia linguística funciona no sentido de restringir a indicação morfológica somente num dos elementos do sintagma”, ou seja, elimina redundâncias das construções linguísticas, livrando que a indicação de pessoa tenha que ser indicada tanto no sujeito como na flexão.

É relevante ressaltar que o fenômeno da economia linguística, além de facilitar o processo de comunicação, da mesma forma “aumenta a eficiência dos atos comunicativos”. Sendo assim, esses fenômenos incluem não apenas restrições e exclusões, mas também casos que trazem determinados ganhos e compensações, como aponta Bagno (2011), que exemplifica o caso dos tempos verbais, em que os falantes optam por utilizar o pretérito mais-que-perfeito composto, em vez do simples – a forma “tinha feito” é mais usada, em detrimento da forma “fizera”, por exemplo. Em outros casos, o pronome demonstrativo “este” desaparece da língua falada durante o processo de assimilação. É mais fácil para os falantes usarem o pronome "esse", adicionando-o ao um advérbio de lugar "esse aqui" ou "esse aí".

Especificamente em relação às formas pronominais, Rubio (2012) demonstra uma redução no paradigma das formas pronominais do português brasileiro (PB) e até mesmo do português europeu (PE) falado em relação à norma-padrão, que influenciará outros fenômenos variáveis dessas variedades. No quadro 1, que segue, pode-se verificar nove formas diferentes, no PE, com três alternantes de segunda pessoa do singular, (tu/você), primeira pessoa do plural ((nós/a gente) e segunda pessoa do plural (vós/vocês), enquanto no PB, normalmente, há oito formas, duas das quais com formas variantes, em segunda pessoa do singular (tu/você) e primeira pessoa do plural (nós/a

gente), situação que se reduz ainda mais quando consideradas algumas variedades do PB, como a falada no interior paulista, que apresenta sete formas pronominais, com apenas uma delas sujeita ao fenômeno de alternância pronominal de primeira pessoa do plural (nós/a gente). Nessa perspectiva, vale ressaltar que o sistema pronominal do PE contém todas as alternativas pronominais do PB, o que pode servir de evidência para considerá-lo como a fonte da formação da variedade do PB. No entanto, esta mesma situação parece ser invertida quando se consideram diferentes padrões de CV que colocam o PB na frente da quantidade de fenômenos variáveis observáveis.

Quadro 1: Realizações pronominais e formas correlatas e padrões de conjugação verbal em variedades da língua portuguesa

Variedades	PADRÃO		ESTUDOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ¹⁵		PORTUGUÊS EUROPEU – CRPC		PORTUGUÊS BRASILEIRO – Interior Paulista		
	Pessoa	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação /ex.	Pronome/ correlato	conjugação/ ex.
1PS ¹⁶		<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS x (3PS)	<i>Eu</i>	1PS	<i>Eu</i>	1PS
		<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo x (joga) futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>	<i>Eu</i>	<i>jogo futebol</i>
2PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Tu</i>	2PS x 3PS	<i>Tu</i>	2PS	<i>Você</i>	3PS	
			<i>Você</i>	3PS	<i>Você</i>	3PS			
	<i>Tu</i>	<i>jogas futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>jogas x joga futebol</i>	<i>Tu</i>	<i>jogas futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>	
			<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>	<i>Você</i>	<i>joga futebol</i>			
3PS	Ele/a e correlatos	3PS, 3PP ¹⁷	Ele/a e correlatos	3PS x (3PP)	Ele/a e correlatos	3PS x 3PP	Ele/a e correlatos	3PS x (3PP)	
	<i>Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal</i>	<i>joga futebol joga x jogam futebol</i> ¹⁸	<i>Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal</i>	<i>joga futebol joga x (jogam) futebol</i>	<i>Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal</i>	<i>joga x jogam futebol</i>	<i>Ele/a; a Maria; o menino O povo; o pessoal</i>	<i>joga x (jogam) futebol</i>	
1PP	<i>Nós e correlatos</i>	1PP	<i>Nós e correlatos</i>	1PP x 3PS	<i>Nós e correlatos</i>	1PP	<i>Nós e correlatos</i>	1PP x 3PS	
			<i>A gente</i>	3PS x 1PP x (3PP)	<i>A gente</i>	3PS x 1PP	<i>A gente</i>	3PS x 1PP	
	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você/tu</i>	<i>jogamos futebol</i>	<i>Nós; eu e ele; eu, o João e você</i>	<i>jogamos x joga futebol</i>	
			<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos x (jogam) futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x jogamos futebol</i>	<i>A gente</i>	<i>joga x (jogamos) futebol</i>	
2PP	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS	<i>Vós</i>	2PP	<i>Vocês</i>	3PP x 3PS	

¹⁵ A composição do quadro tem como base os trabalhos apresentados em Rubio (2012, p. 106).

¹⁶ As formas entre parênteses constituem fenômenos pouco recorrentes, mas já atestados.

¹⁷ A gramática normativa somente admite variação nos casos específicos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito encontra-se formalmente no singular e o verbo que o segue pode ser pluralizado (3PP), por influência de elementos plurais adjacentes ou do SN nuclear de sentido coletivo.

¹⁸ A gramática normativa somente admite variação nos casos específicos de concordância semântica, nos quais o núcleo do sujeito encontra-se formalmente no singular e o verbo que o segue pode ser pluralizado (3PP), por influência de elementos plurais adjacentes ou do SN nuclear de sentido coletivo.

					<i>Vocês</i>	3PP x 3PS		
	<i>Vós</i>	<i>jogais futebol</i>	<i>Vocês</i>	<i>jogam x joga futebol</i>	<i>Vós</i>	<i>Jogais</i>	<i>Vocês</i>	<i>jogam x joga futebol</i>
					<i>Vocês</i>	<i>jogam (joga) futebol</i>		
3PP	<i>Eles/as e correlatos</i>	3PP	<i>Eles/as e correlatos</i>	3PP x 3PS	<i>Eles/as e correlatos</i>	3PP x (3PS)	<i>Eles/as e correlatos</i>	3PP x 3PS
	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam x joga futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam (joga) futebol</i>	<i>Eles; Elas; as pessoas; os homens</i>	<i>jogam x joga futebol</i>

(Fonte, Rubio, 2012, p. 207)

Em resumo, além de o quadro apresentar o desaparecimento de formas pronominais, como *vós* e inserção de novas formas pronominais, *como a gente, você e vocês*; a alternância pronominal na segunda pessoa do singular e na primeira pessoa do plural (tu x você e nós e a gente); evidencia uma redução do paradigma de concordância verbal, de 6 formas para 4, na variedade culta, e duas apenas, na variedade popular (distinção apenas entre primeira pessoa do singular e as demais). (Rubio, 2012).

Em outras palavras, na variedade do português popular, evidencia-se um avançado processo de economia linguística, por meio da não marcação de plural nas formas verbais, cabendo apenas aos elementos presentes no sintagma nominal sujeito a apresentação de morfema de plural. Não é demais acrescentar que, por vezes, na variedade popular, esse morfema de plural estará presente apenas no núcleo do SN-sujeito, permanecendo os outros elementos que o cercam em sua forma singular.

A manifestação do processo de economia linguística pode ser mais evidente principalmente em línguas ainda não normatizadas, como é o caso da língua bissau-guineense, as quais não estão sujeitas às imposições de uma norma-padrão.

Cardinaletti & Starke (1994, apud Danfá, 2021) propuseram uma classificação tripartida do sistema pronominal em formas fortes, fracos e clíticos; e explicam que, dependendo de cada língua, essa forma pode fazer parte do paradigma de pronomes.

Na língua bissau-guineense, todos os três tipos do pronome podem ser encontrados, porém com algumas características próprias. Conforme os autores, pronomes fracos e os clíticos (“deficient elements”) são morfologicamente mais reduzidos do que pronomes fortes (“strong elements”). Os dois primeiros apontam restrições configuracionais, incluindo coordenação, ou seja, não são coordenáveis, diferentemente dos pronomes fortes, que podem ser coordenados.

Duarte (2008) aponta que os pronomes fortes, fracos e afixos de concordância codificam os traços de número e pessoa e, nas línguas de sujeito nulo, observa-se que pronomes fortes aparecem junto de pronomes fracos e afixos de concordância. Em línguas com sujeito obrigatório, como inglês e o francês, o caso dos pronomes fortes tendem a ser acusativos e dativos, enquanto em línguas com sujeito nulo, os pronomes fortes tendem a ser de caso nominativo.

No que se refere à natureza dos afixos de concordância na língua bissau-guineense, os verbos transitivos e intransitivos obtêm os prefixos de concordância {m ~ n ~ N} “eu”; {bu} “tu”; {no} “nós”, {bo} “vós” e {i-}, que redobram os traços dos pronomes fortes ami “eu”; abo “tu”; anos “nós”; abos “vós”, el “ele(a)” (Duarte, 2008).

O pronome fraco é visto na literatura como um componente que possui propriedades tanto de um núcleo quanto de uma projeção máxima.

O que o caracteriza como um núcleo é o fato de, às vezes, ele se comportar como um clítico: eles não podem ocorrer em posições canônicas de complemento; não podem ocorrer em posição de adjunto; não podem ocorrer como itens isolados. Já o que caracteriza o pronome fraco como uma projeção máxima é o fato de, às vezes, ele se comportar como um pronome forte.. pode ser coordenado; e jamais se amalgama a um verbo. Isso explica a impossibilidade de a forma *cê* ocorrer em determinadas posições. (Silveira, 1997, p. 70).

Apesar de o português brasileiro (PB) não possuir esse paradigma homogêneo de pronomes fracos, alega-se que a classificação de pronomes fortes e clíticos também é insuficiente para uma língua como o PB. Portanto, a categoria dos pronomes fracos precisa ser acrescentada para outras línguas. (Silveira, 1997).

De acordo com Velupillai (2012, apud Danfá, 2021), os clíticos pronominais são conhecidos fonologicamente como dependentes do radical verbal, porém sintaticamente independentes. Geralmente, os clíticos são uma versão reduzida de uma contraparte livre, que são os não-clíticos. Conforme Poletto e Tortora (2016, apud Danfá, 2021) apontam, o termo clítico é utilizado para denotar a redução de morfema que depende fonologicamente e/ou sintaticamente da outra unidade linguística, em que forma um determinado tipo prosódico e/ou agrupamento sintático. A diferença principal entre um clítico sujeito e um clítico objeto é que “o clítico sujeito pronominaliza um sujeito, enquanto o clítico objeto pronominaliza um objeto” (Poletto e Tortora, 2016, apud Danfá, 2021, p. 64).

Segundo aponta Danfá (2021), os pronomes pessoais do caso reto, ou seja, os pronomes fortes (não-clíticos) são apontados como aqueles que têm de ocupar a posição do sujeito (ou argumento externo do verbo); por outro lado, os pronomes clíticos, designados de caso oblíquo, são aqueles que devem ocupar a posição do objeto ou complemento verbal (isto é, argumento interno do verbo). Todavia, os clíticos pronominais conseguem ser afixados em diferentes lugares: antes do verbo, sendo proclíticos; após o verbo, sendo enclíticos; entremeados ao verbo, sendo mesoclíticos; e dentro da raiz verbal, endoclítico. (Velupillai, 2012, apud Danfá, 2021).

Ainda no que refere à diferença entre os clíticos e não clíticos, a palavra clítica é utilizada

para apontar a uma relativa (ou pequena) redução de morfema que necessita fonológica ou sintaticamente de outras unidades linguísticas, com as quais se forma um certo tipo de agrupamento prosódico e/ou sintático. (Danfá, 2021).

No que se refere à posição de sujeito, vale frisar que, na língua bissau-guineense, há uma coincidência entre as formas clíticas e não-clíticas, já que ambas podem ocorrer nessa posição. (Danfá, 2021).

Para a classificação sintática das formas pronominais da língua bissau-guineense, foram levantadas algumas propostas, como a de Scantamburlo (1999), a de Matche (2017), a de Danfá (2021) e a de Intumbo (2007). Conforme aponta Scantamburlo (1999), no que se refere à função do sujeito, os pronomes pessoais-sujeito, na língua bissau-guineense, possuem duas formas, a forma secundária (S) e a forma principal (P). Matche (2017) nomeia essas duas formas de emprego pronominal, de formas primárias e secundárias, como pronomes pessoais em função de sujeito em bissau-guineense, sendo que as formas primárias podem ser suprimidas.

Intumbo (2007) alega que a língua bissau-guineense e o balanta separam os pronomes pessoais em enfáticos e não-enfáticos, sendo que os pronomes pessoais enfáticos de bissau-guineense, de maneira alguma podem ser argumentos do predicado (Intumbo, 2007). Os pronomes pessoais enfáticos e não-enfáticos podem ocupar a função gramatical do sujeito, mas somente os pronomes não-enfáticos podem realizar as funções de objeto direto e objeto indireto (ibid.).

Danfá (2021) menciona que essas duas formas são chamadas de não-clíticas e se encaixam nos pronomes fortes e fracos. Vale a pena notar que pretendemos tratar a forma fraca como não-clíticas, uma vez que apresentam uma redução morfológica menor que os clíticos. A seguir, o quadro 2, que evidencia as formas dos pronomes pessoais na língua bissau-guineense.

Quadro 2. Quadro pronominal da língua Bissau-guineense (kriol).

Pessoas	Formas não -clíticas		Formas clíticas	
	Pronome forte/sujeitos	Pronome fraco/objetos preposicionados	Clíticos sujeito	Clíticos objeto direto/indireto
1PS	Ami	Mi	N	N
2PS	Abo	Bo	Bu/ u	U
3PS	Ei	Ei	I	L
1PP	Anos	Nos	No	No
2PP	Abos	Bos	Bo	Bos
3PP	Elis	Elis	E	Elis

Fonte: Danfá (2021 p.277)

Nesse quadro, as duas primeiras colunas mostram as formas dos pronomes não clíticas, como pronomes fortes (forma plenas) e pronomes fracos (formas reduzidas), respectivamente. E as duas últimas colunas, contêm formas clíticas, que são morfologicamente mais reduzidas que os pronomes fracos. Podemos ver que as três colunas (primeira, segunda e última) contêm nome pessoal híbrido (elis), que mostra as características formais e funcionais de pronomes fortes, pronomes fracos e pronomes clíticos. Portanto, como já explicado, pode funcionar tanto na forma não-clítica quanto na forma clítica, dependendo do contexto. (Danfá, 2021).

No que se refere às posições das formas pronominais, podem aparecer como sujeitos, objetos diretos e/ou objetos indiretos. Entre elas estão as formas pronominais não clíticas, as formas clíticas e uma forma híbrida. Enfatizamos que há co-ocorrência de formas não clíticas e clíticas, isto é, a duplicação pronominal na mesma sentença. (Danfá, 2021).

Seguem exemplos, com base em nossas ocorrências, as quais serão descritas em mais detalhes na análise de resultados. Os pronomes não-clíticos estão em itálico e em negrito os pronomes clíticos:

20. *Anos* **nô** papia ba dja ku el sobre es.

Nós falar PP (pretérito perfeito) com ele/a sobre isso

(Nós já tínhamos falado com ele sobre isso)

21. *Ami* **Nkumpra** es panu di pinti na ferra di Bandé (Bandim).

Eu comprar este pano de pente em mercado de bandim

(Eu comprei este pano de pente no mercado de Bandim).

22. *Abo* **bu** ka dibi di papia ba ku el des manera.

Tu não deve falar PI (pretérito imperfeito) com ele desta maneira

(Tu não devias falar com ela desta maneira)

23. *Abos* **bo** dibi di participa na campeonato di futebol.

Vocês dever de participar no campeonato de futebol.

(Vocês devem participar no campeonato de futebol).

24. *El* **i** ta kumpra ba pon tudu dia.

Ele/a PI (pretérito imperfeito) comprar pão todo dia

(Ele/a comprava pão todos os dias)

25. *Elis e mora ba djuntu.*

Elas/Eles morar PI (pretérito imperfeito) juntas/os.

(Elas/Eles moravam juntas/os)

Nessas sentenças, houve o dobramento, ou seja, houve a co-ocorrência de pronomes, os clíticos e não-clíticos, entretanto, estudos mais recentes, como o de Intumbo (2007), Matche (2017) e de Danfá (2021), têm revelado, embora de forma descritiva e, muitas vezes, com sentenças produzidas pelos próprios autores, a possibilidade de apagamento de umas dessas formas, a não-clítica, como podemos verificar na ocorrência que segue:

26. *N'ganha e presente di nha mame.*

Eu ganhar este presente da minha mãe.

(Ganhei este presente da minha mãe)

Em nossa análise, para além de apresentar ocorrências reais, produzidas por usuários da língua bissau-guineense, apresentaremos um quantitativo geral, com frequências de uso do fenômeno variável de alternância pronominal entre o emprego das duas formas e de uma única forma, com o intuito de lançar luz, de forma preliminar, sobre o andamento desse processo de variação.

Passamos a discutir, na sequência, a caracterização do quadro pronominal de línguas como o português popular, o inglês standard e a língua bissau-guineense, com o objetivo de desmitificar a afirmação de que esta última seria um idioma *sui generis*, principalmente em termos de suas formas pronominais e de ausência de concordância verbal.

3.5 Quadro comparativo: português popular, inglês e bissau-guineense

Na sequência, apresenta-se o quadro pronominal e suas respectivas formas verbais, comparativo entre as línguas bissau-guineense, português e inglês standard. O intuito é o de apontar possíveis semelhanças entre os parâmetros que essas línguas apresentam no que concerne à concordância verbal, ou melhor dizendo, à ausência de concordância verbal, evidenciando-se de antemão que a língua bissau-guineense não se constitui em língua excepcional, mas sim em uma língua que apresenta parâmetros diferentes da língua portuguesa padrão.

Quadro 3. Comparativo português popular x inglês x língua bissau-guineense: conjugação do verbo bai/ir/to go

Formas pronominais				Língua bissau-guineense	Português popular-BR	Língua inglesa Standard
G –P	- S	PORT	ING	VERBO	VERBO	VERBO
Ami	N	Eu	I	Bai	Vou	Go
Abo	Bu	Tu/você	You	Bai	Vai	Go
El	i	Ele/Ela	He/she/it	Bai	Vai	Goes
Anos	Nô	A gente/ Nós	We	Bai	Vai	Go
Abos	Bô	Vocês	You	Bai	Vai	Go
Elis	e	Eles/Elas	They	Bai	Vai	Go

Fonte: Elaborada pela própria autoria

Como podemos notar, o paradigma de concordância verbal em inglês, no presente, se constitui em apenas duas formas verbais diferentes, cabendo apenas à terceira pessoa do singular (goes), uma forma diferente das demais, as quais partilham a mesma construção (go). Em português popular brasileiro, há um padrão assemelhado, no qual apenas a primeira pessoa do plural possui forma verbal diferente das demais, as quais partilham a mesma estrutura entre si. Esse sistema de concordância, como já apontado, caminha em direção ao processo de economia linguística, aludido como recorrente entre as línguas naturais, já que apresenta ausência de marcas de número e pessoa nos verbos, reservando-as apenas ao SN-sujeito. Se considerarmos a língua bissau-guineense, o mesmo processo pode ser verificado, entretanto há, em alguns casos, a partilha da estrutura verbal única e invariável entre todas as pessoas, no singular e no plural (como ocorre, inclusive, com o inglês standard em outros tempos/modos verbais, como o pretérito e o presente contínuo, por exemplo).

Essa configuração, com compartilhamento de mesmas estruturas verbais invariáveis entre as diversas pessoas do discurso, seja no português popular, seja no inglês, seja na bissau-guineense, contribui para que haja, nos sistemas linguísticos, impossibilidade de apagamento do SN-sujeito, haja vista essa estrutura ser a única responsável pela marcação número-pessoal.

Para além disso, é possível se verificar características peculiares da bissau-guineense em relação ao quadro pronominal, já que os pronomes pessoais de terceira pessoa como: el (i) (singular), e elis (e) (plural) não se flexionam, como no português (ele/a, eles/as) e inglês (she, he), ou seja, a língua bissau-guineense possui uma única forma de pronome pessoal para masculino e feminino.

No quadro seguinte, apresenta-se a conjugação do verbo “amar” na língua bissau-guineense, também em comparativo com a língua portuguesa e inglesa. Nessa conjugação, a 1ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural são conjugadas da mesma forma (amau). O que marca a pessoa, neste caso, é o núcleo do sintagma nominal (o pronome *ami n’* ou *n* e *anos nô* ou *nô*), como vemos a seguir:

Quadro 4: Comparativo do português popular x inglês x Bissau-guineense (conjugação do verbo “amar”)

Formas pronominais				Língua bissau-guineense	Português popular	Língua inglesa Padrão
G P	S	PORT	ING	VERBO	VERBO	VERBO
Ami	N	Eu	I	Amau	amo	Love
Abo	Bu	Tu/você	You	Aman	ama	Love
El	I	Ele/Ela	He/she/it	Aman	ama	Loves
Anos	Nô	A gente/ Nós	We	Amau	ama	Love
Abos	Bô	Vocês	You	Aman	ama	Love
Elis	E	Eles/Elas	They	Aman	ama	Love

Fonte: Elaborado pela autora

As demais pessoas, 2ª e 3ª pessoa do singular e a 2ª e 3ª pessoa do plural são conjugadas da mesma forma “aman”. Sendo assim, o verbo não transmite informação número-pessoal, necessitando do núcleo do sintagma nominal para marcar a pessoa e o número. Nesse contexto, o verbo “amar” tem duas formas diferentes apenas para as seis pessoas do discurso, como o português brasileiro popular, com as formas *amo* e *ama* (esta última, partilhada pela segunda e terceira pessoas do singular e do plural).

Em nossa análise de resultados, veremos mais detalhes sobre os processos de alternância pronominal e de concordância na língua bissau-guineense, como base nas ocorrências coletadas e que compõem o corpus. Na sequência, seguem informações mais detalhadas sobre os procedimentos para desenvolvimento de nossa investigação e, em especial, sobre a coleta de nossas amostras linguísticas.

4 METODOLOGIA

O estudo é de natureza sociolinguística, baseado nos pressupostos metodológicos da teoria sociolinguística, e consiste nas seguintes etapas: i) Seleção de referências bibliográficas (artigos, livros, dissertações, teses e outro tipo de informação periódica); ii) Construção do corpus da Guiné-Bissau, com dados relativos à língua bissau-guineense, obtidos através de aplicação de questionários escritos; iii) Análise dos resultados do questionário aplicado. O questionário foi preenchido por falantes nativos da Guiné-Bissau, conforme descrevemos em detalhes adiante.

Quanto ao objetivo, a pesquisa é descritiva e explicativa, objetivando descrever e explicar a caracterização do fenômeno linguístico de alternância pronominal e da concordância na língua bissau-guineense.

Embora a análise tenha sido empreendida de forma predominantemente qualitativa, seguindo-se a proposta inicial do projeto, complementarmente, recorreremos à quantificação geral do fenômeno variável de alternância pronominal. A pesquisa quantitativa é definida pelo uso de ferramentas estatísticas, tanto na coleta quanto na análise dos dados, visando mensurar as relações entre as variáveis. (Gazella, 2009). A pesquisa qualitativa não trata de representação numérica, mas de aprofundar a compreensão de um grupo social, organização, etc. Os investigadores que utilizam uma abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo de investigação uniforme para todas as ciências, porque as ciências sociais têm especificidades próprias que requerem uma metodologia própria. (Gerhardt e Silveira, 2006).

Foram elaboradas 30 ocorrências pela própria pesquisadora junto com orientador, com base nos trabalhos descritivos (gramática descritiva de Perini, gramática de usos do português, dentre outros) que se encaixam com a descrição que envolvem a temática em discussão. Essas ocorrências apresentavam diferentes estruturas, no singular e no plural e em todas as pessoas do discurso, objetivando angariar dados sobre alternância pronominal e concordância verbal e nominal. Além de sentenças relacionadas ao objeto de pesquisa, foram também apresentadas sentenças com outras estruturas, que funcionassem como distratores aos participantes.

Após organizarmos todas as ocorrências no word, inserimos, no formulário via Google forms, as ocorrências, escritas na língua portuguesa, e os/as participantes desta pesquisa traduziram todas as ocorrências para a língua bissau-guineense (kriol). Enviamos para os grupos, via WhatsApp para grupos de estudantes guineense de curso de letras língua portuguesa (kabaz de letras), grupos de amigos, grupos de estudantes guineenses na UNILAB (AEGU), grupos de família, grupos de dança tradicional da Guiné-Bissau (Kabaz di terra) e, individualmente, para amigos e colegas. Um total de

63 participantes retornaram à pesquisa, com as ocorrências respondidas. Junto das respostas, coletamos também algumas características sociais desses indivíduos, como idade e primeira língua, embora essa estratificação não seja empregada na análise, neste momento. Relembramos aqui o fato de a pesquisa apresentar caráter exploratório, por lidar com uma língua ainda pouco investigada. Essa pesquisa, inclusive, em nosso entendimento, se constitui em passo relevante para que, em futuro breve, haja estudos sociolinguísticos que se valham de bancos de dados estratificados socialmente, para investigação de fenômenos variáveis e de fatores intercorrentes na língua bissau-guineense.

Após a coleta, foram reunidos todos os dados, conforme a pessoa do discurso, pois, no momento de aplicação do forms, as ocorrências foram retiradas de sua ordem, para que os participantes não se dessem conta dos reais motivos da coleta (emprego de distratores), qual seja, análise da concordância e da alternância pronominal. Dessa forma, não seguimos a sequência no que se refere aos pronomes, ao número e ao gênero.

Para análise qualitativa, selecionamos algumas ocorrências que concernem com todas as abordagens da concordância, sintagma e pronomes. E depois, para análise quantitativa, selecionamos todas as ocorrências que elaboramos e procedemos ao levantamento estatístico para os fenômenos variáveis de alternância pronominal.

Apresentamos, a seguir, o formulário da nossa pesquisa:¹⁹

Formulário de ocorrências da pesquisa

Pesquisa sobre a língua bissau-guineense (kriol guineense)

O objetivo da pesquisa é de contribuir na descrição da língua bissau-guineense (kriol guineense), por meio de seu registo escrito. O questionário apresenta sentenças em português a serem transcritas para a língua bissau-guineense (kriol guineense). Essa coleta de dados será utilizada na dissertação de mestrado da pesquisadora Janifer Nunes da Fonseca, do programa de pós-graduação em Linguística – da UFSCar, Estado de São Paulo, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio e do Prof. Dr. Oto Araújo Vale. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento do trabalho e contribuirá para o registo e reconhecimento da língua nacional da Guiné-Bissau.

Tu aceitas, livremente, participar desta pesquisa?*

Sim
Não

¹⁹ Houve consulta ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) local, para submissão do Projeto e aprovação, entretanto fomos informados de que, para informantes internacionais, esse órgão não atua, devendo o pesquisador recorrer ao país de origem dos seus participantes. A Guiné-Bissau não possui instituição semelhante ao CEP, não sendo possível a submissão no país, mas, embora não tenhamos passado por aprovação oficial, recorremos a todas as recomendações da instituição brasileira, apresentando e recolhendo assinatura dos participantes no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e resguardando o sigilo das informações pessoais.

Qual é a tua primeira língua ?* _____

Qual é a tua idade? * _____

Traduza as sentenças abaixo para língua bissau-guineense (kriol):

1. Essa camisa é nova.*
2. O cabelo dela é crespo.*
3. Elas moravam juntas.*
4. Minhas filhas foram para escola.*
5. Besna e Lifna são primos.*
6. Eu comprei este pano de pente no mercado de Bandim.*
7. Nós já tínhamos falado com ele sobre isso.*
8. Meu namorado comprou um carro.*
9. Está chovendo em Bissau.*
10. Ele comprava pão todos os dias.*
11. O presidente da Guiné-Bissau oficializou, hoje, a língua bissau-guineense.*
12. Uma pessoa me procurou ontem na universidade.*
13. As aulas começarão depois de amanhã.*
14. Algumas meninas fugiram da aula na hora do intervalo.*
15. A Banuma dormiu na sala depois de ter assistido novela.*
16. Ganhei este presente da minha mãe.*
17. Os meninos gostam de jogar a bola depois da aula.*
18. Um dia, iremos nos encontrar.*
19. Você deve comer arroz todos os dias.*
20. A gente sempre se encontra no Império.*
21. O nosso trabalho de português ficou bom.*
22. Nenhum sapato serviu na Windjaba.*
23. A Okinka Pampa é a única rainha na história de Guiné-Bissau.*

24. Elas criticam tudo.*
25. Aquela bicicleta é da minha prima Joice.*
26. Vocês devem participar no campeonato de futebol.*
27. A casa do meu pai fica atrás da igreja católica.*
28. Tu não devias falar com ela desse jeito.*
29. Isso não se faz.*
30. Ninguém me chamou hoje para sair.*

Estou ciente de que as informações referentes a este formulário serão utilizadas na pesquisa linguística e que a minha identidade não será revelada em nenhum momento durante a pesquisa ou apresentação de resultados. Portanto, autorizo e concordo com o uso dos dados para a realização do estudo.

*

Sim, Concordo.

Não, não concordo.

Na análise das ocorrências, considerou-se o aparato teórico da Teoria da Variação e Mudança Linguística, haja vista considerarmos recortes de língua em uso, no seio da comunidade de fala, considerando-se os processos variáveis como característica intrínsecas a todas as línguas naturais (Labov, 1966, 2005; Weireich, Labov, Herzog, 2006).

Em línguas naturais que possuem modalidade escrita com norma-padrão já historicamente constituída, é notória a diferença entre modalidades, com a oralidade apresentando aspectos característicos e apresentando-se mais suscetível aos processos de variação e mudança. Especificamente no contexto da língua Bissau-guineense, a modalidade oral é amplamente predominante e, como já aludido, há manuais ou gramáticas de cunho prescritivo preliminar, o que faz com que as produções escritas se caracterizem por reproduzir e registrar as manifestações da outra modalidade.

Nesse sentido, justifica-se a aplicação dos questionários na modalidade escrita que, em nosso entendimento, permitem que se tenha conhecimento do efetivo emprego da língua bissau-guineense oral, ao menos no que diz respeito ao emprego das formas pronominais em função de sujeito e à marcação de plural nas formas verbais e nominais.

Para buscarmos compreender melhor o fenômeno em causa, consideramos as respostas obtidas dum total de sessenta e três (63) participantes, entre os quais, trinta e três (33) homens e trinta

(30) mulheres, falantes nativos da língua alvo da investigação. Em relação à escolaridade, foram entrevistadas pessoas de diferentes níveis, desde o Ensino Médio, passando por graduandos/as, mestrandos/as e até doutorandos/as.

Quadro 5. Quadro dos/as participantes nesta pesquisa

Idade	Gênero	Escolaridade	Residência	Naturalidade	Primeira língua	Total de participantes			
						F	M		
16 a 33 anos	Feminino Masculino	Ensino médio	Guiné-Bissau	Guiné-Bissau	Língua guineense (kriol) e línguas locais (étnicas)	F	M		
						30 p	33 p		
	Feminino Masculino	Graduandos/as	Brasil			63 Participantes			
								Mestrandos/as	
									Doutorandos/as

Embora não tenha havido estratificação das amostras de forma equânime em diferentes perfis, aos moldes de estudos linguísticos de comunidades de fala, foram coletadas, em questionário a parte, informações sociais e os perfis são: homens e mulheres; com idade entre 16 e 33 anos; com escolaridade entre ensino médio e superior (graduandos, mestrandos e doutorandos); de naturalidade guineense (nascidos na Guiné-Bissau); com residência em Guiné-Bissau e no Brasil (para não limitar só aos estudantes que moram ou nasceram na capital do país), que possuem como língua materna ou primeira língua uma língua étnica ou bissau-guineense. Essas informações, principalmente sobre a primeira língua, podem contribuir para a compreensão do processo de variação pronominal e verbal por falantes que não têm a língua alvo como a primeira língua.

Na análise dos dados, são apresentadas, neste momento, as construções mais recorrentes,

dentre as 63 entrevistas realizadas; as sentenças produzidas em três tempos verbais gramaticais: presente, passado e futuro; com estruturas que apresentam nomes próprios, pronomes pessoais, adjetivos, artigos, sintagmas verbal e nominal.

5 ANÁLISES E RESULTADOS

Com base na análise das amostras coletadas em nossa pesquisa, passaremos a tratar, na sequência, de aspectos relacionados à alternância pronominal e à concordância verbal e nominal na língua bissau-guineense.^{20, 21}

A observação das ocorrências revela que, em bissau-guineense, conforme aponta preliminarmente a bibliografia, a marcação de plural ocorre somente no sintagma nominal sujeito (SN-sujeito), não havendo marca de concordância de número ou pessoa explícita no sintagma verbal (SV) para cada uma das pessoas do discurso. Na sentença abaixo (27), a forma verbal “kumpra” somente é reconhecida como de primeira pessoa do singular quando adicionada da partícula ‘N’ em seu início, que seria o equivalente ao pronome de primeira pessoa do singular (eu, em português). Essa forma se alterna ou se adiciona com outra forma equivalente de primeira pessoa, “Ami + N”. Assim, a marcação de número e pessoa, na sentença, fica a cargo dessas estruturas de primeira pessoa do singular. Temos então: “Nkumpra” ou “Ami Nkumpra”, correspondendo, ambas, a: “Eu compro”.

27. **Ami Nkumpra** es panu di pinti na ferra di Bandé (Bandim).

Nkumpra es panu di pinti na fera di Bandé.

(**Eu comprei** este pano de pente no mercado de Bandim)

Como visto, as formas verbais, nesse contexto, têm constituição fixa (uma forma única), que irá variar apenas em seu aspecto gráfico, a considerar que a língua bissau-guineense ainda não apresenta padronização em sua modalidade escrita, dependendo de uma representação que tem como base a oralidade. Para sentenças em primeira pessoa do plural, como em (28), há o emprego da mesma forma verbal, cabendo a marcação apenas às formas pronominais de primeira pessoa do plural “Nô” ou “Anos + nô” (ou às formas nominais), como apresentado em: “Nô papia” ou “Anos nô papia”.

28. **Nô papia** ba dja ku el sobre es.

²⁰ Como mencionado, os padrões a serem apresentados nas próximas páginas foram extraídos das devolutivas dos 63 participantes da pesquisa, com a seleção das formas mais usuais, que serão apresentadas, primeiramente, de forma qualitativa. Entretanto, em análise posterior, exibiremos também resultados quantitativos dos fenômenos variáveis de alternância pronominal.

²¹ A relevância deste trabalho se verifica, em nosso entendimento, em primeiro lugar, por considerar amostras de fala reais, coletadas na comunidade de fala e, em segundo lugar, por abarcar número expressivo de falantes, podemos apontar padrões de uso mais recorrentes para as características e fenômenos abarcados.

Anos nô papia ba dja ku el sobre es.
(Nós já tínhamos falado com ele sobre isso).

A título de ilustração, ao passarmos a sentença acima para a primeira pessoa do singular, teríamos a seguinte estrutura: “**(Ami) Npapia** ba dja ku el sobre es ”. Assim, as formas verbais de singular e plural são semelhantes, cabendo apenas a marcação de número e pessoa ao SN-sujeito, no caso, a forma pronominal.

Essa característica, inclusive, faz com que não seja possível ocorrer o apagamento do SN-sujeito, como podemos constatar na sentença que segue (29), retirada do corpus.

29. **(Ami) N’ganha** e (es) presente (presente) di nha mamé.²²
 (**(Eu) Ganhei** este presente da minha mãe.²³)

O apagamento da marca de primeira pessoa ‘N’ ocasionaria, no contexto da língua bissau-guineense, ambiguidade de referência, haja vista a forma verbal “ganha” ser comum a todas as outras pessoas do discurso. A mesma sentença, em primeira pessoa do plural, apresentaria a seguinte constituição: “Nô ganha e presente di nha mamé.”, com forma verbal semelhante à empregada em primeira pessoa do singular.

30. Un dia, **nô** na bim **kontra**.

Um dia, nós MF (*marcador de futuro*) vir contra

Nô na bim **kontra** um dia.

Nós MF (marcador de futuro) vir contra um dia.

Um dia, iremos nos encontrar.

Como podemos notar, a língua Bissau-guineense não aceita sujeito desinencial (oculto), sendo assim é obrigatório o emprego do pronome pessoal, para confirmação da pessoa de referência, haja vista não haver “concordância” com sintagma nominal sujeito, como acontece em outras línguas, como o português padrão.

A estrutura responsável pelo apontamento do número (singular ou plural) e da pessoa

²² Fora dos parênteses, a forma escrita predominante na devolutiva dos participantes, entre parênteses as formas menos empregadas.

²³ Merece destaque o fato de a sentença em português, a qual foi traduzida pelos participantes, apresentar-se com sujeito desinencial, com pronome não explícito.

(primeira, segunda ou terceira) é o núcleo do SN-sujeito, Se não há classe nominal, o número é marcado pelo pronome pessoal. O “na”, presente na sentença 30, marca o futuro e sempre é posicionado antes do verbo.

Na segunda pessoa, o mesmo processo de concordância recorrente na primeira pessoa irá se verificar, como podemos confirmar pela análise das sentenças que seguem, retiradas de nossos dados.

31. **Abo bu ka dibi di papia** ba ku el des manera .

Bu ka dibi papia ba cu el des jeito.

Tu não dever falar PP(pretérito perfeito) com ela deste jeito

(Tu não devias falar com ela desse jeito).

A sentença 31 está na segunda pessoa do singular. O núcleo do sujeito é marcado pelas formas pronominais “abo bu” ou “bu” ou seja, a sentença pode se iniciar com o pronome pessoal (Abo) seguido do pronome secundário acompanhante (bu) ou simplesmente aquele ser apagado, sendo empregado somente a forma *bu*. Dessa forma, com base nas devolutivas dos participantes, há variação no emprego da segunda pessoa do singular, com alternância entre as formas pronominais “abo bu” e “bu”, para expressão da segunda pessoa do discurso.

O *ka* equivale, em português, ao *não*, ou seja, é a marcação da negação. O verbo “dibi” não se flexiona com o sujeito, ou seja, não carrega em sua estrutura informação de número ou pessoa, ocorrendo sempre em sua forma única. O *ba* é marcador verbal do passado.

Na sentença 32, que segue, há, da mesma forma, alternância entre duas formas pronominais para expressão da segunda pessoa do discurso (*abo bu* ou *bu*).

32. **Abo bu ka dibi di cumé** arruz tudu dia.

Você dever de comer arroz todo dia

Bu ka dibi di kumé arruz tudu dia.

Você dever de comer arroz todo dia

(Você deve comer arroz todos os dias).

De forma semelhante ao que se verifica na sentença 32, há o emprego da estrutura verbal invariável, do ponto de vista número-pessoal, no caso, com verbo auxiliar e principal (*divi kumé* ou

divi di kumê).²⁴

Essa característica pode ser confirmada pela análise da sentença 33.a, que segue, com sujeito em segunda pessoa do plural.

33. a. **Abos bo dibi di participa** na campeonato di futebol.

Bo dibi di participa na campeonato di futebol.

Vocês dever de participar no campeonato de futebol.

Vocês devem participar no campeonato de futebol.

Como se pode verificar, alternam-se duas formas pronominais diferentes para referência à segunda pessoa do discurso, *Abos bo* e *bo*, equivalentes a vocês (ou ocês, cês) em português. Esse processo de variação é semelhante ao que ocorre na segunda pessoa do singular. Em outras palavras, há também processo de variação na língua bissau-guineense quanto ao emprego de pronomes pessoais de segunda pessoa do plural, com a possibilidade de emprego de duas formas, e apagamento da primeira forma (*abo*). A alternância, na sentença, entre segunda pessoa do singular e do plural se dá, no caso de emprego apenas da estrutura com um pronome, pela diferença fonológica (*bo*, no singular, *bu*, no plural), o que justifica, inclusive, sua impossibilidade de apagamento. Para o caso do emprego das duas formas, há o acréscimo de ‘s’ na primeira forma e a alternância fonológica na segunda forma, como vemos a seguir.

33. b **Abo bu** dibi di participa ou **Bu** dibi di participa

Tu dever de participar ou você dever de participar

(Você (tu) deve(s) participar)

Abos bo dibi di participa ou **Bo** dibi di participa.

Vocês dever de participar ou vocês dever de participar.

(Vocês devem participar)

De modo geral, pela observação das formas verbais que acompanham o SN-sujeito, é possível confirmar que se tratam de estruturas não variáveis, diferentemente do que ocorre no português padrão, que conta com um paradigma com seis formas diferentes, mas que se assemelha ao que ocorre no inglês standard, que conta, em parte de seus tempos e modos verbais, com uma única forma

²⁴ Há ainda, para esse processo de variação de segunda pessoa do singular, o emprego de uma terceira forma pronominal, reduzida fonologicamente da forma secundária (*bu > u*), como na ocorrência “**U ka** dibidi papia ba cuel assim”.

verbal.²⁵ Essa invariabilidade da forma verbal irá se confirmar também no comparativo de sentenças de terceira pessoa do singular e do plural, como veremos na sequência.

34. **Banuma durmi** ba na sala dipus ki kaba assisti nuvela.

Banuma dormir PP (pretérito perfeito) na sala depois que terminar assistir novela

Banuma durmi ba na sala otcha ki kaba djubi nuvela.

Banuma dormir PP na sala quando que acabar ver novela

A Banuma **dormiu** na sala depois de ter assistido novela.

Na ocorrência 34, percebe-se, pelas respostas dos participantes, que a língua bissau-guineense não apresenta determinante (artigo definido) antes de nome próprio de pessoas, como na sentença (Banuma é um nome feminino na língua *mancanhi*). O verbo *durmi* encontra-se na forma invariável, também empregada para outras pessoas e não se altera também para sentenças no plural, *ba* é o marcador de tempo passado.

Na ocorrência 35, em terceira pessoa do singular, há , como verificado nas outras sentenças dos participantes, emprego da combinação das formas pronominais **El i** ou, simplesmente, da forma *i*. Assim, na alternância pronominal de terceira pessoa do singular, a forma **El** pode ser apagada, mas a forma *i* é obrigatória. O verbo encontra-se na forma invariável *kumpra* (cumpra), acompanhado da marcação pré e pós-verbal de pretérito imperfeito, com as estruturas *ta* + verbo + *ba*.

35. *El i ta kumpra* ba pon tudu dia.

I ta kumpra ba pon tudu dia.

Ele ta comprar PP (pretérito perfeito) pão tudo dia .

(Ele comprava pão todos os dias.)

Na terceira pessoa, confirma-se o padrão da língua bissau-guineense quanto à concordância, já que não ocorre manifestação de número e pessoa no núcleo do sintagma verbal “concordante” de acordo com o núcleo do sintagma nominal, ou seja, a manifestação do plural se dá somente no sintagma nominal sujeito, como podemos observar na sentença que segue, em terceira pessoa do plural.

²⁵ No futuro, por exemplo, teríamos, em inglês, I, You, He, She, We, You, They **will arrive**. Da mesma forma que na bissau-guineense, a marca de pessoa e número se manifestam somente nas formas pronominais, com a estrutura verbal permanecendo invariável.

36. Elis e mora ba djuntu

Elas morar PP dormir

E mora ba djuntu.

Elas morar PP juntas

Elas moravam juntas.

Ao observar a ocorrência 36, percebe-se o mesmo padrão de alternância pronominal, entre as estruturas *elis* e *e*, ambas se referindo à terceira pessoa do plural. O falante faz a opção pelo emprego dessas estruturas, sendo “opcional” o emprego da forma *elis*. Ressalte-se que, para a terceira pessoa do plural, há uma forma pronominal única, comum ao gênero masculino ou feminino (*Elis*). A título de exemplificação, *Elis e mora ba djuntu* pode ser traduzido para o português como *Eles moravam juntos* ou *elas moravam juntas*. A forma *djuntu*, neste caso empregada como adjetivo, também não se flexiona em número e gênero.

O verbo *mora* permanece invariável, como já mencionado, apresentando a mesma estrutura empregada na terceira pessoa do singular.

37. Elis e ta kritika tudu cuxa.

Eles MP (Marcador de presente) criticar tudo coisa.

E ta critica tudu cuxa

Eles MP (Marcador de presente) criticar tudo coisa

(Elas criticam tudo)

Na ocorrência 37, podemos observar que o padrão de marcação de número se confirma, com manifestação de plural apenas no SN-sujeito, no contexto apresentado, representado pelas formas pronominais de terceira pessoa do plural *elis e* ou pela forma *e*.

A oposição entre singular e plural, na terceira pessoa do plural, dessa forma, quando empregadas formas pronominais, se dá da seguinte forma: *El i* ou *i*, para masculino e feminino singular, e *Elis e* ou *e*, para plural masculino e feminino.

Ainda vale ressaltar que os pronomes pessoais secundários como (*N', bu, i, bo, nô, e*), na língua bissau-guineense, são obrigatórios, sendo possível apenas o apagamento da forma pronominal que pode ou não os anteceder, como *ami, abo, el, abos, anos, elis*).

38. **Aulas na kuns**a ermon di amanhã.

Aulas na cunsa dipus di amanhã.

Aulas ir começar depois de amanhã.

(**As aulas começarão** depois de amanhã.)

Na ocorrência 38, o número é marcado no sintagma nominal (aulas), acrescentando a morfema (s) no núcleo nominal, assim o que difere a forma de singular e plural é o emprego do morfema (s). O núcleo do sintagma verbal, no caso o verbo *kunsa* permanece o mesmo, tanto no singular quanto no plural. Esse padrão pode ser confirmado em outras sentenças apresentadas pelos participantes, como as que seguem.

39. a. **Es mininus gosta** di djuga bola dipus di aula.

Estes/ os meninos gostar de jogar bola depois da aula.

b. **Rapazis gosta** di djuga bola ora ke sai di aula.

Rapazes gostar de jogar bola hora que sair da aula.

Os meninos gostam de jogar a bola depois da aula.

Observando as sentenças acima, evidenciam-se aspectos variáveis na língua bissau-guineense, pois o pronome demonstrativo pode ser empregado antes de um substantivo (nome), mas o número sempre será indicado com a adição do morfema (s) ao SN-sujeito, permanecendo a forma verbal invariável.

Na ocorrência 40, que segue, o pronome possessivo “*nha*” é invariável, ou seja, não se flexiona quanto ao gênero, como já apresentado. O substantivo “*fidjus*” é variável somente em relação ao número, não variando em gênero, servindo assim para masculino e para feminino. Para diferenciar o gênero, no que se refere a esse tipo de contexto, sempre ocorre, como já mencionado na fundamentação, a palavra “*femia*” ou “*matcho*”, seguida do nome.

40. **Nha fidjus** (femias) bai pa skola.

Minha filhas fêmeas ir para escola.

(Minhas filhas foram para escola.)

Na ocorrência 41, percebe-se o mesmo padrão de alternância pronominal, entre as estruturas *abo u* e *u*, referindo-se às duas à 2PS. As duas formas são variáveis como já fora apontado, e o falante seleciona a forma primária e secundária ou somente a forma secundária.

41. **U** tchami dja? u fala ké ?

Você embriagar já? você falar quê ?

Abo u tchami dja? Abo u fala ké?

Você você embriagar já? Você falar quê?

Você já bebeu? O que você falou?

Como foi mencionado, a língua bissau-guineense marca o plural através do morfema (s), mas, além dessa forma, há também outra forma de marcar o plural sem a marcação do morfema (s) que é o “ba” que por sua vez pode ser prefixado aos nomes próprios de pessoas para apontar a sua família, amigos, etc.

42. **Ba** Djabi cu falan kila

Vocês Djabi com falar(me) isso.

Djabi e suas amigas que me falaram isso.

Na ocorrência 43, o pronome não-clítico *i* não se flexiona quanto ao gênero, isto é, é um pronome neutro. O verbo “tene” também não flexiona. O artigo indefinido “un” também não se flexiona quanto ao gênero.

43. **I** tene ba un mala.

Ela ter PP um/uma mala.

(Ela tinha uma mala)

Com base nas ocorrências apresentadas, reitera-se que os padrões de concordância da língua bissau-guineense se assemelham aos padrões do português popular brasileiro e do inglês standard, haja vista as formas verbais não apresentarem desinências específicas para cada pessoa do discurso, como se verifica no português padrão. Além disso, a marcação de plural no sintagma nominal também guarda semelhança com o português popular, haja vista o morfema de plural ocorrer de forma variável, tendendo a não ocorrer em todos os elementos do sintagma. Não é demais ressaltar ainda,

em relação à estrutura morfossintática da língua, os processos variáveis de alternância pronominal que ocorrem em todas as pessoas do discurso, no singular e plural.

Para além da descrição já apresentada sobre características relacionadas ao emprego dos pronomes pessoais e à concordância nominal e verbal, prosseguimos com a análise quantitativa complementar dos fenômenos variáveis de alternância pronominal de primeira, segunda e terceira pessoas do singular e plural, que permitirá vislumbrar um panorama do processo de variação, em termos de frequência de uso das variantes em coocorrência e concorrência. Embora não sejam apresentados os fatores externos e internos intervenientes nesses processos, os quais podem favorecer uma ou outras variantes, essa visão geral proporciona avanço em relação aos estudos já realizados, porque vai além da análise qualitativa e aponta possíveis tendências de uso na comunidade.

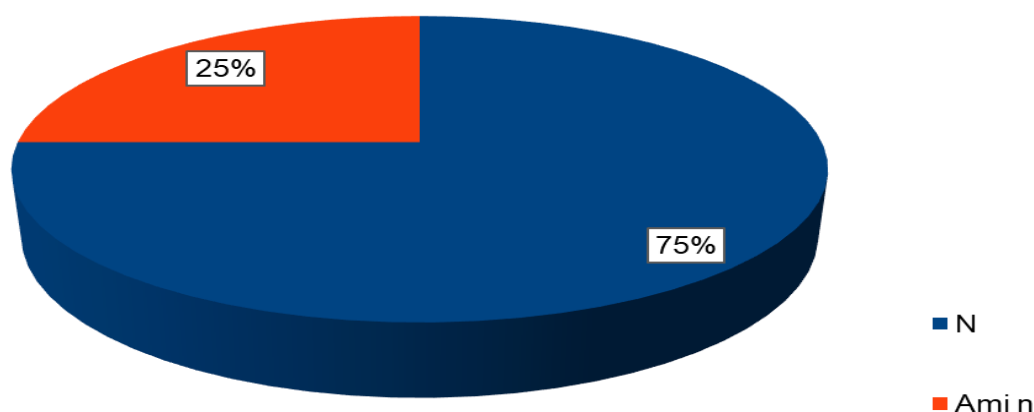
Para essa análise, selecionamos, dentre todas as ocorrências do corpus, as que especificamente apresentavam pronomes pessoais em posição de sujeito. Segue a ocorrência de primeira pessoa do plural considerada para a composição do gráfico referente à variação de primeira pessoa do singular entre as formas *N* e *Ami N*.

44. **N'kumpra** e panu di pinti na fera di bandê.

Ami N'cumpra es panu di pinti na fêra di Bandé.

(Eu comprei este pano de pente no mercado de Bandim)

Gráfico 3. Variação entre as formas pronominais de 1PS na língua bissau-guineense: *Abo N* e *N*



Fonte: elaborado pela autora

Considerando-se as respostas dos participantes para esta ocorrência de primeira pessoa,

percebemos que a maior parte empregou a forma “N”, ou seja, usaram a estrutura composta de uma única forma pronominal (75% do total em oposição a 25% de emprego da forma pronominal dupla, *Ami N*). Esses resultados, em primeiro lugar, relatam um processo de variação entre essas formas e, predominantemente, o emprego da forma com apenas uma estrutura, o que poderia sinalizar um possível processo de redução fonológica e de apagamento do conteúdo redundante, aos moldes do que foi verificado em outros fenômenos variáveis, tendendo ao mesmo processo de economia linguística já mencionado na fundamentação teórica.

Na sequência, apresentamos a ocorrência considerada para análise da alternância pronominal de segunda pessoa do singular e seu respectivo gráfico de frequências.

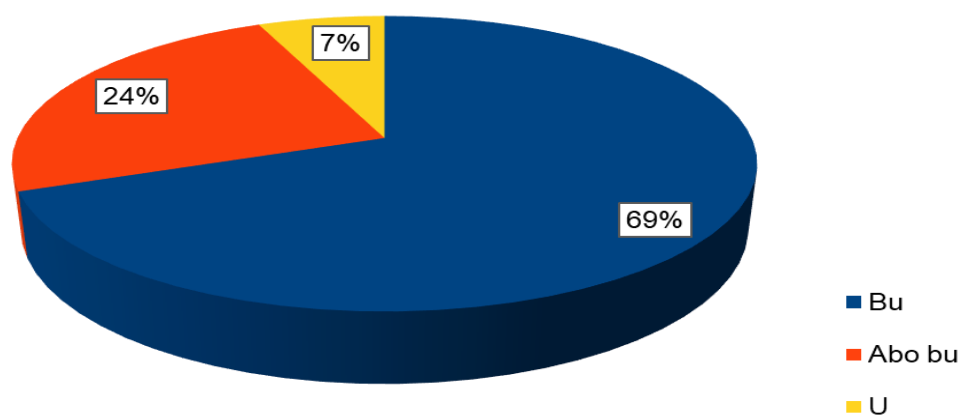
45. **Bu** ka dibidi papia ba kel sin.

Abo bu ka dibi di papia cu el des manera.

U ka dibidi papia ba cuel assim.

(Tu não devias falar com ela desse jeito)

Gráfico 4. Variação entre as formas pronominais de 2PS na língua bissau-guineense: *Abo bu, bu e u*



Fonte: elaborado pela autora

Como podemos observar, há um processo de variação de segunda pessoa do singular, com o emprego de três formas alternantes (*abo, bu e u*). A forma empregada com maior frequência é a forma “bu”, com quase 70% de frequência de uso nas respostas. A forma pronominal dupla, com pronome clítico e não-clítico (*Abo bu*) ocorreu com 24% de frequência e a forma reduzida, composta apenas do morfema *u*, foi empregada por 7% dos participantes. A análise geral desse processo pode sugerir

a mesma tendência da variação de primeira pessoa do singular, haja vista haver maior emprego da forma não redundante, composta pela estrutura *bu* ou apenas sua forma reduzida, *u*, e essa forma *u* é menos usada.

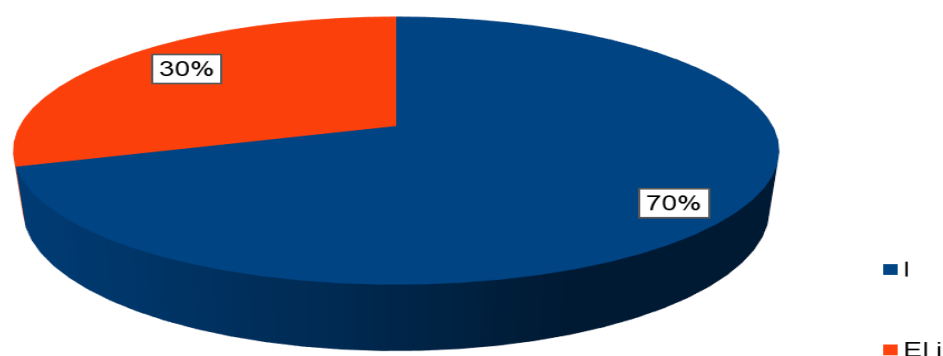
Segue, na sequência, a ocorrência considerada na análise frequencial do fenômeno de alternância pronominal de terceira pessoa do singular, que se dá entre as formas *i* e *El i*, seguida do respectivo gráfico.

46. **I** ta kumpra ba pon tudu dia.

El i ta kumpra ba pon tudu dia.

(Ele comprava pão todos os dias).

Gráfico 5. Variação entre formas pronominais da terceira pessoa do singular na língua bissau-guineense: *el i* e *i*



Fonte: elaborado pela autora

Como pode ser observado, há o predomínio de respostas dos participantes com o emprego da forma pronominal clítica (*i*), com 70% de frequência, contra 30% de emprego da forma pronominal dupla (*El i*). A tendência já verificada nos outros fenômenos variáveis de alternância pronominal da língua bissau-guineense se mantém, com a forma não redundante sendo a mais empregada. Vale ressaltar que apenas trata de uma hipótese relacionada ao princípio da economia linguística, que deve ser confirmada com base em novos estudos que, para além da análise das frequências gerais de emprego das formas alternantes, considere também fatores de ordem linguística e extralinguística, apontando possíveis tendências de mudança em progresso.

Dando prosseguimento à análise quantitativa dos fenômenos de alternância pronominal na língua bissau-guineense, apresentamos a ocorrência considerada para primeira pessoa do plural e o

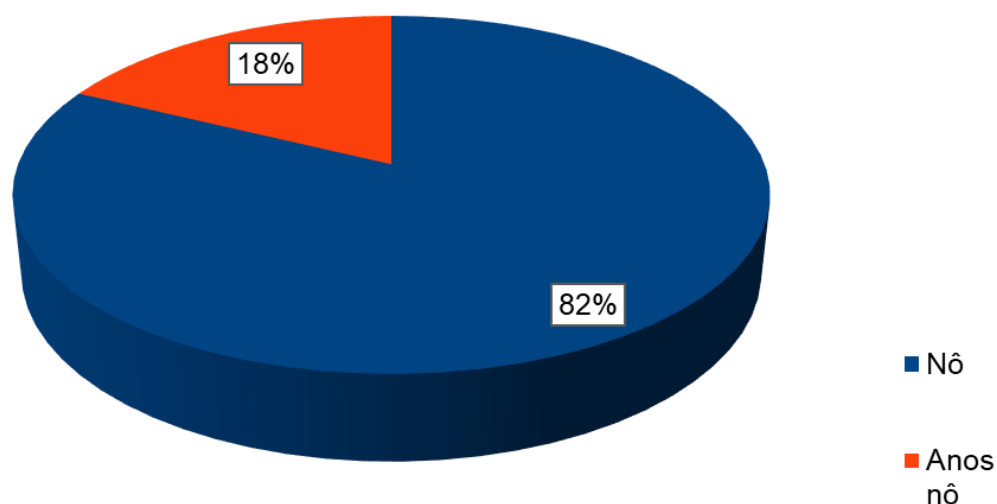
respectivo gráfico de frequências de uso das formas em variação. A alternância, neste caso, se dá entre as formas *nô* e *Anôs nô*.

47. **Nô** papia ba dja ku el sobri és.

Anôs nô papia ba dja ku el kusa di kila.

(Nós já tínhamos falado com ele sobre isso)

Gráfico 6. Variação entre formas pronominais da primeira pessoa do plural-1PP na língua bissau-guineense: *anos nô* e *nô*



Fonte: elaborado pela autora

Os resultados extraídos das respostas dos participantes evidenciam 82% de emprego da forma única *nô* em oposição a apenas 18% de emprego da forma pronominal dupla *anos nô*. A tendência já vislumbrada nos fenômenos anteriores relacionados à alternância pronominal se repete também para a 1PP, com maior emprego da forma sem redundância.

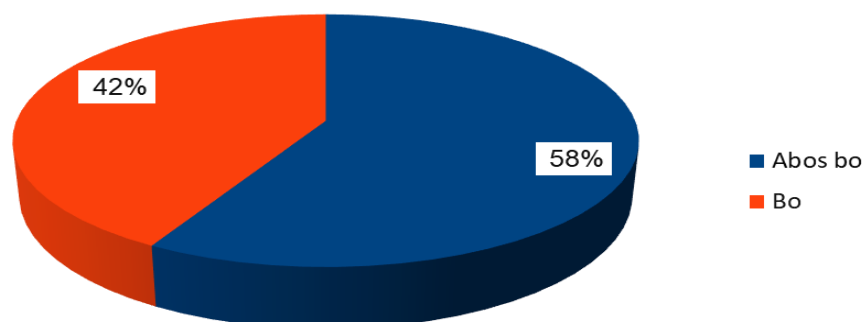
Prosseguindo com nossa análise quantitativa para os fenômenos de alternância pronominal, apresentamos a ocorrência de segunda pessoa do plural considerada e o respectivo gráfico com resultados. A alternância, neste caso, se dá entre as formas pronominais *bo* e *abos bo*.

48. **Bo** dibidi participa na campeonato di futebol.

Abos bo dibidi participa na campeonatu di futebol.

(Vocês devem participar no campeonato de futebol)

Gráfico 7. Variação entre formas pronominais da segunda pessoa do plural na língua bissau-guineense: *abos bo* e *bo*



Fonte: elaborado pela autora

Como podemos constatar no gráfico, 58% das ocorrências produzidas pelos participantes apresentaram o emprego da forma pronominal dupla, *abos bo*, e os 42% restantes, a forma simples, *bo*. Esse resultado difere da tendência geral de variação apresentada para as demais pessoas do discurso, pois houve, nos casos anteriores, a preferência pela forma reduzida, que não apresentava redundância informacional, com o emprego de dois pronomes representando a mesma pessoa e número.

Uma possível explicação para essa caracterização ímpar do processo de alternância pronominal de segunda pessoa do plural, a qual carece de confirmação com estudos mais aprofundado e centrados especificamente neste fenômeno, seria de que as formas pronominais reduzidas de segunda pessoa do singular e do plural assemelham-se bastante, guardando apenas uma pequena diferença fonético-fonológica, com vogal um pouco mais alçada no plural (*bo* > singular x *bu* > plural), como podemos ver nas sentenças: **Bu** dibidi participa na campeonatu di futebol x **Bo** dibidi participa na campeonatu di futebol. Em nossa análise, essa proximidade sonora poderia gerar entre os falantes uma possível ambiguidade de referente (você x vocês, em português), quando empregado somente o pronome único. Essa ambiguidade levaria ao maior emprego da forma dupla, a qual permitiria a desambiguação (*abo bu* > singular x *abos bo* > plural), como evidencia-se na oposição entre as sentenças: **Abo bu** dibidi participa na campeonatu di futebol x **Abos bo** dibidi participa na campeonatu di futebol.

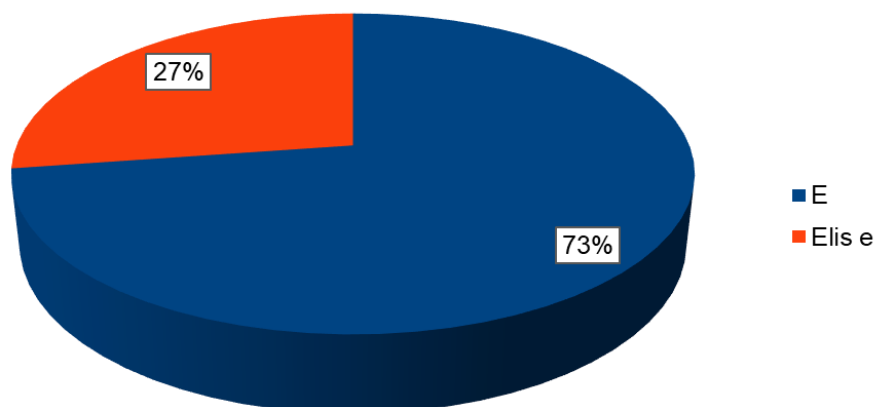
Temos ainda mais um fenômeno de alternância pronominal na língua-guineense, centrado na terceira pessoa do plural, como se pode verificar na sentença que segue, considerada na análise, e no gráfico 8.

49. **E** mora ba djuntu.

Elis e mora ba djuntu.

(Elas moravam juntas)

Gráfico 8. Variação entre formas pronominais da terceira pessoa do plural na língua bissau-guineense: *elis e* e *e*.



Fonte: elaborado pela autora

O gráfico aponta frequência maior de emprego da forma clítica única do pronome de 3PP, com 70% das respostas dos participantes e, em oposição, 27% de emprego da forma com o pronome duplo, *elis e*. A tendência se mantém a mesma das demais pessoas do discurso (primeira, segunda e terceira do singular e primeira do plural), com a forma única, sem duplicação, prevalecendo em mais de dois terços das ocorrências. A exceção se fez apenas para a alternância de segunda pessoa do plural, previamente debatida.

Esses resultados frequências, de modo algum, abarcam toda a complexidade dos fenômenos variáveis relacionados à alternância pronominal na língua bissau-guineense, entretanto contribuem de forma relevante para que já se anuncie, em primeiro lugar, que há fenômenos variáveis em todas as pessoas e, em segundo lugar, que pode haver possíveis mudanças em progresso, caminhando em direção à simplificação do quadro pronominal, o que, em língua ágrafas pode ocorrer de forma mais

rápida do que em línguas que já possuem uma norma-padrão constituída.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a discussão feita até aqui, percebe-se que, na língua bissau-guineense (língua guineense, kriol), há processos de variação em todas as pessoas do discurso, no que se refere ao emprego dos pronomes. As alternâncias pronominais se dão entre o emprego das formas clíticas e não clíticas, com emprego categórico da forma clítica e emprego variável da forma não-clítica. Em outras palavras, os processos de variação se instanciam pela presença ou ausência da forma clítica.

A não possibilidade de apagamento das duas formas pronominais está relacionada ao fato de, na língua Bissau-guineense, não haver marcas de concordância nos verbos, sendo empregada está em estrutura invariável, cabendo ao SN-sujeito a marca de número e de pessoa. O paradigma de conjugação verbal do bissau-guineense assemelha-se ao de outras línguas, como o inglês padrão e o português popular, no que diz respeito à ausência de marcas de concordância nas formas verbais. As marcas de modo e de tempo ocorrem em estruturas pré e pós verbais, não ocorrendo em verbos no presente.

Conforme a análise de ocorrências revelou, percebe-se, ainda, que a língua Bissau-guineense não emprega artigo, e o plural é marcado morfológicamente por meio da sufixação do morfema de plural {-s} aos nomes, principalmente os [+ humanos], não só pelo morfema {-s}, mas também pelo marcador “ba” que é usado para apontar a família e amigos.

Na língua bissau-guineense, o plural não é marcado redundantemente em todos os elementos do SN-sujeito, como no português padrão, mas sim apenas no núcleo dessa estrutura. Essa constituição não é *sui generis*, como já apontaram estudos da Crioulística (Djaló, 2023), guardando semelhança com a estrutura de línguas modernas, como o inglês, que apresenta também marcação de plural em um único elemento do sintagma nominal (núcleo), além de não apresentar marcação de número e pessoa nas formas verbais.

Considerando-se o que foi analisado, é possível verificar que há, na língua, propensão de ajuste ao princípio da economia linguística, aludido por Bagno (2011), que defende que todas as marcas redundantes tendem a ser apagadas pelo falante. Essa constatação pode ser confirmada pela análise que constatou que a língua apresenta como padrão para marcação de plural o emprego de uma única marca no SN-sujeito, que não irá se repetir em todos os elementos que o compõem e que não irá se manifestar também nas formas verbais que o acompanham na sentença.

Cabe destacar, em relação à análise quantitativa, a maior tendência geral de emprego, por parte dos participantes, das formas com apenas uma forma pronominal clítica, sinalizando uma possível mudança em progresso em favor da simplificação do quadro pronominal.

É possível se conjecturar que a maior influência do princípio da economia linguística pode se manifestar de forma mais evidente na língua, por esta ainda experimentar um processo de gênese, no qual ainda não se apresenta uma norma-padrão e uma modalidade escrita historicamente constituídas, como ocorre com línguas europeias, como o português, que, apesar de estar sujeito ao princípio da economia linguística, encontra-se também sob imposição da norma, que prescreve a redundância de emprego de marcas de pluralização em todos os elementos do SN-sujeito e na estrutura verbal que o acompanha.

As características e fenômenos apresentados ao longo de nossa discussão permitiram que se fizesse conhecer um pouco mais de uma língua ainda pouco explorada pelos estudos linguísticos, seja por ainda se encontrar em um processo de gênese recente, seja por não gozar de mesmo prestígio e status de outras línguas modernas.

Em nossa visão, há muito a ser conhecido no continente africano e, em especial, no pequeno país chamado de Guiné-Bissau. Esse território de extensões modestas guarda em seu interior um grande universo linguístico e, em seu interior, uma língua de características únicas, como são todas as línguas naturais, atravessadas por anos de história e culturas e por diferentes povos e interações.

A descrição das características da língua bissau-guineense não somente permite a inserção desse idioma nos anais e registros do universo acadêmico, o que, por si só já justificaria essa tarefa, mas proporciona também o reconhecimento de um povo e a preservação de sua cultura e de sua língua.

Legitimar a língua bissau-guineense como língua de identidade nacional e de resistência é reconhecer o esforço e a luta do povo da Guiné-Bissau contra a secular opressão colonial. Esperamos, em nossa simplicidade modesta, ter contribuído, neste trabalho, para essa legitimação.

Este estudo contribuirá para a valorização e legitimação da língua bissau-guineense como uma língua que representa a identidade nacional e a resistência cultural do povo da Guiné-Bissau. Espera-se que a pesquisa promova o reconhecimento do crioulo, tanto no contexto acadêmico quanto na sociedade em geral, servindo como uma base sólida para investigações futuras. Ao documentar e analisar a língua bissau-guineense, este trabalho não apenas enriquecerá o entendimento sobre sua gramática e variação linguística, mas também abordará seu impacto sociocultural. Assim, ajudará na preservação cultural, garantindo que as futuras gerações possam manter viva uma parte significativa de sua herança.

A pesquisa busca fortalecer a identidade nacional da Guiné-Bissau, cultivando um maior orgulho e consciência acerca da importância da língua como símbolo de resistência e unidade. Essas expectativas refletem o potencial do trabalho para impactar positivamente a Guiné-Bissau, tanto no

âmbito acadêmico quanto no desenvolvimento social e cultural do país. Continuarei a explorar a realidade linguística da Guiné-Bissau, contribuindo para a construção de materiais didáticos e gramáticas mais abrangentes, que vão além das abordagens preliminares.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**. Cotia, SP: Ateliê ed, 2018.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Editora Garamond, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Nova Fronteira, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4891270/mod_resource/content/1/BECHARA%2C%20Evanildo%20-%20Moderna%20Gram%C3%A1tica%20Portuguesa.pdf. Acesso em: 23 ago 2023.
- BORIN, Maisa Augusta. **Sociolinguística**. Universidade Federal De Santa Maria. Centro De Artes e Letras Curso de Graduação de Letras/Português. 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/16413>. Acesso em: 23 ago. 2023.
- CÁ, Imelson Ntchala; RUBIO, Cássio Florêncio. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa na Guiné-Bissau. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 389-421, 2019.
- CÁ, João Fernando. **Aspectos linguísticos do guineense: reflexões acerca de uma língua**. 2021. 107p. Dissertação de Mestrado (Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/bitstream/1/46361/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Aspectos%20lingu%C3%ADsticos%20do%20guineense%3A%20reflex%C3%B5es%20acerca%20de%20uma%20l%C3%ADngua.pdf. Acesso em: 2 jan. 2024.
- CALVET, Jean-Louis. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 4ª. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CASTILHO, Ataliba T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto. 2010.
- CHABAL, Patrick. *Amílcar Cabral: Revolutionary Leadership and People's War*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- COELHO, Rafael Ferreira. **É nós na fita! duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulista: o pronome de primeira pessoa do plural e a marcação do plural no verbo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Acesso em: 01 fev. 2024. Disponível em: <http://pos.fflch.usp.br/node/13424>.
- COSTA, Alberto. **Guiné-Bissau: História e Cultura**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- COSTA, Paula Mendes. **Descrição fonológica do crioulo guineense. 2014. 233p**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13296/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Paula%20Mendes%20Costa.pdf>
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, v. 20, p. 11-253, 2011.
- CRUZ, Carlos Mauricio. A análise morfossintática e o estudo dos sintagmas sugestões metodológicas. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 13, n. 19, p. 399-413, 2014.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. LEXIKON Editora Digital Ltda, 2016. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7643038/mod_resource/content/1/Cunha%20e%20Cintra%20%20Nova%20gram%C3%A1tica%20do%20portugu%C3%AAs%20contempor%C3%A2neo.pdf

DANFA, Abdulai. Variação fonológica no sistema pronominal do kriol: o caso de “bu”: Variason fonologica no sistema pronominal di kriol: cazu di “bu”. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 2, n. 1, p. 273-287, 2022.

DJALÓ, Mamadú Saliu. **Plenitude e funcionalidade da língua Guineense: um estudo sociolinguístico sob a perspectiva dos usuários**. 2023. 139p. Dissertação de mestrado em linguística na Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18663>.

DJAU, Rachido. Situação sociolinguística, cultural e étnica da Guiné-Bissau e suas implicações. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, v. 6, n. 14, p. 111-124, 2015.

DUARTE, Fábio Bonfim. Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos em línguas de sujeito nulo. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 31-56, 2008.

EMBALÓ, Filomena. O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional. **Papia**, v. 18, p. 101-107, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53157558-O-crioulo-da-guine-bissau-lingua-nacional-e-factor-de-identidade-nacional.html>.

FAFINA, Danildo Mussa. Língua portuguesa: Guiné-Bissau e Brasil um caso de variação linguística. 2011. Disponível em: <http://www.didinho.org/Arquivo/ARTIGO%20DE%20DANILDO%20II%20CIDS.pdf>.

FERREIRA, Isabel. O papel da mulher na cultura guineense. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

Guiné-Bissau. Recenseamento geral da população e habitação da Guiné-Bissau: características socioculturais: III RGPH/2009. disponível em: Recenseamento geral da população e habitação Guiné-Bissau : III RGPH/2009 no catálogo SearchWorks (stanford.edu).

INTUMBO, Incanha. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. 2007. 124p. Dissertação de Mestrado na área científica de Linguística Descritiva. Universidade de Coimbra. Coimbra.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LIMA, A. G. M. M. História da Guiné-Bissau. Bissau: Edição do Autor, 2007.

Margotti, Felício Wessling; Margotti, Rita de Cássia Mello Ferreira. **Morfologia do Português**. Morfologia do Português. Florianópolis – 2011.

MARIA, Candinha Pinto. **Movimento do verbo em kriol**. 2013. 49p. Dissertação de Mestrado em Linguística, universidade de Lisboa. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9945/1/ulfl139255_tm.pdf.

MATCHE, Benibel Gomes Marques. **Descrição preliminar da concordância nominal e verbal de terceira pessoa do guineense**. 2017. 20 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras-Ihl, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/1622>.

MATEUS, M.H.M et al. **Gramática da língua portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MEDEIROS, Andrea Dias de. **Um estudo sobre a variação linguística no português do Brasil**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)—Universidade de Brasília, Instituto de Letras,

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/7184>.

MIRANDA, Lília Soares. Da diversidade linguística do Português brasileiro: a concordância nominal no Português falado no Brasil. **Caleidoscópio**, v. 4, p. 352-365, 2016.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA Maria L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto., 2003.

NHAGA, Ghorque Joaquim. **Formação de identidade nacional na Guiné-Bissau**. 2011. 74 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2104>.

OLIVEIRA, Almir Almeida; MARQUES, Andressa Kaline; PAULA, Aldir Santos. A Variação na Concordância Nominal na Língua Falada na Capital Alagoana. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 22, n. 2, p. 145-166, 2019.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2005.

RIBEIRO, J. C. L. Aspectos da História e Cultura Guineense. Bissau: Edições Novas, 1996.

ROCHA-LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português Brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 323p. Tese de doutorado, Universidade estadual paulista “Júlio de Mesquita filho” - UNESP. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109234>. Acesso em : 23 ago. 2023.

RUBIO, Cássio Florêncio; CÁ, João Fernando. A avaliação do português e das demais línguas de Guiné-Bissau por estudantes guineenses do ensino secundário. **Caderno de Letras**, n. 33, p. 147-182, 2019.

SANA, Nágila Kelli Prado; DA SILVA BUENO, Elza Sabino. **Estudo comparativo da marcação de plural no pvb e no crioulo da Guiné-Bissau**. Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS), 2012.

SANTOS, Miriam F. M. S. dos. As mulheres e a tradição na Guiné-Bissau. Bissau: Edições Novas, 2011.

SANTOS, Renata Livia Araújo. Concordância verbal e suas variáveis. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 14, 2013.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário Guineense**. Volume I. FAPESBI. Introdução e Notas Gramaticais. Lisboa. 1999.

SCANTAMBURLO, Luigi. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense**. 2013. 346p. Tese de Doutorado em Linguística Especialidade de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Universidade nova de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/10960>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 1, 1993.

SILVA LOPES, Norma. O mecanismo da variação da concordância no Português: observações quanto a marcas nos verbos e nos nomes (The mechanism of variation in agreement in Portuguese:

observations concerning agreement marking on verbs and nouns). **Estudos da Língua (gem)**, v. 13, n. 2, p. 59-72, 2015.

SILVEIRA, Gessilene. **O comportamento sintático dos clíticos no português brasileiro**. Dissertação de Mestrado. 1997. 112p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/112183>.

SOARES. Miranda Lília. A influência de variáveis linguísticas e sociais na ausência de concordância nominal no português falado no Brasil. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília P; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. Ed – São Paulo: Cortez, 2011.

SOUZA, U. R. (2019). Elementos para a compreensão de Línguas Crioulas e Pidgins: conceitos e hipóteses. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, 2(2). Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/25872>

SVOBODOVÁ, Iva. **Sintaxe da língua portuguesa**. Vydala Masarykova univerzita v roce. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/janif/Downloads/SintaxedaLnguaPortuguesa.pdf>.

TAM'SI, Tchicaya U. Memórias de uma Guiné-Bissau. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

TAVARES, Amanda Teixeira Pinho. **A concordância verbal e nominal em escolas públicas e particulares**. 2021.92p. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36507/1/Dissertacao_Amanda_Tavares.pdf.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. **Linguística**, v. 30, n. 2, p. 81-112, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].